



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

MARIA INÊS FEITOR PINTO RODRIGUES DE OLIVEIRA

Jesus Cristo, rosto humano do Mistério
Reflexão e proposta a partir da Unidade Letiva 2 do 9ºano
“Deus, o grande Mistério”, do programa de Educação Moral
Religiosa Católica

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Professor Doutor Alfredo Manuel Matos Alves Rodrigues Teixeira
Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio

Lisboa
2020

Disse-lhe Jesus:

Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida,

Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim. (João 14:6)

[...] Acreditar em Deus é um dom inestimável, mas requer também ser acolhido [...] Quando Deus toca o coração dum jovem, dum jovem, estes tornam-se capazes de ações verdadeiramente grandiosas. [...] ¹

¹ Papa Francisco, «Mensagem do Papa Francisco para a XXXII Jornada Mundial da Juventude 2017», acedido a 17 junho 2018, http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20170227_messaggio-giovani_2017.html.

AGRADECIMENTOS

Tendo consciência de estar grata a tantos que me incentivaram e apoiaram para a realização deste mestrado, gostaria de destacar o meu sincero agradecimento:

Ao professor Juan Francisco Ambrosio pela sua enorme ternura, compreensão e apoio.

Ao professor Alfredo Teixeira pelo seu apoio fundamental na realização deste trabalho.

À professora Margarida Portugal, pela sua enorme colaboração, ensinamentos, carinho, amizade e dedicação ao longo de todo o estágio.

À Irmã Conceição, diretora do Colégio Apresentação de Maria na cidade do Funchal, que me acolheu e me apoiou para que esta minha caminhada se tornasse mais leve.

À Universidade Católica Portuguesa pela possibilidade de realização deste mestrado.

A todos os meus professores do mestrado.

Ao SNEC pelo apoio realizado.

Aos meus pais, pela forma como me educaram abrindo assim a minha vida à maravilhosa descoberta da fé cristã. Por sempre terem acreditado em mim e me terem apoiado em todas as minhas decisões.

À minha irmã por sempre me apoiar, me ajudar, me mimar e proteger na caminhada da vida.

Aos meus cinco filhos por todo o amor que diariamente me dão. Por terem aceitado tranquilamente, docemente e com uma enorme compreensão, todo o tempo que esta minha caminhada por Lisboa, na realização do mestrado, me ocupou.

Ao meu tio Vítor que com a sua enorme sabedoria e exemplo de vida na fé foi fonte de inspiração para a realização deste mestrado.

A toda a minha família, em especial a Gui, que sempre me apoiou e tanto rezou por mim.

A todos os meus amigos, em especial à Ariana, Petra, Tiago e Júlia que sempre estiveram ao meu lado.

À Teresa por me aturar sempre, mesmo nos dias menos bons, dando-me ânimo e coragem para a realização do presente relatório.

A todos os meus colegas e companheiros nesta “aventura”, em especial à Cristina, Jorge e César, pelo que me aturaram e mimaram ao longo desta jornada, que também foi a deles, ajudando-me sempre a realizar o melhor possível este mestrado me encorajando sempre a nunca desanimar.

À Luísa pela disponibilidade manifestada, ao longo da realização deste mestrado, ao tomar conta dos meus filhos aquando das minhas viagens a Lisboa.

Agradeço a Cristo o enorme amparo que, diariamente, me dá. Sempre foi e será “meu Pastor” e por Ele e com Ele “nada me faltará”.

ÍNDICE GERAL

Índice das figuras.....	7
Índice dos gráficos.....	7
Índice dos quadros.....	7
Resumo.....	8
<i>Abstract</i>	9
Abreviaturas.....	10
Introdução.....	11
Capítulo 1: A Escola e a EMRC.....	13
1. – Contributo na educação integral do aluno.....	13
2. – Os desafios com que a disciplina de EMRC se depara.....	19
3. – O importante papel do professor de EMRC.....	21
Capítulo 2: A prática de ensino supervisionada.....	26
1. Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada.....	26
1.1 Um percurso formativo	26
1.2 Caracterização da escola.....	28
1.3 Caracterização da turma.....	31
2. Unidade Letiva 2 do 9º ano: “Deus, o grande Mistério”.....	31
2.1 Enquadramento da Unidade Letiva no programa de EMRC.....	32
2.2 Pertinência da lecionação da Unidade Letiva para os alunos.....	34
3. A experiência da lecionação da Unidade Letiva.....	35
3.1 Planificações de nível IV e reflexão sobre as aulas lecionadas.....	37
3.2 Instrumentos de avaliação utilizados.....	62
4. Balanço da experiência de lecionação na PES.....	64
5. Identificação e justificação do objeto de estudo.....	66
Capítulo 3: “Deus, o grande Mistério” (UL2) – objeto de estudo.....	67
1. Perceção que os alunos do 9º ano demonstram ter de Deus.....	68
2. A importância da vivência das tradições religiosas, na ilha da Madeira, como parte integrante da cultura, na construção da identidade pessoal do aluno madeirense como cristão.....	73
2.1– Ser humano, cultura e religião.....	74
2.2– As tradições religiosas madeirenses	76
2.3– O aluno madeirense, ser humano inserido numa cultura.....	80
3. Jesus Cristo, rosto humano do Mistério. Fundamentação.....	81

Capítulo 4: Proposta pedagógica - Unidade Letiva - “Deus, o grande Mistério”.....	87
1. Fundamentação da proposta de reformulação do programa para a lecionação da Unidade Letiva.....	87
2. Proposta concreta para a lecionação da Unidade Letiva.....	88
Conclusão.....	95
Bibliografia.....	97
Anexos.....	102

ÍNDICE DAS FIGURAS

Figura 1 – Escola D. Fernando II, Sintra.....	28
Figura 2 – Enquadramento do programa de EMRC.....	34
Figura 3 – Festa da Missa do Parto.....	77
Figura 4 – Festa dos cantares do Espírito Santo.....	78
Figura 5 – Festa da Nossa Senhora do Monte.....	79
Figura 6 – Festa da Senhora da Piedade.....	79

ÍNDICE DOS GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição percentual dos alunos que acreditam ou não em Deus.....	69
Gráfico 2 – Distribuição percentual do motivo que leva os alunos a acreditar em Deus.....	69
Gráfico 3 – Distribuição percentual das diferentes opiniões e quem é Deus para os alunos...	70
Gráfico 4 – Distribuição percentual do significado que Deus tem na vida dos alunos.....	70
Gráfico 5 – Distribuição percentual de como os alunos imaginam Deus quando lhes falam D’ele.....	71
Gráfico 6 – Distribuição percentual acerca de quem falou de Deus aos alunos.....	72
Gráfico 7 – Distribuição percentual acerca da opinião dos alunos se Deus e Jesus Cristo são a mesma pessoa.....	72

ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro 1 - Proposta de reformulação do programa para a UL do 9º ano.....	89
Quadro 2 - Proposta de planificação de lecionação para UL do 9º ano.....	92

RESUMO

Este trabalho, incidindo sobre a Unidade Letiva - “Deus, o grande Mistério”, expõe uma análise acerca da visão que os jovens/ alunos têm sobre Deus e de forma esta unidade letiva, a segunda do programa de Educação Moral e Religiosa Católica do 9ºano, pode contribuir para a formação e construção dessa visão aos olhos do aluno madeirense.

A interrogação sobre Deus e Sua existência é uma questão que ocupa a mente humana. Quem é Deus? Como se revela ao mundo? Como atua? Como o sinto? O porquê de acreditar em Deus? Que efeitos e benefícios traz para a minha vida? Como a família, a cultura e tradições, me influencia? Que decisão tomar acerca da religião? São apenas algumas das perguntas que surgem na cabeça dos jovens atualmente.

Num mundo completamente secularizado, global, com acesso no imediato a todo o tipo de informação, o aluno encontra-se mergulhado numa agitação nem sempre perceptível, mas existente e perigosa. Num mundo de consumismo, em que se apresenta uma ampla variedade de criações do transcendente, falar aos jovens sobre um Deus único, salvador, eternamente bom, com capacidade infinita de perdão, que se relacionou com o Homem, mas nunca “se mostrou” (Deus invisível), é um enorme desafio, uma missão difícil, que requer imaginação e persistência.

Deste modo no presente relatório pretendo mostrar que os jovens/alunos do século XXI, não conseguem pensar em Deus, enquanto Ser individual, único e muito menos enquanto o Ser invisível do Antigo Testamento, mas sim o Pai sempre apresentado por Jesus Cristo. É através de Cristo que se consegue levar Deus aos jovens e é através de Cristo que se consegue levar os jovens até Deus.

Apesar da minha experiência na PES, a minha reflexão terá o seu centro na realidade madeirense, na medida em que é nessa realidade que leciono há 16 anos.

Com base nessa análise é apresentada uma proposta pedagógica de reformulação do programa e planificação da Unidade Letiva 2 do programa do 9º ano.

Palavras-Chave – EMRC; Educação; Aluno do séc. XXI; Juventude; Religião; Dimensão Religiosa; Dimensão antropológica, Tradições.

ABSTRACT

This work, focused on Unit – ‘God, the Great Mystery’, exposes an analysis of the vision young people/students have of God and the way Unit 2 of the syllabus can contribute to the making of this vision in the eyes of the Madeira student.

Questioning God and His existence is a basic Human concern. Who is God? How does He reveal Himself to the world? How does he act? How I feel Him? Why believe in His existence? What implications and benefits does He bring to our lives? How does family, the culture and traditions influence us? What decisions should we make concerning religion? These are but a few questions young people have to deal with nowadays.

In a fully global and secular world, with immediate access to all sorts of information, the student is immersed in a world of restlessness not always perceptible, but existent and dangerous. In a world of consumerism, in which a broad variety of creations of the transcendent is presented, talking to youngsters about one only God, our Saviour, eternally good, with the gift of infinite mercy, who related to Man but “never revealed Himself to him” (an invisible God), is in fact a great challenge, a complicated mission which requires some imagination and persistence.

Therefore, in this current report, I intend to show that 21st Century teenagers/students are not able to think of God as an Individual Almighty Being, let alone as the Invisible Being from the Old Testament, but as the Father always presented by Jesus Christ. It is through Christ that we may lead God to the young and it is through Christ that we may lead the young to God.

Despite my experience in PES, I will focus on the reality of Madeira, as it is this reality that I have been teaching for 16 years.

Based on this analysis, I hereby present a pedagogic proposal for program reformulation and planning to Unit 2 of the 9th Form syllabus.

Key-Words: CMRE; Education; 21st Century students; Youth; Religion, Religious Dimension; Anthropological Dimension, Tradition.

ABREVIATURAS

AGML - Agrupamento Monte da Lua

AT – Antigo Testamento

CIC - Código do Direito Canónico (*Codex Luris Canonici*)

DT - Deuterónimo

EMRC – Educação Moral Religiosa Católica

GE – *Gravissium Educationis*

GN – Génesis

Jo – João

Jr - Jeremias

Jz – Juízes

Lc - Lucas

Mt - Mateus

NEE – Necessidades Educativas Especiais

ONU – Organização das Nações Unidas

PAA – Plano Anual de Atividades

PEE – Projeto Educativo de Escola

PES – Prática de Ensino Supervisionada

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

RAM – Região Autónoma da Madeira

Sir – Ben Sirá

Sm – Samuel

SL - Salmo

SNEC – Secretariado Nacional Educação Cristã

Tg - Tiago

UL – Unidade Letiva

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

INTRODUÇÃO

A realização do presente Relatório Final surge da frequência da Prática de Ensino Supervisionada², realizada no Agrupamento «Monte da Lua», Sintra, na escola do 2º, 3º ciclos e Secundário D. Fernando II, no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas com especialização em Educação Moral e Religiosa Católica³, realizado na Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, no ano letivo de 2017/2018.

A reflexão que aqui se expõe parte da lecionação da Unidade Letiva⁴ 2 – “Deus, o grande Mistério”, que faz parte do programa da disciplina de EMRC do 9º ano de escolaridade do ensino básico.

«A interrogação sobre Deus é uma questão humana fundamental»⁵, que surge impreterivelmente como tentativa de resposta de qual o sentido da vida. Uma vez que o sentido da vida é algo de muito concreto e pessoal, é no interior de cada um que se desenrola toda esta questão e experiência de Deus.

Na faixa etária (14 aos 16 anos) em que os alunos do 9º ano de escolaridade se encontram, existe uma rápida caída do antropomorfismo, criado nas idades anteriores, sobre a figura de Deus. O jovem passa a ter uma nova compreensão, mais espiritual, mais próxima e mais séria da figura de Deus e de qual o Seu lugar na sua vida.

Num mundo em que «Há uma ânsia cada vez maior de experiências e de práticas religiosas. Uma busca incessante pelo sagrado, sem por isso ter de escutar autoridades ou teólogos»⁶, a lecionação da UL2 do 9º ano torna-se bastante pertinente e importante.

Apesar do percurso percorrido na lecionação da PES, a minha reflexão incidirá sobre como lecionar a UL2 – “Deus o grande Mistério” ao aluno madeirense e como lhe apresentar Deus, uma vez que esta é a realidade onde leciono há 16 anos.

Este relatório está redigido em 4 capítulos.

O primeiro capítulo está dividido em três pontos. O primeiro ponto reflete sobre o contributo, da escola e da disciplina de EMRC, na educação integral do aluno. O segundo ponto debruça-se sobre os desafios com os quais a disciplina de EMRC se depara. Por fim o terceiro ponto dá realce ao importante papel do professor de EMRC.

² Doravante designada de PES.

³ Doravante designada de EMRC.

⁴ Doravante designada de UL.

⁵ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Quero Ser! Manual do 9º ano-EMRC* (Lisboa: SNEC, 2015), 55.

⁶ Maria Clara Bingemer, *Experiência de Deus na Contemporaneidade entre o viver e o contar* (Lisboa: Paulinas editora, 2018), 5.

O segundo capítulo está dividido em cinco pontos. O primeiro ponto é dedicado à PES ao percurso formativo efetuado ao longo da mesma realçando a escola onde a mesma foi efetuada bem como as características das turmas nas quais lecionei. No segundo ponto realiza-se a reflexão e análise sobre a UL2 do 9º ano de escolaridade e o seu enquadramento no programa de EMRC, bem como a pertinência da sua lecionação. No terceiro ponto o foco é a experiência da lecionação da UL2, durante a PES, sobre a qual serão apresentadas as respetivas reflexões, bem como as planificações realizadas. No quarto ponto consiste no balanço da minha experiência, global, de lecionação na PES.

No quinto ponto identifico e justifico o meu objeto de estudo que se irá centrar na reflexão de que forma se torna mais eficaz apresentar e dar a conhecer Deus, aos alunos do 9º ano, a partir de Jesus Cristo.

Jesus Cristo é para o homem possibilidade permanente de encontro com Deus ao convidá-lo a partilhar a sua condição de Filho e a sua liberdade, fazendo-o participar do amor do Pai. Por isso mesmo Ele é, também, condição de possibilidade para o homem se encontrar com o seu próprio mistério.⁷

O terceiro capítulo aborda uma análise aprofundada que resulta numa reflexão acerca da unidade letiva – “Deus o grande Mistério”, que é o meu objeto de estudo. Está dividido em três pontos. O primeiro ponto expõe os resultados obtidos através da aplicação de um inquérito. O segundo ponto dá especial destaque à importância das tradições religiosas, na ilha da madeira, como parte integrante da cultura, na construção da identidade pessoal do aluno madeirense como cristão.

Por fim, o quarto capítulo será reservado à apresentação de uma proposta de reformulação pedagógica da UL2 – Deus o grande Mistério, do 9º ano, no que respeita tanto à metodologia de lecionação e o fio condutor a seguir, bem como às metas a aplicar e aos objetivos a alcançar.

⁷ Juan F. Garcia Ambrosio, *Encontro com Cristo, plenitude do ser humano* (Lisboa: Paulinas Editora, 2002), 19.

CAPÍTULO 1: ESCOLA E EMRC

1. Contributo na educação integral do aluno

Educar é inequivocamente uma das maiores necessidades e prioridades de qualquer sociedade.

A educação será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A educação promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.⁸

Contribuindo para o desenvolvimento da responsabilidade pessoal e sentido crítico dos alunos perante a sociedade e com a sociedade, o papel da escola terá de «provocar uma mudança, um crescimento em sabedoria»,⁹ tornando-se imprescindível para a formação de cidadãos democráticos, que formem uma sociedade mais saudável e justa. «A escola constitui hoje uma das instituições fundamentais em torno das quais os jovens estruturam as suas práticas e discursos, os seus trajectos e projectos, as suas identidades e culturas»¹⁰.

Em tempos de mudanças vertiginosas, sob múltiplas influências e permanentes incertezas, são muitos os desafios que se apresentam à escola e à educação. «Num quadro de massificação escolar e contracção do mercado laboral, os jovens definem-se, cada vez mais, pelas esferas do lazer e do consumo, manifestando uma disposição de “adesão distanciada” à escola.»¹¹. Esta realidade leva os alunos a viverem numa dualidade de valores o que lhes dificulta a decisão de qual o caminho correto e assertivo a seguir. Se por um lado são “puxados” para todo o tipo de distrações, por outro, e academicamente, vivem numa competição disfarçada, mas constante, estando sempre na “luta” do alcance de boas avaliações, tendo que se preparar cada vez melhor para a profissão que desejam seguir. Deste modo, mais que educar para uma vida, torna-se crucial educar para um estilo de vida. Um estilo de vida enquadrado numa sociedade, num país, num mundo. Um estilo de vida que os realize e os faça felizes. Deste modo:

A escola que arrisque responder a estes desafios deverá entrar numa dinâmica de diálogo e participação para resolver os novos problemas de modos novos, sabendo que ninguém tem a súpula do saber ou da inspiração e que a contribuição responsável e competente de cada um é imprescindível¹²

⁸ Organização das Nações Unidas, «Declaração Universal dos Direitos Humanos», acedido a 24 abril de 2020, <https://unric.org/pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos/>.

⁹ Jorge Mario Bergoglio *Educar para uma esperança ativa* (Lisboa: Paulinas Editora, 2015), 63.

¹⁰ Pedro Abrantes, «Identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade», *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 41 (2003): 93.

¹¹ Abrantes, «Identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade», 112-113.

¹² Bergoglio, *Educar para uma esperança ativa*, 28.

Sendo, deste modo, a escola uma instituição que prepara para a vida, é, também uma instituição curricular, na medida em que as suas aprendizagens correspondem às finalidades do currículo que a define.

A ação educativa é, pois, compreendida como uma ação formativa especializada, fundada no ensino, que implica a adoção de princípios e estratégias pedagógicas e didáticas que visam a concretização das aprendizagens. Trata-se de encontrar a melhor forma e os recursos mais eficazes para todos os alunos aprenderem, isto é, para que se produza uma apropriação efetiva dos conhecimentos, capacidades e atitudes que se trabalharam, em conjunto e individualmente, e que permitem desenvolver as competências previstas no Perfil dos Alunos ao longo da escolaridade obrigatória.¹³

Desta forma a escola procura garantir a aquisição de competências para no futuro os alunos consigam um emprego e a aptidão para o trabalho, preparando-os de forma a estarem à altura das exigências de uma sociedade em rápida evolução. Contudo, tal como nos alerta Neil Postman, em «*O fim da educação*»,¹⁴ a escola não pode ficar confortavelmente limitada à mera troca do compromisso de que, se os alunos forem cumpridores, conseguirão um bom trabalho e bem remunerado, pois desse forma a escola recai apenas sobre a vertente da utilidade económica reduzindo a função da mesma a um vazio que não se aplica. A escola terá de ter a sua razão, razão essa que é diferente da sua motivação. Ter um sistema de ensino sem uma razão, sem uma narrativa, é o mesmo que andar aculturado, sem rumo. É primordial que os alunos encontrem na razão da escola a razão da sua própria existência.

A escola não existe somente para servir um público. A escola cria esse próprio público.

Não é fácil chegar a uma definição real para que serve a escola hoje em dia, uma vez que este «hoje» é um conjunto de conceitos, como económicos, tecnológicos, laborais, legais, etc.

Esta realidade ganha ainda mais sentido com a existência de um ensino público e de um ensino privado (cada um com públicos próprios e destintos) em que ambos existem e atuam na sociedade.

Na altura da realização da PES, eu vivi essas duas realidades em simultâneo. Uma vez que as aulas que lecionei no decorrer da PES ocorreram num estabelecimento de ensino público, enquanto, nos restantes dias da semana, desempenhei as minhas funções, como docente, num estabelecimento de ensino privado e católico.

Em relação à chamada «escola pública», e me recordando de Vital Moreira, a mesma existe para «cumprir obrigações constitucionais», é uma escola que tem de servir a todos e para

¹³ Ministério da Educação, «Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória», acedido a 1 outubro de 2018, https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf colocar na ordem alfabética.

¹⁴ Cf. Neil Postman, *O fim da educação: Redefinindo o Valor da Escola* (Lisboa: Relógio D'Água, 2002).

todos.¹⁵ Já a «escola privada», tão defendida por Mário Pinto, tem a sua razão de ser na medida em que ela existe para servir um público já pré-definido.¹⁶ Contudo, uma certeza se tem, a escola (pública ou privada) existe para a formação integral dos nossos alunos, uma vez que são eles o alvo de todo este sistema, é para eles e para os servir que o sistema educativo existe e se adapta. Esta adaptação tem sido muito vincada nos últimos tempos, pois o perfil dos alunos, com o passar dos anos, tem-se alterado bastante, fruto da evolução dos tempos e das tecnologias. Deste modo, dentro do contexto deste trabalho, tem sentido fazer uma breve abordagem e reflexão sobre o perfil do aluno na atualidade.

Nos tempos atuais, em que o mundo é um palco de constantes mudanças a todos os níveis (humanos, económicos e sociais), ao pensarmos no aluno, nas suas características e no seu perfil, rapidamente «caímos» na designação do «aluno do século XXI», ou na designação da «Geração Z», cuja faixa etária incluiu os jovens nascidos entre 2002 e 2010, que é a geração dos meus alunos. A «Geração Z» é a geração da era do digital, uma vez que Internet é parte integrante das suas vidas.

Quando os primeiros jovens da Geração Z estavam a completar um ano de vida, apareceu o Google. Aos seis, surgiu a Wikipédia. Aos nove, chegou o Facebook. Se olharmos para os novos, que nasceram em 2012, estes nunca conheceram a vida sem Twitter, Instagram ou Netflix. Em Portugal, 2,566,327 jovens fazem parte da geração que sucede os millennials.¹⁷

Ao longo dos últimos anos como professora e até na qualidade de mãe de 5 filhos (nascidos entre 1996 e 2005) tenho verificado que os alunos tendem a comunicar-se essencialmente através das redes sociais, realidade esta que torna a escola num local privilegiado para o contacto presencial entre os mesmos.

Tendo tudo ao alcance de um *click*, sinto que os alunos atualmente são jovens impacientes. O traquejo de paciência que outrora se desenvolvia devido a múltiplos fatores fica longe de ser suficiente e espetável. Dentro do uso das novas tecnologias são práticos e rápidos na busca de resolução de problemas e pequenos contratempos do quotidiano relacionado com as suas vivências, todavia e por esse mesmo motivo, ficam presos a essa condição tecnológica parecendo que sem elas desaprendem tudo e nada sabem fazer.

O aluno do século XXI vive na chamada «aldeia global». Claramente cibernauta, inserido num mundo onde consegue chegar a qualquer lugar apenas com um toque no seu telemóvel,

¹⁵ Cf. Vital Moreira. «A singularidade da escola pública». *Jornal Público* (2005).

¹⁶ Cf. Mário Pinto, «República, educação e liberdade». *Jornal Público* (2005).

¹⁷ Marta Gonçalves, «Geração Z: os miúdos que “fazem acontecer e que andam com o mundo no bolso»», acedido a 23 de maio de 2020, <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2017-03-30-Geracao-Z-os-miudos-que-fazem-acontecer-e-que-andam-com-o-mundo-no-bolso>.

demonstra ser um aluno mais exigente, que exige ser ouvido, que deseja fazer parte da solução e da resolução das situações em que está envolvido. Acha que deve reivindicar os seus direitos, na medida em que já os conhece, pois tem e consegue ter um acesso rápido a todo o tipo de informação que desejar.

Verifica-se, atualmente, uma enorme fusão entre os alunos e as tecnologias que tendem a evoluir a uma velocidade estonteante, sendo a sua capacidade de adaptação a essa evolução fabulosa. Prova dessa realidade foi a enorme capacidade que os alunos demonstraram ter, adaptando-se, fabulosamente, a um ensino à distância, aquando do confinamento a que foram sujeitos devido à situação de pandemia que o mundo atravessa. Rapidamente os nossos alunos estavam a usar novas plataformas de ensino, que nunca por eles tinham sido exploradas e a realizar bem como enviar trabalhos através dos seus telemóveis. Foram agentes imprescindíveis em todo este processo do Ensino à Distância. Foram muitas vezes chamados a ajudar os mais velhos.

Contudo e paradoxalmente, esta geração aparenta ser uma geração que vive mais dentro do seu mundo, mais centrada em si e nos seus problemas. Apesar de mais aberta ao mundo e para o mundo (no sentido de rapidamente tem acesso a qualquer informação), precisa de desenvolver a capacidade de estar disponível para o outro que está ali mesmo ao seu lado. Refletindo acerca desta realidade o Papa Francisco afirmou:

A Internet é um dom de Deus e também uma grande responsabilidade. A comunicação, seus lugares, seus instrumentos trouxeram consigo uma ampliação dos horizontes, um crescimento, para tantas pessoas. Aproveitemos as possibilidades de encontro e de solidariedade que as redes sociais oferecem. Que a Internet não seja um lugar de alienação. Que seja um lugar concreto, um espaço rico em humanidade. Peçamos juntos para que as redes sociais não anulem a própria personalidade, mas que favoreçam a solidariedade e o respeito pelo outro na sua diferença.¹⁸

É uma realidade que coloca à prova todo um sistema de ensino que rapidamente se tem de transformar, começando logo à partida pelos professores para quem é extremamente desafiador conseguir acompanhar este ritmo alucinante. Enquanto para os alunos as novas tecnologias são banais, para muitos professores que visitaram bibliotecas, esta nova realidade pode ser assustadora.

Apesar de atualmente vivermos numa sociedade complexa, dinâmica e acelerada, as convicções religiosas, inerentes à mesma, continuam a ter a sua importância. Assim sendo, nos

¹⁸Papa Francisco, «A internet é uma dádiva de Deus» Diário, acessado a 23 de maio de 2020, <https://www.dn.pt/mundo/papa-diz-que-redes-sociais-devem-promover-solidariedade-e-nao-alienacao-9412193.html>.

centrando no ensino público ao serviço da sociedade, o ensino religioso ganha sentido e encontra o seu lugar, uma vez que a educação deve contribuir para o ser integral que o aluno é.

Apesar de o estado ser laico não implica que essa laicidade se estenda à sociedade no seu todo, sendo importante a educação chegar a todas as vertentes do aluno. Uma vez que o fenómeno religioso é constituinte do ser humano, também esta vertente tem de ter oportunidade de existir. Desse modo a escola estará assim a conseguir «contribuir para a formação de personalidades fortes e responsáveis, capazes de opções livres e acertadas, preparando deste modo os jovens para uma opção de vida consciente e responsável»¹⁹.

Através da Concordata de 2004 entre a Santa Sé e a República Portuguesa, estabelece-se a obrigatoriedade de a República Portuguesa, no âmbito da liberdade religiosa, ter o dever de cooperar com os pais na educação dos filhos, garantir tal ensino, sem quaisquer discriminações. Desta forma fica criado o suporte jurídico fundamental que torna legal a lecionação de EMRC nas escolas de ensino público, entre o 1º ano e o 12º ano de escolaridade.

Tal como todas as outras disciplinas também EMRC tem bem definido, no seu programa, o que pretende que os alunos adquiram com a sua frequência. As suas finalidades estão divididas em 11 pontos, 3 domínios de exploração dos saberes e 17 metas curriculares.

Esta divisão é feita da seguinte forma:

Finalidades da disciplina de EMRC²⁰

- Apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular;
- Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;
- Adquirir uma visão cristã da vida;
- Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;
- Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
- Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;
- Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;
- Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;
- Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;

¹⁹ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Sempre Mais. Guia pedagógico do 7º ano-EMRC* (Lisboa: SNEC, 1992), 13.

²⁰ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: SNEC, 2014), 5.

- Apreender o fundamento religioso da moral cristã;
- Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.

Domínios e Metas Curriculares ²¹

Religião e Experiência Religiosa:

- A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa;
- B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história;
- C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas;
- D. Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.

Cultura Cristã e Visão Cristã da vida:

- E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo;
- F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas;
- G. Identificar os valores evangélicos;
- H. Articular uma perspetiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica;
- I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade;
- J. Descobrir a simbólica cristã;
- K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso;
- L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé;

Ética e Moral:

- M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano;
- N. Promover o bem comum e o cuidado do outro;
- O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo;
- P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã;
- Q. Reconhecer, a luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.

Deste modo, é irrefutável que a disciplina de EMRC contribui, de forma marcante, para a formação integral da personalidade do aluno, uma vez que a mesma tem, nos seus domínios, metas e finalidades, a reflexão sobre aspetos humanos, sociais e culturais, procurando levar o

²¹ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 8.

aluno a uma tomada de consciência do mundo que o rodeia e orientá-lo para uma postura assertiva e livre perante o desafio que é a vida.

A EMRC tem em vista a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção dum projeto pessoal de vida. Promove-a a partir do diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa.²²

A disciplina de EMRC tem, assim, no sistema educativo, conferido pela sua especificidade, um papel único e muito importante.

O que a EMRC propõe é ajudar os alunos a fazer o percurso do seu crescimento e da sua formação pessoal. Para isso promove-se o conhecimento e o encontro com o conteúdo da fé cristã católica, respeitando, no entanto, quer o processo educativo específico da escola, quer as suas consciências e liberdade.²³

2. Os desafios com que a disciplina de EMRC se depara

Dentro do panorama atrás explanado, a disciplina de EMRC e dado à sua especificidade, encontra-se face a inúmeros desafios, alguns bastantes difíceis de ultrapassar.

Um dos desafios com que logo à partida se depara é o seu suporte jurídico. É certo que a Concordata permite a sua lecionação nas escolas públicas, no entanto cada vez mais, e sob o pretexto da laicidade do estado, se tende a querer que os assuntos religiosos sejam tratados dentro dos organismos religiosos e não nas escolas.

O perfil e postura dos alunos perante a escola e perante a sua relação com o transcendente (aparentemente descrentes), também tem mudado muito tornando-se noutro desafio. Cabe à escola, enquanto instituição, bem como ao professor de EMRC enquanto educador e transmissor de valores, ter capacidade de adaptação com o objetivo de acompanhar as rápidas, necessárias e constantes modificações que ocorrem nos jovens de hoje em dia, de modo a conseguir chamá-los a si. Toda esta «nova» realidade coloca à prova a capacidade de comunicação, inovação, criatividade, da disciplina e dos professores que dela fazem parte.

Num mundo que está cada vez mais materialista, egoísta, e de correria, torna-se difícil levar os alunos a abrandarem o ritmo para refletirem sobre o mundo que os rodeia e sobre a sua

²² Conferência Episcopal Portuguesa, «Educação Moral e Religiosa Católica, um valioso contributo para a formação da personalidade», acessido a 17 de abril de 2020, <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>.

²³ Juan F. Garcia Ambrosio, «As religiões na escola», *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões* nº2 (2002): 63.

relação com o transcendente. Os alunos não sentem essa necessidade e mostram-se (alguns) muito pouco recetivos ao diálogo e à reflexão.

Outro grande desafio consiste na confusão que se tem vindo a criar, no que respeita aos objetivos da frequência da catequese com os objetivos da frequência da disciplina. Para muitos pais e até para as crianças e jovens, catequese e EMRC significam o mesmo e abordam temas idênticos. Tal não é verdade. A disciplina de EMRC não tem como principal objetivo o ensino de uma religião, mas sim a reflexão e exploração da dimensão religiosa do aluno. Esta confusão leva a não inscrição de alunos na disciplina.

O facto de ser uma disciplina de opção é outro desafio colocado à disciplina. Torna-se necessário sensibilizar, Encarregados de Educação, alunos, Conselhos Executivos, Diretores de Turma para a pertinência da disciplina e o grande contributo que a mesma pode dar, para uma escola mais harmoniosa, sustentada em valores de cidadania, de respeito e amor ao próximo

Por outro lado, a colocação dos docentes nas escolas públicas, é também desafio à disciplina, este diretamente relacionado com o docente, um dos agentes principais para a lecionação de EMRC. Nem sempre o docente encontra o apoio necessário dos organismos competentes, o que pode indiretamente comprometer o sucesso da sua lecionação.

Na Região Autónoma da Madeira, por exemplo, a colocação dos docentes, não é feita segundo as qualificações académicas que o docente tem no grupo 290, nem é tido em conta o número de anos de serviço na lecionação da disciplina. A colocação sempre foi feita segundo critérios muito vagos e algumas vezes pessoais. Esta situação, que decorreu durante muito tempo, desanimou bastante os professores qualificados para a lecionação de EMRC, levando os mesmos, quando tiveram oportunidade, a «saltar» para outros grupos disciplinares, (onde igualmente têm formação para lecionar) ou para o ensino privado. Deste modo, sendo eu apenas a única exceção, ficaram a lecionar aqueles que não têm qualquer formação na área e para os quais a disciplina de EMRC serve de escapatória de uma não colocação no seu grupo de recrutamento ou para completar horário.

No que respeita a esta situação, pensou-se que a alteração da legislação iria pôr fim a este cenário, mas tal não aconteceu ainda.

A instabilidade em que o próprio professor de EMRC vive é também um desafio. Tem uma missão enquadrada num projeto da Igreja Católica (pastoral) contudo está inserido num sistema de ensino público (laico) no qual tem de responder ao perfil de ser docente o que lhe provoca alguma tensão.

Os docentes de EMRC, no contexto do sistema público de ensino português, experimentam permanentemente, uma tensão entre dois mundos referenciais cujas lógicas são chamados a mobilizar.

Enquanto presença da Igreja no espaço educativo, eles são chamados a responder, a seu modo, no quadro de uma pastoral educativa. Enquanto docentes, no plano do sistema educativo, eles são chamados a mobilizar saberes e técnicas: as disciplinas repertoriadas e as técnicas educativas cooperativamente delineadas.²⁴

A ignorância do importante e valioso contributo que a disciplina pode dar, bem como o facto de os quadros de chefia e Diretores de Turma por vezes terem outra confissão religiosa ou simplesmente não serem crentes, bem como a constituição dos horários e ainda a vontade de querer que a disciplina, devido à sua natureza, desapareça, levam a uma grande resistência para as matrículas na disciplina.

Creio ser imprescindível e até decisivo que as dioceses se debruçassem mais sobre esta necessidade. Deve-se tentar estabelecer um contacto direto com os Conselhos Executivos das diferentes escolas no sentido de dar a conhecer os reais objetivos na lecionação desta disciplina bem como o seu programa.

Fundamental, para o sucesso da disciplina, é a formação dos docentes de EMRC na sua área de lecionação. A mesma demonstra-se essencial para o seu desempenho. Contudo tal realidade nem sempre se tem mostrado muito fácil.

Muita coisa se tem melhorado ao longo dos últimos anos, no entanto torna-se importante que se continue a trabalhar de modo a que a disciplina de EMRC encontre definitivamente o seu lugar, merecido e essencial, no contexto escolar, contribuindo assim para a educação integral do aluno.

3. O importante papel do professor de EMRC

Para o sucesso da disciplina de EMRC, tanto em contexto escolar bem como em contexto de sala de aula, o papel do professor revela-se fundamental e fulcral.

Ser professor é amar, é dar esperança, é acompanhar, é tocar o futuro, é uma missão. É sair de nós para ir ao encontro dos nossos alunos e conduzi-los num trilho de valores, mostrando que vale a pena acreditar num mundo melhor. É uma profissão fascinante, uma missão diária na qual, no contacto com os alunos, podemos através das palavras e do exemplo, leva-los a refletir sobre a maneira de viver e de encarar o mundo, contribuindo assim, para o melhoramento do mesmo. Deste modo ser professor não é ser só transmissor de saberes, mas também um interveniente ativo na educação dos nossos jovens. Na sua missão aliciante mas

²⁴ Alfredo Teixeira, «Transmissão Religiosa, mediações Culturais e Dinâmicas Educativas», Documento Policopiado, (Lisboa: Faculdade de Teologia-Universidade Católica Portuguesa, 2016): 104.

comprometedora, dado a responsabilidade que acarreta, o professor contribuiu e intervém no futuro da sociedade.

É bela, portanto, e de grande responsabilidade, a vocação de todos aqueles que, ajudando os pais no cumprimento do seu dever e fazendo as vezes da comunidade humana, têm o dever de educar nas escolas. Esta vocação exige especiais qualidades de inteligência e coração, numa preparação esmeradíssima e uma vontade sempre pronta à renovação e adaptação.²⁵

Ao se refletir sobre o papel do professor de EMRC na escola, devemos enquadrá-lo na realidade do mundo da educação. Independentemente da especificidade da disciplina os direitos e deveres do professor de EMRC, enquanto docente, é igual aos demais.

Tendo em conta o Decreto-Lei nº 240/2001, de 30 de Agosto, o perfil geral dos professores assenta em dimensões fundamentais. A dimensão profissional, social e ética; A dimensão do desenvolvimento do Ensino/Aprendizagem; A dimensão da participação na escola e do envolvimento na comunidade; A dimensão do desenvolvimento profissional.

A dimensão social e ética refere que o professor tem a função específica de ensinar exercendo a sua atividade na escola. Deve fomentar a autonomia dos alunos em ordem à sua inclusão na sociedade, promovendo a qualidade dos contextos educativos com vista ao bem-estar dos mesmos. Tem que identificar e respeitar a diferença dos alunos e combater a exclusão e discriminação. Deve manifestar capacidade relacional e de comunicação, bem como equilíbrio emocional, assumindo as exigências éticas e deontológicas associadas à prática profissional.

No que respeita à dimensão de desenvolvimento do ensino/aprendizagem o professor deve promover as aprendizagens significativas, desenvolvendo as competências essenciais que o integram. Deverá integrar os saberes específicos da sua área e os saberes transversais e multidisciplinares. Tem que organizar o ensino de acordo com os paradigmas científico-pedagógicos mais adequados. Deve utilizar corretamente a língua portuguesa, tanto escrita como oralmente. Na dinâmica de contexto de sala de aula deverá utilizar linguagens diversificadas bem como recorrer ao uso das TIC. Deve promover o envolvimento ativo dos alunos nos processos de aprendizagem e na gestão do currículo, bem como desenvolver estratégias pedagógicas diferenciadas. Deve assegurar a realização de atividades de apoio aos alunos e incentivar a utilização de regras de convivência democrática. Tem que gerir com flexibilidade situações de conflitos em contexto escolar. O professor utiliza a avaliação como

²⁵ Concílio Ecuménico Vaticano II, Declaração sobre a Educação cristã *Gravissimum Educationis* (GE) (Coimbra: G.C. Gráfica de Coimbra, 1998).

elemento regulador e promotor da qualidade do ensino/aprendizagem e da sua própria formação.

Em relação à dimensão de participação na escola e envolvimento na comunidade o professor deverá encarar a escola e a comunidade como espaços de educação inclusiva para todos. Deve participar na construção, desenvolvimento e avaliação do projeto educativo e integra no projeto curricular saberes e práticas sociais da comunidade. Deve colaborar com todos os intervenientes no processo educativo, colaborando para a promoção de relações de respeito mútuo entre docentes, alunos, encarregados de educação e pessoal não docente. Deve promover a relação escola versus família, valorizando a escola enquanto polo de desenvolvimento social e cultural, cooperando com outras instituições da comunidade.

No que concerne à dimensão do desenvolvimento profissional, o professor deve encarar a sua formação como elemento constitutivo da sua prática profissional. Deve refletir sobre as suas práticas, apoiar-se na experiência, na investigação e em outros recursos importantes do seu desenvolvimento profissional, bem como sobre os aspetos éticos e deontológicos inerentes à profissão. Deve privilegiar o trabalho de equipa como fator de enriquecimento da sua formação e desenvolver competências pessoais, sociais e profissionais numa perspetiva de formação ao longo da vida. O professor deve participar em projetos de investigação relacionados com o ensino, aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos.

Para além destas quatro dimensões comuns aos demais docentes, o professor do ensino religioso, como nos diz o Código de Direito Canónico (CIC), é caracterizado por ser também testemunha e educador, funções que têm como origem o pacto educativo em que está enquadrado e que lhe é inerente à sua missão. O professor de EMRC é (ou deveria ser) um crente e toda a sua missão deve partir deste pressuposto. É na base da fé e da esperança que o professor de EMRC deve encarar a sua missão.

O professor de EMRC proporciona aos seus alunos, mesmo que não seja de uma forma evidente, o contacto com o Evangelho e a mensagem cristã, a abertura aos valores humanos em todas as realidades nomeadamente à transcendência.²⁶

Os jovens precisam de um exemplo de esperança, alguém em quem possam confiar, falar, refletir e trocar ideias acerca do mundo que os rodeia, falar do transcendente, de forma madura. Esse exemplo pode e deve ser também o professor de EMRC. Ser professor de EMRC para além de uma escolha é uma vocação.

²⁶ Papa João Paulo II, «Discurso ao simposio internacional sobre la enseñanza de la religión católica en la escuela», acedido a 15 de abril de 2020, http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/speeches/1991/april/documents/hf_jp-ii_spe_19910415_insegnamento-religione.html.

O professor de EMRC deve mostrar-se sempre disponível com uma postura constante de acolhimento a todos que dele precisam, crentes e não crentes. Deve ser elemento de mediação e elo de concórdia.

Por outro lado - e de modo a ir ao encontro de todos e não só daqueles que querem e já se relacionam com o religioso/transcendente -, o professor de EMRC deve ter o cuidado de apostar numa vasta formação de modo a conseguir estar à altura do constante precipitar das inovações e evoluções da sociedade na qual a escola é parte integrante e o professor seu agente.

Para o professor de EMRC, o objeto principal é a educação integral do aluno. O aluno enquanto um todo. O aluno enquanto ser humano na sua dimensão espiritual, na sua relação com o transcendente, tendo em conta a sua dimensão biológica e social.

Acerca desta temática, João Paulo II referiu: «A educação integral do homem não pode fazer abstração da dimensão religiosa, que é constitutiva da pessoa e da sua plena liberdade».

O professor de EMRC, através de um diálogo sincero, aberto e franco, contribui para a construção de uma consciência livre, madura e responsável dos seus alunos: «Os mesmos devem ser ajudados a adquirir um sentido mais perfeito da responsabilidade, a apreender o recto uso da liberdade e a participar activamente na vida social».²⁷

No perfil e competências do professor de EMRC, a grande particularidade que encontramos face aos demais professores, que deriva do objeto educativo que é inerente à disciplina, é a sua função de testemunha. O Professor de EMRC testemunha e professa a fé que é o seu fio condutor no seu desempenho das suas funções.

Deste modo o professor de EMRC, para além de tudo o que para trás foi referido tendo em conta a sua condição de docente, deve demonstrar no seu perfil e nas suas competências algumas particularidades fruto da especificidade da disciplina que leciona.

O professor de EMRC tem de ser promotor de confiança e deste modo levar os alunos a uma importante aproximação. Deve ser exemplo nas atitudes de acolhimento, simpatia e respeito pelos outros. Deve ser exemplo nos valores que vive e demonstra ter. Deve ter um papel ativo na vida da escola, contribuindo deste modo para o bem-estar geral. Deve-se mostrar disponível para contribuir no processo de aprendizagem, assumindo uma postura de mediador crítico. Deve procurar sempre ser competente nos domínios científico e pedagógico. Tem de ser testemunha de uma vivência autêntica cristã, pregador de esperança, mostrar espírito jovem

²⁷ Zenon Card Grocholewski, «Carta circular n. 520/2009 aos presidentes das conferências episcopais sobre o ensino da religião na escola», acedido a 15 de abril de 2020, http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20090505_circ-insegn-relig_po.html.

e psicologicamente ser adulto e maduro. Dever assumir em consciência a sua vocação e missão evangelizadora da Igreja na escola e agir segundo esses valores.

O professor de EMRC deve ser um cristão, firme na sua fé, que salvaguarda junto, não só dos alunos, mas diante de toda a comunidade educativa, a dimensão espiritual da vida.

É um cristão que compreende as mudanças dos tempos e da sociedade atual. Preserva a identidade religiosa e cultural do Povo e reforça os valores morais. O professor de EMRC promove a justiça, a paz e a solidariedade para com os mais desprotegidos e marginalizados.

O professor de EMRC, tal como qualquer outro professor, deve revelar domínio do conhecimento na área que leciona. Todavia, enquanto docente ativo e parte integrante de uma escola, deve procurar também formação noutras áreas e domínios em virtude de ao longo do programa ir ser, várias vezes, confrontado com a realidade de outras matérias, nomeadamente de história, filosofia e ainda ciências. Quanto melhor for a formação dos professores de EMRC, melhor será a qualidade do ensino nesta área nas nossas escolas.

Ser docente de EMRC é, para além de tudo isto, um compromisso consigo mesmo. É na generosidade, poder disseminar conhecimento, valores cristãos e evangelizadores, valores assertivos de cidadania.

Deste modo o professor tem que procurar estar sempre atualizado, informado, munido de conhecimento e informação para dialogar com jovens sedentos de respostas num mundo que parece estar em constante contradição.

CAPÍTULO 2: A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

1. Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada

Foi com noção clara da importância do papel do professor de EMRC, e o quanto as escolas e a própria sociedade beneficiam com a lecionação desta disciplina, que me lancei na «aventura» da frequência do Mestrado em Ciências Religiosas com via à profissionalização e no qual frequentei a PES, realizando desse modo o meu estágio.

A qualidade pela qual o professor de EMRC é definido, segundo o Código de Direito Canónico (CIC), é a excelência. O referido documento afirma: «sobressaiam pela exactidão da doutrina, pelo testemunho de vida cristã e pelas qualidades pedagógicas».²⁸ Deste modo o professor de EMRC deve encarar a sua formação como elemento constitutivo da sua prática profissional de modo a poder refletir sobre a mesma. Deve apoiar-se na experiência, na investigação e em outros recursos importantes do seu desenvolvimento profissional, bem como sobre os aspetos éticos e deontológicos inerentes à sua profissão. Deve igualmente privilegiar o trabalho de equipa como fator de enriquecimento da sua formação bem como desenvolver competências pessoais, sociais e profissionais ao longo da sua vida.

1.1. Um percurso formativo

A PES realizou-se no Agrupamento de Escolas Monte da Lua – Escola D. Fernando II, Sintra.

O núcleo de PES foi constituído por quatro professores estagiários: Jorge Magalhães, Cristina Freitas Pinto, Maria Inês Oliveira e César Almeida. A professora Margarida Portugal foi a professora cooperante que nos acompanhou nesta jornada.

No campo do conhecimento científico, aprendi muito, não só com os colegas, mas principalmente com a professora Margarida Portugal, com especial destaque à análise hermenêutica dos textos bíblicos, cuja interpretação e análise, antes da frequência do Mestrado e da PES, se tornava, por vezes, num momento de tensão pessoal. Aprendi muito e concluindo este percurso sinto-me mais segura e confiante neste campo tão importante, na medida em que como professora de EMRC, testemunho e professo a fé, que é o meu fio condutor no desempenho das minhas funções na passagem de valores éticos, religiosos, morais e de

²⁸ *Código de Direito Canónico* (Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1983), 804, 2, http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf.

cidadania e quanto melhor estiver preparada, melhor será o meu desempenho e o meu testemunho.

No campo pedagógico aprendi muito no que respeita há minha postura em contexto de sala de aula, à necessidade de uma planificação com rigor, ao critério da escolha dos materiais pedagógicos a utilizar, bem como nas estratégias a aplicar nas mesmas e na necessidade de uma permanente autoavaliação do trabalho realizado.

A frequência deste núcleo, tornou-se, o lugar de excelência para encontrar resposta às minhas dúvidas, as quais tentei esclarecer e colocar em prática. Os professores responsáveis mostraram-se sempre disponíveis e recetivos a responderem a todas as questões solicitadas na procura da resolução de alguns problemas e contratemplos que foram surgindo. Este aspeto é muito importante e enquanto aluna senti-me compreendida e acarinhada.

A relação com todos os colegas de jornada de mestrado não podia ter sido melhor. A cooperação, interajuda e preocupação mútuas foi uma constante. Existiu desde o primeiro momento um ambiente muito são e de verdadeira cumplicidade entre todos nós. Sempre que um de nós parecia desanimar, os restantes procuravam incentivar e assim, em grupo, fomos conseguindo chegar a «bom porto». O carinho e a ternura que se gerou entre todos encheu-me o coração.

Por outro lado consegui manter com alunos uma relação franca e aberta, inspirando confiança. Procurei ser sempre um exemplo nas atitudes de acolhimento, simpatia e respeito pelos outros, exemplo nos valores que vivo e procuro ter.

Perante todos os obstáculos que naturalmente se levantaram, foi neste ambiente saudável que encontrei ânimo para os superar. Consegui ter um papel ativo na vida da escola, contribuindo deste modo para o bem-estar geral e estando disponível no processo de aprendizagem, assumindo uma postura de mediadora crítica.

Sinto-me mais segura e competente nos domínios, científico e pedagógico, mais bem preparada para assumir a minha vocação de testemunha de uma vivência cristã numa missão evangelizadora da Igreja na escola.

Face a tudo isto a frequência nas atividades do núcleo e do seminário da faculdade foi muito muito boa. Foi um processo extremamente enriquecedor e de uma importância basilar para o meu futuro e desempenho enquanto professora de EMRC.

Tenho consciência que fiz melhorias muito significativas no que respeita ao meu desenvolvimento enquanto professora de EMRC saindo da frequência da PES munida do necessário para conseguir realizar as minhas funções de forma profissional e eficaz.

1.2. Caracterização da escola

O Agrupamento de Escolas *Monte da Lua* (AGML), do qual faz parte a Escola Básica de 2.º e 3.º Ciclos D. Fernando II, insere-se num território de eleição dominado pela serra de Sintra, conhecida como *Monte da Lua*, o que permite o contacto com uma enorme diversidade paisagística e cultural que contribui para a construção de valores estéticos e éticos muito particulares. É constituído por doze estabelecimentos de educação de ensino pré-escolar, básico e secundário que estão organizados em torno de três unidades de gestão pedagógicas: a Escola Secundária Santa Maria, a Escola Básica de 2.º e 3.º Ciclos D. Fernando II e a Escola Básica com Pré-Escolar de Colares. A sua sede encontra-se na Escola Secundária de Santa Maria e consiste no segundo maior agrupamento de Sintra, ao reunir cerca de 3840 alunos.



Figura 1 - Escola D. Fernando II

Tendo sido oficializado em julho de 2012, sob proposta de reordenamento da rede educativa de Sintra, do município de Sintra, serve as freguesias de Santa Maria, São Miguel, São Martinho, São Pedro de Penaferrim e Colares. Desta forma, abrange uma área de 95 km², o que constitui cerca de 30% do concelho de Sintra, onde vivem à volta de 37.219 habitantes, de acordo com os Censos de 2011, isto é, perto de 9% da população residente no concelho de Sintra. Todavia, e tendo em mente que «Todas as crianças devem frequentar a escola [e que] as escolas pertencem a todas as crianças, e todas devem ver o seu potencial de aprendizagem maximizado»²⁹, também recebe alunos de freguesias vizinhas. Entre elas, encontramos Algueirão-Mem Martins (a cerca de 4 km), São João das Lampas (a cerca de 10 km), Terrugem

²⁹ Richard I. Arends, *Aprender a ensinar* (Madrid: Editora McGraw-Hill Interamericana de Espanhã, 2008): 40-41.

(a cerca de 9 km), Pero Pinheiro (a cerca de 11 km), Montelavar (a cerca de 13 km) e Almargem do Bispo (a cerca de 13 km).

A Escola Básica de 2.º e 3.º Ciclos D. Fernando II situa-se em Sintra, num amplo espaço verde arborizada, onde se destaca um trilho ecológico. É composta por dois edifícios de dois andares cada, um edifício provisório, construído em 2007, com duas salas pré-fabricadas, um pavilhão gimnodesportivo, dois campos de jogos, balneários e uma sala/bar de alunos. Funciona entre as 8h15 e as 18h20, acolhendo 27 turmas de 2.º e 3.º ciclos, num total de 562 alunos no presente ano letivo, assim como 171 alunos do ensino secundário, deslocados da escola sede. O 2.º ciclo abarca 187 alunos e o 3.º ciclo, 375 alunos, distribuídos em quatro turmas de 6.º ano, cinco turmas de 5.º e 7.º ano, seis turmas de 9.º ano e sete turmas de 8.º ano. A diferença entre o número de alunos de sexo feminino e de sexo masculino não é relevante.

A professora Margarida Portugal, docente de EMRC e professora cooperante, tem como funções a coordenação do estabelecimento, juntamente com dois assessores, docentes de Inglês, e a subcoordenação da disciplina, que faz parte do departamento de Ciências Sociais e Humanas. É também membro do grupo de trabalho de monitorização do Projeto Educativo de Escola (PEE) e do Plano Anual de Atividades (PAA).

Richard Arends recorda que «as escolas que dão um tratamento imparcial, justo e equitativo, assim como condições iguais para todos os alunos, demonstram uma política de equidade»³⁰. Tal é realidade na Escola Básica de 2.º e 3.º Ciclo D. Fernando II, testemunhada pela existência de uma Equipa de Manutenção dos Equipamentos e Sistemas Digitais e pela realização de atividades relacionadas com a literacia 3D e com a *Internet* segura. Os professores estão organizados em quatro departamentos, sendo eles o Departamento de Matemática e Ciências Experimentais, o Departamento de Línguas, o Departamento de Ciências Sociais e Humanas – no qual se encontra a Educação Moral e Religiosa Católica – e o Departamento de Expressões.

Foram muitos os conhecimentos gerais, promovidos em atividades como a Feira dos Minerais, o Planetário Móvel e nos diversos dias comemorativos. A inteligência lógico-matemática é promovida por Atividades como o Concurso Canguru *Matemático sem Fronteiras* e a inteligência linguística, pelo Clube de Teatro em Alemão e pela Biblioteca Escolar. A Banda Escolar valoriza a inteligência musical, o Clube de Artes, a inteligência espacial e o Programa de Desporto Escolar, a inteligência corporal-cinestésica. Para desenvolvimento da inteligência interpessoal, os alunos têm acesso à Formação Cívica, ao Núcleo de Rádio e à Academia de Liderança, e da inteligência naturalista, ao Clube do Ambiente e ao Programa Eco escolas.

³⁰ Arends, *Aprender a ensinar*, 44.

Todavia, no Projeto Educativo e no Plano Anual de Atividades do Agrupamento de Escolas *Monte da Lua*, são encontrados poucos vestígios concretos que incluam programas que ensinem os alunos a conhecer e gerir a sua inteligência emocional e intrapessoal.

Cerca de 10% dos alunos (54) são crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE), acompanhadas por uma equipa de nove docentes de Educação Especial, auxiliada por uma psicóloga clínica e uma psicóloga educacional, ao serviço de todo o Agrupamento. Atividades como a visita à Escola Secundária Santa Maria pelos alunos com Currículo Específico Individual ou a *Dê uma Tampa à Indiferença* – Recolha de Tampinhas de Plástico são sinal da preocupação e um estímulo para que os alunos com Necessidade Educativas Especiais e os alunos regulares trabalhem e convivam juntos.

É claro o recurso às contribuições que as diversas culturas podem dar no campo da arte, da música, da literatura e da linguagem, principalmente aquelas relacionadas com o Inglês, o Francês e o Alemão. Entre várias outras, desvendamos as visitas a Templos e ao *Goethe Institut*, as atividades *Oktoberfest*, *Halloween* e *Chanson de Noël* e a celebração do Dia Europeu das Línguas. Todavia, para além do projeto Empresários para a Inclusão, não encontramos sinais claros de uma atenção específica às várias diferenças culturais e raciais existentes na Escola Básica de 2.º e 3.º Ciclos D. Fernando II.

Para os casos em que é necessária uma intervenção atempada, tanto no campo académico como atitudinal, existe o programa *Examinasium*, o Apoio Tutorial Específico e o Núcleo de Intervenção Disciplinar. De modo a melhor acompanhar os alunos com medidas disciplinares que apresentam sinais de agressividade e a ajudá-los a alcançarem os seus objetivos em vez de agirem por impulso, há o seu encaminhamento para a realização de tarefas escolares em contexto comunitário. Por outro lado, o Núcleo de Apoio ao Aluno em Risco e Perigo e o Programa de Apoio à Promoção e Educação para a Saúde evidenciam a consciência existente relativamente à ligação entre a aprendizagem e hábitos de vida saudáveis.

Ao ler o Projeto Educativo de Escola e o Plano Anual de Atividades³¹ é também possível destacar a importância dada ao envolvimento dos pais e da comunidade através de momentos de educação parental e de projetos relacionados com autoridades locais. Os projetos Erasmus e Rede de Escolas UNESCO, assim como diversas exposições temáticas dos trabalhos dos alunos e a entrega de diplomas sublinham também a ligação feita entre o desafio intelectual e atitudinal e a valorização pessoal e comunitária.

³¹ Cf. <https://agml.pt>.

1.3. Caracterização da Turma

As turmas A e B do 9.º ano contemplaram 16 (70%) e 15 (52%) alunos inscritos em Educação Moral e Religiosa Católica, num universo de 23 e 29 alunos, respetivamente.

Na lecionação na turma A foi importante considerar a presença de um aluno com hiperatividade, medicado com Ritalina, que exigiu um maior cuidado relativamente à disposição física da sala de aula, de acordo com a opinião de Richard Arends.

A frequência, na Turma A, de dois alunos de ascendência africana e na Turma B, de dois alunos de nacionalidade brasileira, dois alunos de ascendência africana e duas alunas de nacionalidade ucraniana levou a que fosse necessário estar atento em relação a possíveis diferenças culturais que pudessem levar a uma certa descontinuidade entre o meio familiar e a escola.

A Turma B apresentou um outro desafio, relacionado com a presença de uma aluna de naturalidade ucraniana que tem o português como língua não materna. Tal facto exigiu, da nossa parte, um cuidado especial para verificar que a aluna compreendia a linguagem utilizada, valorizando a sua fluência gradual na utilização do Português, assim como a sua própria língua nativa.

Existiu uma clara diferença na constituição das duas turmas no que se refere ao género: enquanto a turma A foi composta equitativamente por rapazes e raparigas, a Turma B foi formada por 87% de raparigas, incluindo apenas dois rapazes. No nosso ponto de vista, este facto concorre para a diferença clara existente entre o comportamento das duas turmas: enquanto a turma A se manifestou, por vezes, de um modo desadequado e perturbador, causando alguns problemas nos pequenos espaços de tempo em que não são diretamente supervisionados; a turma B demonstrou um maior interesse e preocupação para com os trabalhos escolares, participando habitualmente de forma consciente, interventiva e crítica. As características da turma A exigiram, da nossa parte, uma determinada postura da nossa parte. O que nos levou a decidir que teríamos o cuidado de não focar a nossa atenção no comportamento dos rapazes mais ativos, sob o risco de não dar o devido acompanhamento aos alunos mais calmos, o que não poderia acontecer.

2. Unidade Letiva 2 do 9º ano: “Deus, o grande Mistério”

Abordar a questão de Deus e levar os alunos a uma reflexão séria e consciente sobre o mesmo, tendo em conta a faixa etária deste nível de ensino é (14 a 15 anos), é aliciante e um

enorme desafio, o que torna a leção da UL 2, do programa de EMRC do 9º ano muito pertinente.

Desde que iniciei o Mestrado em Ciências Religiosas que foi meu desejo poder estagiar com alunos do 9ºano. Este meu desejo prendeu-se precisamente na oportunidade de melhor aprofundar esta UL e refletir se a forma como a mesma está estruturada é a mais eficaz para o propósito a que se propõe. Assim sendo a minha frequência na PES, tornou-se a altura ideal para o fazer tornando-se esta UL o objeto de estudo deste relatório.

2.1 Enquadramento da Unidade Letiva no programa de EMRC

Numa sociedade atual, em profunda transformação, de uma correria constante onde parece não haver tempo para nada, onde a uma velocidade estonteante os valores tendem a se modificar, o papel da escola torna-se preponderante na formação integral do aluno como cidadão.

Consciente desta realidade atual, o programa de EMRC procura percorrer ao longo dos 12 anos do ensino obrigatório uma sequência lógica dos conteúdos tentando acompanhar o crescimento, das crianças e dos jovens.

É neste equilíbrio e na tentativa de acompanhamento do crescimento, tanto físico como psicológico dos nossos alunos, que o programa alicerça a sua adequação.

A disciplina de EMRC tem por excelência a finalidade da educação/reflexão sobre atitudes, formas de estar e atuar na sociedade, que através do seu professor serve para «formar personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a sua própria liberdade»³².

O Programa curricular da disciplina de 2014 organiza-se por áreas de ensino que a disciplina compreende, designadas por Domínios de Aprendizagem que são três: Religião e Experiência Religiosa; Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida; Ética e Moral. A cada Domínio de Aprendizagem fez-se corresponder um grupo de Metas Curriculares que nas Unidades Letivas, dos diferentes níveis de ensino, «permitem a definição de um conjunto de Objetivos Programáticos e estes articulam-se em torno de um conjunto de Conteúdos»³³.

É a partir da articulação dos objetivos e conteúdos que o professor deverá determinar e adequar as estratégias bem como as atividades de aprendizagem.

³² Papa João Paulo II, «Discurso ao simposio internacional sobre la enseñanza de la religión católica en la escuela».

³³ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 9.

Finalmente, o currículo da disciplina acabará por ser percebido, moldado, ou seja, ela vai passar por uma Programação, por uma planificação, que é o resultado quase final da representação mental que os professores constroem sobre o Programa.³⁴

O programa curricular da disciplina faz uma boa articulação dos conteúdos lecionados ao longo dos 12 anos. Apesar de por vezes nos parecer que os conteúdos se repetem na verdade isso não acontece na totalidade. O que sucede é o mesmo conteúdo, mais à frente no programa, e noutra nível de ensino ser aprofundado. Podemos de uma forma metafórica afirmar que o programa cresce em sintonia com o crescimento dos alunos, o que, na minha opinião, faz o programa curricular da disciplina de EMRC (2014), estar munido de tudo o necessário para que seja um sucesso na aplicação letiva das matérias propostas.

A Unidade Letiva 2 – *Deus, o grande Mistério* - é a segunda do programa do 9º ano de escolaridade que encontra o seu equilíbrio e interesse pedagógico no seu enquadramento com o restante programa de EMRC numa sequência lógica dos conteúdos tentando acompanhar o crescimento dos jovens e perlongando-se para o secundário.

É neste equilíbrio que esta UL do 9º ano alicerça a sua adequação e onde se desenvolvem-se conteúdos de dois dos três domínios de aprendizagem, através de cinco metas do programa. O domínio Religião e Experiência Religiosa com as metas A (Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa), C (Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas) e B (Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história) e o domínio Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida, através das metas, J (Descobrir a simbólica cristã) e I (Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade).

De realçar que o domínio mais trabalhado é o domínio Religião e Experiência Religiosa pois na verdade é o domínio que engloba a essência da temática abordada na UL2, que é a questão de o ser humano compreender e viver a experiência religiosa.

³⁴ Cristina Sá de Carvalho, «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica, edição 2014», *Pastoral Catequética*, nº 31-32 (2015): 34.

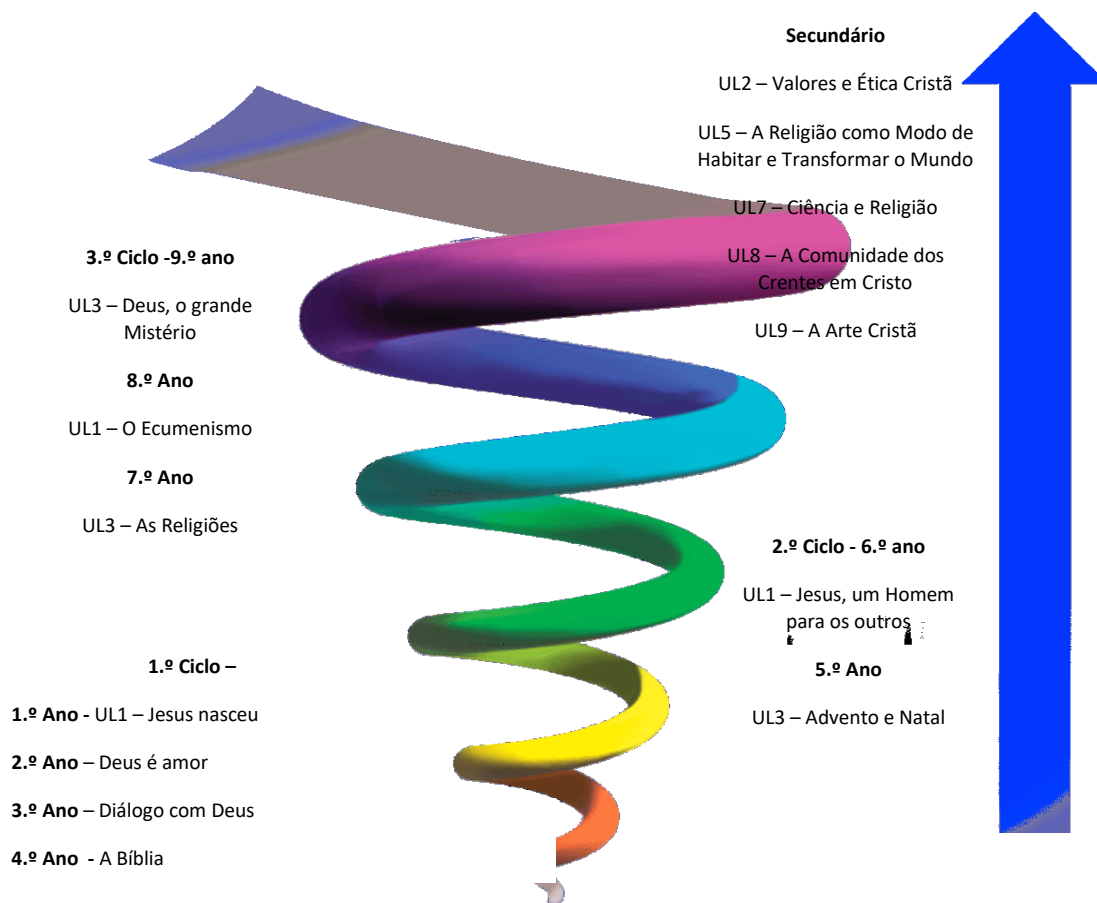


Figura 2 - Enquadramento do programa de EMRC

2.2 Pertinência da lecionação da Unidade Letiva para os alunos

A disciplina de EMRC tem por excelência a finalidade da educação integral do aluno. Procura levar o mesmo à reflexão das suas atitudes, formas de estar e atuar na sociedade.

Tendo em conta a sua especificidade enquanto disciplina, tem por base os valores assertivos assentes na verdade, tolerância, compreensão, respeito, amor ao próximo e valores cristãos. Contudo, «Para que serve crer? Vemos claramente para que serve não crer: para estar apenas sobre a terra, que é menos estável de todas as moradas, e para nunca ouvir, em resposta às perguntas que o coração coloca, outra voz senão a própria.»³⁵

Numa sociedade atual, cada vez mais secularizada, a fé parece já não ter um lugar definido, a missão de educar neste contexto transforma-se num enorme desafio para os professores de EMRC.

³⁵ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Quero Ser! Manual do 9º ano-EMRC*, 58.

Vivemos numa cultura de assédio constante. [...] O assédio entra no recôndito mais privado dos lares, sem permissão e sem cerimónia. Há o assédio de produtos comerciais, de ideias, de sentimentos, de propostas, de religião. E esse assédio vicia e aprisiona os sentidos, canais através dos quais a experiência pode realmente acontecer e conduzir-nos em direção a uma vida mais plena.³⁶

Tendo em conta a noção da realidade atual, levar os alunos a uma reflexão sobre o mundo e à sua relação com o transcendente³⁷, demonstrando que o religioso configura e influencia, em grande parte a vida social do ser humano, bem como abordar temas como «a questão da existência de Deus», «o fenómeno religioso» e «Deus transforma os corações», torna-se essencial para os alunos desta faixa etária de escolaridade e ganha ainda mais sentido, se tivermos em linha de conta a crise religiosa que atualmente ainda vivemos e em que os jovens são muito afetados.

Claramente a lecionação desta UL, do programa do 9º ano, tem como finalidade trabalhar a dimensão religiosa dos alunos, contribuindo desta forma para um possível aprofundamento da fé.

A educação é um processo que conduz à realização da pessoa, em ordem à sua relação com os outros e com o universo. Ora Deus é o Outro absoluto com O qual o ser humano é chamado a entrar em relação. Há no ser humano uma procura de liberdade, uma constante procura de sentido, que não é possível satisfazer plenamente sem fazer apelo aos valores religiosos.³⁸

Educar para a abertura ao transcendente constitui hoje, uma tarefa educativa. Torna-se importante despertar a consciência do aluno para o facto de em toda a experiência humana haver uma dimensão transcendente e que é nessa experiência que se procura o sentido da vida. Deste modo é essencial conduzir o aluno à reflexão do aprofundamento da relação do ser humano com esse mistério que é Deus e conduzindo-o a tentar encontrar algumas respostas acerca da sua existência humana.

3. A experiência da lecionação da Unidade Letiva

Tal como já referi anteriormente, o programa curricular da disciplina, organiza-se por áreas de ensino que a disciplina compreende, designadas por Domínios de Aprendizagem que são três: Religião e Experiência Religiosa; Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida; Ética e Moral. A cada Domínio de Aprendizagem fez-se corresponder um grupo de Metas Curriculares «que

³⁶ Bingemer, *Experiência de Deus na Contemporaneidade entre o viver e o contar*, 15.

³⁷ Cf. Francisco Torrinha, *Dicionário da Língua Portuguesa*, (Porto: Editorial Domingos Barreira, 1946), 1197.

³⁸ Deolinda Serralheiro, *O acto educativo religioso e moral* (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 1996), 51.

permitem a definição de um conjunto de Objetivos Programáticos e estes articulam-se em torno de um conjunto de Conteúdos».³⁹

No momento em que se prepara para lecionar, cada professor, ao seu modo, acabará por transformar a mensagem do programa. Provavelmente, tal acontecerá segundo a sua própria experiência cristã, que é variável, tal como são as motivações para o ensino da disciplina, os processos de amadurecimento na fé ou os processos de amadurecimento profissional, que têm o ritmo de cada um dos docentes.⁴⁰

Foi a partir da articulação dos Objetivos e Conteúdos que, eu e o meu colega César Almeida, realizámos a planificação, determinámos e adequámos as estratégias, bem como a produção de materiais pedagógicos, para a lecionação da UL2.

Procurou-se ir ao encontro de todas as metas, alcançar os objetivos, seguindo todos os conteúdos propostos pelo Programa curricular da disciplina de EMRC (2014), de forma a promover as aprendizagens significativas, desenvolvendo as competências essenciais que integram a UL2. Procurou-se sempre planificar de acordo com os paradigmas científico-pedagógicos mais adequados, utilizando sempre corretamente a língua portuguesa, tanto escrita como oralmente.

Na produção dos materiais pedagógicos e tendo em conta a dinâmica de contexto de sala de aula, procurou-se sempre utilizar linguagens diversificadas. Recorreu-se ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na elaboração dos PowerPoint, como suporte de todas as aulas, e utilizou-se a internet na recolha de informação para a elaboração de trabalhos de grupo. A visualização de vídeos serviu de «rampa de lançamento» para um diálogo/debate, profícuo com os alunos acerca dos vários temas, *brainstorming* ou trabalho de grupo. O seu visionamento pretende servir como estímulo para o tema, como provocação e inquietação e como ampliação de perspetivas acerca do que estamos a trabalhar.

Os momentos de diálogo e debate são extremamente benéficos para que haja um desenvolvimento de competências e comunicação e de processos de pensamento crítico.

Lecionei esta Unidade Letiva tanto à turma A como à turma B. A turma A revelou-se bastante mais agitada em contexto de sala de aula do que a turma B, mas não menos interessada ou participativa. É uma turma que tinha na sua composição dois ou três elementos que demonstravam um comportamento menos adequado para o bom funcionamento da sala de aula. No entanto quando chamados a atenção faziam um real esforço para se emendarem, umas vezes bem-sucedidos outras vezes não conseguiam. A turma B foi sempre uma turma por excelência bem-comportada, mas menos espontânea na sua participação, apesar de se demonstrarem

³⁹ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 9.

⁴⁰ Carvalho, «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica, edição 2014», 35.

interessados. Interesse e espontaneidade essa que foi aumentando e sendo mais natural com o passar das semanas e com o à vontade ganho com os professores.

A avaliação da Unidade Letiva foi sendo realizada aula após aula em momentos destintos, em moldes formativos fugindo ao modelo tradicional do teste sumativo. Foi-se sempre procedendo ao registo de observação, tendo em conta o interesse e atenção dos alunos, a sua participação bem como o seu empenho e criatividade

O modelo de ensino na aula da disciplina é, deste modo, concretizável através de experiências de aprendizagem cooperativa, da discussão em sala de aula e da educação experiencial. Foi com base neste paradigma que se selecionou as estratégias de gestão de sala de aula bem como a transmissão de conteúdos adotados.

A leitura e interpretação de texto bíblicos, para a abordagem de alguns conteúdos a partir de uma visão religiosa, cristã e católica foi também uma estratégia utilizada que se demonstrou eficaz. Por essa razão, o Programa de EMRC afirma que «O seu método é existencial e hermenêutico»⁴¹.

Com o trabalho em grupo, também utilizado, os alunos puderam demonstrar a sua capacidade de recolha e seleção de informação. Com este tipo de trabalho tentou-se confrontar as aulas com a vida real e envolver ativamente os alunos no desenvolvimento dos seus próprios objetivos de aprendizagem, enfatizando a sua responsabilidade ética e cívica

3.1 Planificações de nível IV e reflexão sobre as aulas lecionadas

Deste modo, e como já demonstrado nas tabelas de planificação de nível I,II e III apresentadas no Portefólio elaborado para a lecionação desta UL, decidiu-se seguir as cinco Metas propostas – A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa; C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas; B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história; J. descobrir a simbólica cristã; I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade, bem como abordar todos os conteúdos sugeridos no programa.

A lecionação desta Unidade Letiva foi realizada em dez aulas. Na primeira e segunda aula levaram-se os alunos a alcançar o objetivo – equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal. Na terceira e quarta aula o objetivo trabalhado foi – identificar as representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré. Na quinta e sexta aula o objetivo trabalhado foi – destacar a bondade e a grandeza de Deus. Na

⁴¹ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 154.

sétima, oitava, nona e décima aula o objetivo trabalhado foi – descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé. Desta forma os conteúdos foram todos abordados.

Foram elaboradas as respetivas planificações de nível IV e elaborados os respetivos relatórios (reflexão) acerca das mesmas.

Importa realçar que ficou decidido entre a professora Margarida Portugal, o meu colega César e eu, que eu lecionaria esta unidade letiva à turma B e o meu colega César à turma A. No entanto não lecionei todas as aulas desta unidade, uma vez que ficou decidido, durante a frequência do estágio, que no mês de Janeiro não nos iríamos deslocar a Lisboa, em virtude de não termos aulas na Universidade Católica Portuguesa. Por outro lado houve semanas em que lecionei as duas turmas uma vez que o meu colega César teve necessidade de faltar.

PLANIFICAÇÃO NÍVEL IV

Unidade Letiva 2- Deus, o Grande Mistério


14.ª Lição/1ª aula
09/01/2018

Meta do Domínio Ética e Moral:

A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa

Sumário:

A questão da existência de Deus

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	 50m	Recursos	Avaliação formativa
1 Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal	<ul style="list-style-type: none">•O acreditar e confiar humanos;•A problemática da existência de Deus: crença e razão;•Os vários elementos constitutivos do fenómeno religioso	Acolhimento e registo do sumário	5min	<ul style="list-style-type: none">•Caderno do aluno e material de escrita.•PC com Projetor•PowerPoint “ UL2 – Deus, o grande Mistério – Obj. 1”•Vídeo “O barbeiro Ateu”	<ul style="list-style-type: none">•Critérios de avaliação:<ul style="list-style-type: none">- Participação em aula.- Empenho na participação oral nas reflexões propostas.- Demonstração de respeito pelas diferentes opiniões.
		Início do Visionamento do PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj 1”	10min		
		Reflexão e registo, por parte dos alunos, sobre quem é Deus e qual o motivo de acreditarmos ou não.	10min.		
		Visionamento e debate do vídeo “O barbeiro Ateu”	10min		
		Continuação e conclusão do visionamento do PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj. 1”	15min		

Proposta de síntese:

Acreditar e confiar em Deus é uma atitude humana.

Meta do Domínio Ética e Moral:

A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa

Sumário:

A recusa e o confiar em Deus.

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 50m	Recursos	Avaliação formativa
1 Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal	<ul style="list-style-type: none"> • As várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo; • Acreditar em Deus: acolher e confiar no sentido último da vida. 	Acolhimento e registo do sumário	5min	<ul style="list-style-type: none"> • Caderno do aluno e material de escrita. • PC com Projetor • 2º PowerPoint “ UL2 – Deus, o grande Mistério – Obj. 1” • Música Boss AC – “Que Deus” 	<ul style="list-style-type: none"> • Critérios de avaliação: - Participação em aula. - Empenho na participação oral nas reflexões propostas. - Demonstração de respeito pelas diferentes opiniões. - Colocação em prática dos conceitos lecionados.
		Diálogo de recapitulação da aula anterior	5min		
		Início do Visionamento do PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj 1”	10min		
		Audição da música do Boss AC – “Que Deus” (11º slide)	4min		
		Debate entre o Ateísmo, Agnoscicismo e Crentes sobre a pergunta: “Deus Existe”	17min		
		Continuação e conclusão do visionamento do PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj. 1”	10min		

Proposta de síntese:

Acreditar em Deus é confiar que a vida humana tem um sentido que ultrapassa os anos que vivemos

Meta do Domínio Ética e Moral:

C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas

Sumário:

Representações de Deus no politeísmo e no Antigo Testamento

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 50m	Recursos	Avaliação formativa
2 Identificar as representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré	<ul style="list-style-type: none"> • A fé em Deus e as representações de Deus: - Representações de Deus no Antigo Egito e na Antiga Grécia; - Representações de Deus no Antigo Testamento: o Judaísmo; 	Acolhimento e registo do sumário	5min	<ul style="list-style-type: none"> • Caderno do aluno e material de escrita. • PC com Projetor • PowerPoint “ UL2 – Deus, o grande Mistério – Obj. 2” • Quadro e giz 	<ul style="list-style-type: none"> • Critérios de avaliação: - Participação em aula. - Empenho na participação oral nas reflexões propostas. - Demonstração de respeito pelas diferentes opiniões.
		Diálogo de recapitulação da aula anterior	5min		
		Visionamento do PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj 2”	25min		
		Tarefa final - “Desenhar Deus”.	15min		

Proposta de síntese:

Desde o início da humanidade que a noção da existência de Deus povoa a mente humana e faz parte da sua linguagem.

Meta do Domínio Ética e Moral

C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas

Sumário:

O Deus de Jesus Cristo

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 50m	Recursos	Avaliação formativa
2 Identificar as representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré	- O Deus de Jesus Cristo: o Cristianismo. •De um Deus de um povo até um Deus universal e inequivocamente bom. •Deus representado na arte.	Acolhimento e registo do sumário	5min	•Caderno do aluno e material de escrita. •PC com Projetor •PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – Obj. 2” •Música “Verbo de Deus” – Tolentino Mendonça •Noticias de jornais e revistas	•Critérios de avaliação: - Participação em aula. - Empenho na participação oral e nas reflexões propostas. - Demonstração de respeito pelas diferentes opiniões.
		Diálogo de recapitulação da aula anterior	5min		
		Visionamento do 2º PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj 2”	15min		
		Visualização de representações de Deus na arte. Audição da música “Verbo de Deus”	10min		
		Tarefa final: ver o mundo com os olhos de Deus.	10min		
		Síntese da aula	5min		

Proposta de síntese:

O Deus de Jesus Cristo é incondicionalmente bom e o ser humano necessita de O representar para melhor se relacionar com Ele.

Meta do Domínio Religião e Experiência religiosa:

B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.

Sumário:

A bondade e a grandeza de Deus

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	50m	Recursos	Avaliação formativa
3. Destacar a bondade e a grandeza de Deus.		- Acolhimento - Registo do sumário - Recapitulação da aula anterior	10min	<ul style="list-style-type: none"> • Caderno do aluno e material de escrita. • PC com Projetor • PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – Obj. 3” 	<ul style="list-style-type: none"> • Critérios de avaliação: - Participação em aula. - Empenho na participação oral e nas reflexões propostas. - Demonstração de respeito pelas diferentes opiniões.
	• A imensidão e bondade de Deus: Sir 43,27-33;	- Leitura e reflexão do texto	10min		
	• A fé como confiança e entrega: SL 23(22), «O senhor é meu pastor»;	- Audição do salmo musicado	5min		
	• A coerência entre a fé e as obras: Tg 2, 14 – 17.	- Leitura do texto e introspeção pessoal	10min		
		- Tarefa final: Troca de segredos sobre manifestações do Amor de Deus	10min		
		- Síntese da aula	5min		

Proposta de síntese:

A tradição judaica – e particularmente a cristã – revelam a imensidão e a bondade de Deus. Deus é o Amor.

RELATÓRIO DE PRÁTICA LETIVA

Data: 6 de fevereiro de 2018

N.º de Lição: 18 **Aula:** 6

Turma: 9.ºA e 9.ºB

Horário da aula: 8h15min – 9h05min; 12h15min - 13h05min

Processo da aula:

A aula do 9ºA teve início à hora prevista, 8h15min e a do 9ºB às 12h15min. Ambas as aulas tiveram o seu início com o acolhimento aos alunos e a projeção do PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj.3” no slide do sumário, pedindo aos alunos que efetuassem o registo do mesmo.

Na turma do 9.ºA nem todos os alunos foram pontuais o que levou a que a aula, nos 4 minutos iniciais, fosse interrompida por 2 vezes.

O objetivo definido a alcançar com a lecionação desta aula em ambas as turmas foi – *Destacar a bondade e a grandeza de Deus.*

Tanto na turma do 9.ºA como na turma do 9.ºB A, a aula consistiu, principalmente, na análise e reflexão de três textos bíblicos. O livro de Bem Sira – *Sir 43, 27-33*; Salmo 23 e Carta de Tiago – *Tg 2, 14-17*.

Usei, como suporte, durante toda aula, o PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj.3”, onde constam os três textos analisados.

De seguida tanto na turma A como na turma B a aula prosseguiu com a síntese da aula anterior sendo que na turma da 9.ºB desafiei os alunos a realizarem a síntese da aula anterior sozinhos.

Em ambas as turmas os alunos participaram, na sua maioria com entusiasmo aquando da análise da síntese da aula anterior, mostrando neste diálogo terem adquirido e consolidado corretamente os conteúdos lecionados na aula anterior. Apenas senti necessidade de reforçar que Deus é de facto incondicionalmente bom, não querendo dizer com isto no entanto que aprova todas as nossas atitudes mas que ainda assim nos perdoa sempre.

De seguida a aula prosseguiu com a exploração dos três textos bíblicos, como planificado. Com a exploração do texto *Sir 43, 27-33*, o meu propósito foi conduzir os alunos, à consciência da grandeza e do mistério de Deus que este texto transmite bem como dar a conhecer o convite que o texto nos lança de se louvar a Deus. No que respeita ao Salmo 23, cujo propósito foi levar os alunos à reflexão de que Deus nos protege, guia, conduz sempre e que, sem reservas devemos acreditar, confiar e ter fé em Deus, o mesmo não foi lido mas sim cantado, o que resultou.

Com a leitura e análise do texto da Carta de Tiago - *Tg 2, 14-17*, o meu propósito foi conduzir os alunos à consciência da importância real e enorme de que a fé e as obras são inseparáveis. Não basta acreditar, dizer que se acredita e nada se fazer. Procurei conduzir os alunos a sentirem que a fé ganha ainda mais sentido quando é uma fé viva que se concretiza em obras de amor.

De seguida e como tarefa final de consolidação de conhecimentos propus aos alunos a atividade “Troca de segredos”. Nesta atividade os alunos foram desafiados a escrever e a partilhar sinais da presença do amor e da bondade de Deus, na sua vida, na natureza e/ou na sociedade. Os alunos participaram com entusiasmo na realização da tarefa em ambas as turmas. No entanto na turma do 9.ºB o momento de partilha foi muito bonito chegando mesmo a ser emotivo.

Na turma do 9.ºA os sinais apontados foram o «Estar viva», «Atos de ajuda», «Piedade», «Perdão» e «Dar comida e abrigo a um sem-abrigo».

Na turma do 9.ºB os sinais apontados foram, «Nos irmãos bebés», «Nas coisas boas como comida, vestuário, amor dos amigos e família, na solidariedade.», «Na ajuda aos sem-abrigo», «No fim do dia agradeço o bem. Quando tenho de estudar e não tenho vontade. Quando preciso de ajuda», «Quando estou triste e sinto que me dizem para confiar. Quando agradeço ao fim do dia. Quando peço desculpa por errar.», «Sinto a presença de Deus na bondade das pessoas e na felicidade dos outros», «Sorriso no rosto da mãe. Oração», «Gato vadio no meio da estrada», «Ter muitos avós velhinhos e família» e «Pedi a Deus que a avó me reconhecesse e ela reconheceu».

De seguida, em ambas as turmas, desafiei os alunos para andarem atentos aos sinais do amor de Deus no seu dia-a-dia.

No final da aula tanto do 9.ºA como do 9.ºB, procedeu-se à síntese da mesma. Neste momento fiquei com certeza e satisfação que os alunos tanto da turma do 9.ºA como do 9.ºB tinham alcançado o objetivo planificado.

O processo de lecionação foi, em ambas as turmas, muito semelhante. Há que referir que a turma do 9.ºA foi menos participativa que a turma do 9.ºB, tendo também sido a turma mais agitada em termos de comportamento.

Na turma do 9.ºA a aula teve o seu término às 9h05min e a aula do 9.ºB teve o seu término às 13h05min, conforme o previsto.

Autoavaliação:

Em ambas as turmas a planificação foi cumprida.

Na turma do 9.ºA estava com muito frio e pouco dinamismo, bem como os alunos, o que se refletiu no decorrer da aula. Creio que lidei da melhor forma possível no que respeita ao comportamento bastante alterado e agitado de um dos alunos que tentou a todo o custo boicotar a aula. Tentei manter a calma e lhe mostrar que não poderia se comportar assim. Senti dificuldade em conduzir a reflexão dos textos e cometi o erro de não ter dado a ler aos alunos alguns dos slides do PowerPoint. Tal facto não devia ter acontecido, pois pedir aos alunos que leiam os slides do PowerPoint é uma boa estratégia para manter a atenção dos alunos ao tema da aula.

Na turma do 9.ºB, senti que lecionei a aula de uma forma rápida, fruto da minha insegurança no que respeita à reflexão de textos bíblicos, a que não foi feita da melhor forma. Todavia tentei melhorar o enquadramento dos textos, face ao que se tinha passado na turma do 9.ºA.

Tenho sempre receio de não conseguir conduzir os alunos a uma interpretação correta de textos bíblicos.

Consegui lidar de boa forma com a questão de duas alunas estarem sempre a conversar ao longo da aula. Desafiei-as a participarem, para conseguir prender a sua atenção.

Apesar da minha insegurança no que respeita à reflexão de textos bíblicos, creio não ter prejudicado o propósito da aula e acho que os alunos interiorizaram as minhas palavras.

O PowerPoint revelou-se um excelente suporte da aula, sendo minha opinião que estava bem elaborado e dentro do pretendido.

Na tarefa final promovi um clima de descontração, mas sempre baseado no respeito pelas normas de funcionamento da sala de aula, onde propus uma partilha dos sinais do amor e bondade de Deus sobre os quais os alunos tinham refletido. Em ambas a turmas foi um bom momento de partilha. No entanto na turma do 9.ºB foi um momento bastante emotivo, ao ponto de eu ter chorado. Foi enriquecedor e enternecedor.

Professora Cooperante:

A professora cooperante, Margarida Portugal, no que respeita à lecionação na turma do 9.ºA, referiu que realizei uma boa introdução, bem como um bom diálogo sobre o texto Sir 43. Considerou bom o desafio, que lancei aos alunos, de estarem atentos ao amor de Deus no dia-a-dia. Todavia referiu que eu não deveria ter lido o slide introdutório de síntese, sugerindo que o mesmo poderia ter sido lido pelos alunos.

No que respeita à turma do 9.ºB a professora cooperante referiu que falhou refletir um pouco sobre o comentário aos textos bíblicos. Foi lido o slide e nada mais. Valia a pena refletir, sublinhar, dar tempo para os alunos interiorizarem a mensagem. Mencionou ainda que no final

do texto Tg 2, 14-17, perguntei “alguém tem alguma dúvida?” e que passei logo para o slide sem esperar e também esse nada explorado.

Heteroavaliação:

No que respeita à leção da turma do 9.ºA o colega César Almeida, considerou que a aula teve sentido. Mencionou que revelei ser sistemática e coerente sem perder o «fio à meada», mantendo bom ritmo, com motivação e gosto.

A colega Cristina Pinto realçou a valorização por mim dada a uma intervenção de uma aluna. Realçou a firmeza com que soube lidar com o comportamento de um aluno que tentava boicotar o funcionamento da aula. Referiu ainda que gostou do voto de confiança que dei a um aluno lhe dizendo «tu és capaz».

O colega Jorge Magalhães referiu que a aula correu bem. Mencionou que sente que há dificuldades, por parte dos alunos, terem uma chave hermenêutica dos textos, sendo preciso orientar leitura.

No que respeita à leção da turma do 9.ºB o colega César Almeida, considerou a partilha, realizada pelos alunos, muito positiva, maravilhosa.

A colega Cristina Pinto referiu ter gostado muito, destacando a intervenção de chamada de atenção às alunas que se encontravam sempre a conversar. Gostou da forma como circulei na sala de aula dando valor a todos os alunos.

O colega Jorge Magalhães referiu que foi uma aula muito empática, dialogada, participada e que marcou os alunos. Mencionou ainda ter sido um ambiente amoroso.

Meta do Domínio Ética e Moral:

J. Descobrir a simbólica cristã

Sumário:

A fé cristã

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 50m	Recursos	Avaliação formativa
3 Destacar a bondade e a grandeza de Deus	- De um Deus de um povo até um Deus universal. • A fé cristã: - Uma experiência de encontro; - Um apelo à esperança, contra todos os sinais de desespero, - Um apelo à construção de um mundo solidário	Acolhimento e registo do sumário	5min	• Caderno do aluno e material de escrita. • PC com Projetor • PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – Obj. 3” • Vídeo – “Solidariedade efeito dominó.” • Cartolinas recortadas com palavras impressas	• Critérios de avaliação: - Participação em aula. - Empenho na participação oral e nas reflexões propostas. - Demonstração de respeito pelas diferentes opiniões. - Empenho na participação da atividade proposta.
		Diálogo de recapitulação da aula anterior	5min		
		Visionamento do 2º PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj 3”	7min		
		Visionamento do vídeo – “Solidariedade efeito dominó”	5min		
		Continuação do visionamento do 2º PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj 3”	10min		
		Tarefa final – “Frases do crente”	13min		
		Síntese da aula	5min		

Proposta de síntese:

A fé cristã nasce do encontro com Cristo e traduz-se na vivência do mandamento do amor.

RELATÓRIO DE PRÁTICA LETIVA

Data: 20 de Fevereiro de 2018

N.º de Lição: 19 **Aula:** 7

Turma: 9.ºB

Horário da aula: 12h15min - 13h05min

Processo da aula:

A aula do 9ºB teve início à hora prevista, 12h15min, com o acolhimento aos alunos. Procurei, como faço sempre, acolhê-los com um grande sorriso, dando os bons dias e perguntando como se sentiam e se tudo estava bem.

De seguida projetei o 2º PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj 3” no slide do sumário e pedi aos alunos que procedessem ao registo do mesmo no caderno diário, certificando-me de que todos o faziam.

Em diálogo com os alunos, realizou-se, como habitualmente, a recapitulação da aula anterior. Foi com satisfação que verifiquei que para os alunos ficou claro que Deus é amor, que é um Deus bom. Tendo em conta esta certeza fiz a introdução ao objetivo da aula que era destacar a bondade e a grandeza de Deus partindo de um Deus de um povo até um Deus universal, para de seguida abordar a fé cristã como uma experiência de encontro, um apelo à esperança e à construção de um mundo solidário, contra todos os sinais de desespero.

Ao planificar a aula tive sempre a preocupação de o fazer de forma a conseguir envolver os alunos neste tema. Nesse sentido elaborei o PowerPoint com base na página 81 do manual da disciplina. Nos slides do mesmo resolvi apostar na conjugação de imagem/texto de forma a conduzir e proporcionar um diálogo e reflexão do tema com os alunos. Procurei deixar claro, na exploração do tema, a passagem do Antigo Testamento e da relação de Deus com o povo escolhido para o Novo Testamento na figura de Jesus Cristo que nos vem apresentar um Deus Universal. Reforcei que apesar de Deus não ter preferência por nenhum dos povos teve que escolher um do qual surgiria Jesus Cristo. Para prender a atenção dos alunos e os envolver na aula fui pedindo, à vez, que lessem cada slide do PowerPoint. Houve um slide que chamou particularmente a atenção dos alunos. Tinha uma imagem de um sem-abrigo em que escrevi a seguinte frase: “A fé exige obras de amor”. A partir deste slide iniciou-se um debate muito interessante acerca da nossa postura, enquanto cidadãos, na sociedade. Resolvi então lançar um desafio aos alunos: durante a semana seguinte que vivessem o seu dia-a-dia com mais atenção no outro de forma a poder estar disponível e atento a ajudar quem precisasse. Desafiei-os também para que assimilassem dentro de si o que sentiam nesse momento e procurassem a sua

felicidade na ajuda ao próximo. De seguida projetei o vídeo «Solidariedade, efeito dominó», mas sem lhes dar a conhecer o nome do vídeo. No final perguntei-lhes o que sentiam com o que tinham acabado de ver e que título se poderia dar ao vídeo. Entre outras coisas os alunos mencionaram que o vídeo lhes fazia sentir que deveriam ajudar o próximo, que ficaram com consciência pesada por não ajudarem mais, partilharam ainda que o vídeo lhes transmitia que se um ajudasse os outros esses iriam ajudar também, como se fosse um choque em cadeia. Em relação ao título a atribuir surgiu a ideia de “favores em cadeia”, “estar disponível para ajudar sempre o próximo”, “vive atento”. No fim mostrei-lhes o título, “Solidariedade, efeito dominó” e todos acharam que “encaixava” muito bem.

De seguida desafiei os alunos para a realização da atividade final, dividindo a turma em grupos de forma a calhar duas frases por grupo. A atividade final consistiu no ordenar palavras soltas de forma a obter frases sobre fé. Para a realização desta atividade coleí cada palavra em cartolinas de várias cores sendo que as palavras coladas na cartolina da mesma cor formavam uma frase. Assim que cada grupo tivesse ordenado corretamente as palavras de forma a formar as frases pretendidas, teriam que as colar no quadro. No final projetei as frases para que os alunos verificassem se estavam ordenadas corretamente. As frases escolhidas foram as seguintes:

- Acreditar e confiar em Deus é uma atitude humana;
- Acreditar em Deus dá sentido à vida;
- O ser humano precisa de se relacionar com Deus;
- A fé é viva quando se concretiza em obras;
- A fé é uma experiência de encontro;
- A fé é um apelo à esperança contra todo o desespero;
- A fé é um apelo à construção de um mundo solidário.

Esta atividade foi muito interessante e os alunos participaram com muito entusiasmo deixando transparecer o genuíno interesse. Aproveitei as frases expostas para orientar a síntese da aula num diálogo com os alunos. Projetei o slide da síntese já por mim elaborada para reforçar a ideia de que a fé cristã nasce do encontro com Cristo e traduz-se na vivência do mandamento do amor.

A aula acabou à hora prevista.

Autoavaliação:

Os alunos do 9ºB, como já é hábito comportaram-se muito bem, participando sistematicamente e mostrando interesse na aula e no tema abordado.

À medida que ia avançando no PowerPoint, que se mostrou um excelente suporte da aula, procurei circular pela sala, de modo a estar próxima de todos os alunos. Assim, consegui prender a atenção de todos e puxá-los para um diálogo constante.

Considero que o desafio lançado aos alunos de andarem na rua atentos às necessidades de quem com eles se cruza e estarem disponíveis para ajudar o próximo, ter sido positivo. É preciso mostrar e inculcar a felicidade que se alcança em sermos bons para os outros.

Gostei da aula. Creio que os alunos sentiram e entenderam a mensagem. Espero que dê frutos. No entanto cometi duas falhas, que tendo em conta o principal tema da aula não poderiam ter ocorrido: não dei uma definição ou explicação de fé e não explorei convenientemente o slide em que afirmo que a fé é um exercício de narração da existência.

A atividade final foi o momento mais “agitado” da aula e muito interessante. Creio ter sido uma boa estratégia de consolidação dos conhecimentos o “jogo” que elaborei, bem como ter usado as frases construídas para conduzir os alunos à reflexão da síntese da aula.

O objetivo da aula - destacar a bondade e a grandeza de Deus - foi alcançado.

Considero ter conseguido gerir bem o tempo.

Professora Cooperante:

A professora cooperante, Margarida Portugal, referiu que faltou uma definição/explicação de fé; que o slide da fé como narrativa/experiência de vida podia ter sido melhor explorado; referiu que demonstrei uma muito boa postura na sala circulando entre os alunos; mencionou ter existido uma boa gestão do tempo bem como um bom domínio dos conteúdos; realçou que o objetivo foi cumprido e que foi realizada uma excelente síntese da aula.

Heteroavaliação:

O colega César Almeida referiu que gostou da aula e realçou a boa relação que na sua opinião manteve com os alunos. Considerou que o objetivo da aula foi cumprido.

A colega Cristina Pinto destacou a simpatia que tive para com os alunos. Considerou positivo a circulação que tive dentro da sala de aula bem como o desafio que lancei aos alunos. Realçou a forma como orientei a construção do conhecimento dos alunos mencionando que foi positivo a relação imagem/texto que coloquei no PowerPoint. No que respeita à atividade gostou de terem sido dadas duas frases a cada grupo.

O colega Jorge Magalhães considerou ter existido uma boa exploração do tema da aula e realçou a boa relação que manteve com os alunos.

Meta do Domínio Ética e Moral:

I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade

Sumário:

Ecos de Vidas com sentido.

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 50m	Recursos	Avaliação formativa
4 Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.	<ul style="list-style-type: none"> • Cada crente é o rosto e as mãos de Deus a atuar no mundo; • Vidas com sentido: <ul style="list-style-type: none"> - S. João de Deus e o acolhimento ao doente mental; - S. Vicente de Paulo e a opção pelos pobres. - Aristides de Sousa Mendes 	Acolhimento e registo do sumário	5min	<ul style="list-style-type: none"> • Caderno do aluno e material de escrita. • PC com Projetor • Música de Anselmo Ralph “ Ensina-me a Amar” • PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – Obj. 4” 	<ul style="list-style-type: none"> • Critérios de avaliação: <ul style="list-style-type: none"> - Participação em aula. - Empenho na participação oral e nas reflexões propostas. - Demonstração de respeito pelas diferentes opiniões. - Empenho na participação da atividade proposta.
		Diálogo de recapitulação da aula anterior	5min		
		Audição da música de Anselmo Ralph “Ensina-me a amar”	4min		
		Visionamento do PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj 4”	16min		
		Tarefa final – Reflexão sobre a vida de S. Vicente de Paulo e Aristides de Sousa Mendes	15min		
		Síntese da aula	5min		

Proposta de síntese:

Deus atua no mundo através das ações e do testemunho de pessoas que ousam confiar nele e se empenham na transformação da sociedade e no bem comum.

Meta do Domínio Ética e Moral:

I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade

Sumário:

Instituições Cristãs empenhadas no bem comum.

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 50m	Recursos	Avaliação formativa
4 Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.	<ul style="list-style-type: none"> Instituições de origem religiosa empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade. 	Acolhimento e registo do sumário	4min	<ul style="list-style-type: none"> Caderno do aluno e material de escrita. PC com Projetor 2º PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – Obj. 4” Vídeo – “O que é ser Voluntário” 	<ul style="list-style-type: none"> • Critérios de avaliação: <ul style="list-style-type: none"> - Participação em aula. - Empenho na participação oral e nas reflexões propostas. - Demonstração de respeito pelas diferentes opiniões. - Empenho na participação da atividade proposta.
		Diálogo de recapitulação da aula anterior	4min		
		Continuação do visionamento do 2º PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj 4”	13min		
		Visionamento do vídeo – “O que é ser voluntário”	5min		
		Tarefa final – “Vamos fundar uma Intuição de Solidariedade Social”	20min		
		Síntese da aula	4min		

Proposta de síntese:

Em nome de Deus e a partir da experiência crente, as Instituições Cristãs, dedicam-se a fazer o bem e a afirmar a dignidade humana.

RELATÓRIO DE PRÁTICA LETIVA

Data: 6 de Março de 2018

N.º de Lição: 21 **Aula:** 8

Turma: 9.ºB

Horário da aula: 12h15min às 13h05min

Processo da aula:

A aula do 9ºB teve início à hora prevista, 12h15min, com o acolhimento aos alunos.

Nem todos os alunos foram pontuais o que levou a que a aula, nos 4 minutos seguintes ao seu início, fosse interrompida por 2 vezes.

O objetivo primeiro desta aula era abordar e dar a conhecer aos alunos instituições Cristãs que atuam na sociedade para o bem comum.

Primeiramente projetei no quadro o PowerPoint “ “UL2 – Deus, o Grande Mistério – obj.3” elaborado para a leção da aula, no slide do sumário e pedi aos alunos que registassem no seu caderno diário o sumário da aula.

Após este momento, desafiei a turma a fazer uma síntese da aula anterior. Os alunos foram bastantes participativos, mostrando terem adquirido e consolidado corretamente os conteúdos.

Avancei no PowerPoint, projetando o slide da síntese escrita da aula anterior, realçando que Deus atua no mundo através das ações e do testemunho de pessoas que ousam confiar n’Ele e se empenham no bem comum e na transformação da sociedade. Este slide de recapitulação foi de extrema pertinência para a introdução da importância da atuação das Instituições Particulares de Solidariedade Social, o objetivo desta aula.

Comecei por explicar aos alunos que uma Instituição é uma estrutura de ordem social com uma função na sociedade e partindo desta definição expliquei que uma Instituição Particular de Solidariedade Social é uma instituição que atua numa relação de proximidade à população e que, atuando na sociedade, acaba por ser cooperante com o Estado, sendo fundada por iniciativa de particulares. Questionei os alunos se tinham entendido a explicação, se havia dúvidas ao qual me responderam que não.

De seguida, avancei no PowerPoint, dando a conhecer o funcionamento e os objetivos de instituições - Caritas, Conferências Vicentinas, Santa Casa de Misericórdia e Ninho. Em cada slide do PowerPoint que era projetado, solicitava a um aluno que o lesse em voz alta como estratégia de participação constante dos alunos no decorrer da aula.

Quando expliquei o modo de atuação da Cáritas, um aluno questionou-me o que significava Diocesana. Confesso que naquele momento bloqueei e a resposta não me saiu no

imediatamente. Para não ter um momento de silêncio que poderia ser muito mau, solicitei a ajuda da professora cooperante, que de imediato se prontificou a expor a explicação “salvando” assim aquele momento.

Após um breve diálogo com os alunos sobre o modo de funcionamento das instituições, projetei no quadro um slide com as 14 Obras de Misericórdia, explicando que as mesmas são Atos de Misericórdia que se espera que os cristãos executem e como tal estão também elas na base do aparecimento das Instituições Cristãs.

Pedi a dois alunos que lessem. Um leu as Obras de Misericórdia Espirituais e outro, as Corporais.

No final de se ler as Obras de Misericórdia Corporais surgiu uma dúvida coletiva do que significava «visitar os encarcerados». Expliquei que significa visitar os que estão presos, para lhes transmitir ânimo. Fiz-lhes ver também que, com o nosso testemunho, os ajudamos a passar por esse momento mais delicado das suas vidas. Desta forma, contribuí-se para que reconheçam os seus erros, de forma a nunca mais os cometerem.

Em torno desta Obra de Misericórdia surgiu um diálogo/debate, que não estava planificado, acerca de se se deve ou não visitar os presos e se eles merecem. Alguns alunos foram duros na sua opinião afirmando que há crimes que não merecem perdão e que os presos não merecem que sejam visitados. Ouvi todos com muita atenção. No final lembrei-lhes tudo o que estava para trás, nesta UL2, acerca da bondade infinita de Deus e que também os presos merecem o nosso perdão. Desafiei os alunos a reler as Obras de Misericórdia Espirituais no sentido de os conduzir a uma reflexão mais concreta da questão do perdão. Perguntei-lhes se todos estavam de acordo com as mesmas e se as mesmas deveriam ser realizadas ou não. Todos os alunos responderam que sim, que deveriam. De seguida, perguntei-lhes então, se não fazia sentido executá-las também com os presos, se os mesmos não precisam. Verificou-se um momento de silêncio e de seguida os alunos, a pouco e pouco, foram-se manifestando, afirmando que fazia sentido.

A professora Cooperante interveio, escrevendo no quadro «condenar o pecado, salvar o pecador». Esta frase serviu de excelente remate ao debate que espontaneamente tinha surgido.

Creio ter conseguido levar cada aluno a refletir interiormente sobre a questão de que todas as pessoas merecem o perdão independentemente da sua falta.

Em seguida avancei com a projeção de um pequeno vídeo “O que é ser voluntário”.

Depois do visionamento deste pequeno vídeo de que os alunos gostaram bastante, pedi-lhes para realizarem a síntese da aula para de seguida, se realizar a tarefa final.

Após um breve diálogo projetei o slide com a síntese.

Posteriormente desafiei e incentivei os alunos para a realização da tarefa final projetando o slide com as indicações/orientação para a execução da mesma.

A tarefa proposta sob o título «Vamos fundar uma Instituição de Solidariedade Social» consistiu num trabalho de grupo. A turma foi dividida em 3 grupos de trabalho em que cada grupo teria que fundar uma Instituição de Solidariedade Social. Para o efeito teriam que pensar que nome teria a mesma, qual o público-alvo e os objetivos. No final cada grupo faria uma partilha com a restante turma.

Dos grupos surgiram três instituições:

- . **ASP – Adolescentes que se sentem perdidos** – com o objetivo de ajudar e orientar adolescentes;
- . **Ajuda à maternidade** – com o objetivo de acolher e ajudar adolescentes grávidas desamparadas.
- . **Em busca de uma vida melhor** – com o objetivo de acolher e ajudar dando educação, casa e trabalho aos sem-abrigo.

A diversificação das instituições que surgiram, bem como os objetivos distintos foi um fator enriquecedor para esta aula.

Autoavaliação:

A planificação foi totalmente cumprida e tendo em conta a atenção e as interlocuções dos alunos, posso concluir que os conteúdos ficaram consolidados e o objetivo da aula, de os alunos ficarem a conhecer Instituições Cristãs e o seu modo de atuar, foi atingido.

Promovi um clima de descontração, mas sempre baseado no respeito pelas normas de funcionamento da sala de aula e da escola.

Tentei ao longo de toda a aula promover um ambiente tranquilo e harmonioso para que fosse possível a participação de todos, principalmente no debate que espontaneamente surgiu, para que todas as ideias fossem ouvidas.

Na realização da tarefa acompanhei todos os grupos, esclarecendo pequenas dúvidas que iam surgindo, dando algumas sugestões e orientações.

Os alunos foram cumpridores das regras e apresentaram um bom comportamento na aula.

Creio que ter projetado e explicado de forma clara o que se pretendia com a tarefa final fez com que os alunos realizassem rapidamente o trabalho solicitado.

O PowerPoint revelou-se um excelente suporte da aula, sendo que na minha opinião, que estava bem elaborado e dentro do pretendido.

Foi uma falha da minha parte ter «bloqueado» aquando da questão levantada por um aluno do que significava «Diocesana», caso a professora cooperante não tivesse intervindo, a situação

poderia ter ficado muito delicada. Deste modo, refleti concluindo que é de extrema importância que eu como professora me prepare muito bem para as minhas aulas, me organize para todas as questões que possam ser levantadas pelos alunos, tanto as evidentes como as menos evidentes.

Procurei no decorrer da aula ir circulando pela sala de aula no sentido de chegar perto de todos os alunos.

Professora Cooperante:

A professora cooperante, Margarida Portugal, referiu que a aula foi bem conduzida com encadeamento de conteúdos. Mencionou ainda ter havido uma excelente introdução às instituições e uma magnífica participação e interesse dos alunos.

Heteroavaliação:

O colega César Almeida referiu que o objetivo da aula foi claramente conseguido e que a turma se revela excelente.

A colega Cristina Pinto referiu ter gostado da circulação pela sala de aula, da forma como a aula anterior foi recapitulada. Mencionou ainda ter havido uma construção do conhecimento com os alunos bem como esclarecimento de dúvidas. Considerou a minha leção muito boa.

O colega Jorge Magalhães salientou ter sido uma aula positiva em todos os níveis realçando o facto de eu ter trazido os alunos para o objetivo da aula. Realçou a boa participação por parte dos mesmos.

Meta do Domínio Ética e Moral:

I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade

Sumário:

Como fundar uma Instituição de Solidariedade Social.

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 50m	Recursos	Avaliação formativa
4 Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.	<ul style="list-style-type: none"> Instituições de origem religiosa empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade. 	Acolhimento e registo do sumário	4min	<ul style="list-style-type: none"> Caderno do aluno e material de escrita. PC com Projetor 2º PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – Obj. 4” 	<ul style="list-style-type: none"> Critérios de avaliação: <ul style="list-style-type: none"> - Participação em aula. - Empenho na participação oral e nas reflexões propostas. - Demonstração de respeito pelas diferentes opiniões. - Empenho na participação da atividade proposta.
		Diálogo de recapitulação da aula anterior	4min		
		Visionamento do 2º PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj 4”	3 min		
		Tarefa de aula – “Vamos fundar uma Intuição de Solidariedade Social” (continuação)	35min		
		Síntese da aula	4min		

Proposta de síntese:

A fé e as obras são inseparáveis

Meta do Domínio Ética e Moral:

I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade

Sumário:

Apresentação dos trabalhos de grupo (Instituições de Solidariedade Social).

Autoavaliação.

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 50m	Recursos	Avaliação formativa
4 Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.	<ul style="list-style-type: none"> Instituições de origem religiosa empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade. 	Acolhimento e registo do sumário	5min	<ul style="list-style-type: none"> Caderno do aluno e material de escrita. PC com Projetor 	<ul style="list-style-type: none"> •Critérios de avaliação: - Participação em aula. - Empenho na participação oral e nas reflexões propostas. - Demonstração de respeito pelas diferentes opiniões. - Empenho na participação da atividade proposta.
		Diálogo de recapitulação da aula anterior	3min		
		Tarefa de aula – Apresentação dos trabalhos de grupo, “Vamos fundar uma Intuição de Solidariedade Social”	27min		
		Síntese da aula	5min		
		Autoavaliação	10min		

Proposta de síntese:

A bondade de Deus transforma a vida do crente num apelo à esperança e empenha-o na construção de um mundo solidário

RELATÓRIO DE PRÁTICA LETIVA

Data: 20 de Março de 2018

N.º de Lição: 23 **Aula:** 10

Turma: 9º A e 9.ºB

Horário da aula: 08h15min - 09h05min e 12h15min - 13h05min

Processo da aula:

A aula do 9ºA teve início à hora prevista, 08h15min, e a aula do 9ºB às 12h15min, ambas com o acolhimento aos alunos e a projeção do PowerPoint elaborado para a leção da aula no slide do sumário, que pedi aos alunos que registassem.

Nem todos os alunos foram pontuais o que levou à interrupção da aula por diversas vezes no seu início, em ambas as turmas.

Em ambas as turmas solicitei aos alunos que realizassem a síntese da aula anterior e refletissem comigo. Os alunos, na sua maioria e em ambas as turmas, mostraram terem adquirido e consolidado corretamente os conteúdos lecionados na aula anterior.

Esta aula, para ambas as turmas, teve como objetivo a apresentação à turma, por parte de cada grupo, do trabalho realizado na aula anterior, fruto de uma investigação, sob o título - «Vamos fundar uma Instituição de Solidariedade Social – IPSS». Todos os grupos das duas turmas conseguiram apresentar. No entanto, a turma do 9ºA que é um pouco barulhenta, devido a esse facto demorou mais tempo nas apresentações e os trabalhos poderiam estar um pouco melhor. A turma do 9ºB, mais tranquila, revelou-se bastante envolvida na atividade. Os diferentes grupos demonstraram ter alcançado o objetivo pretendido pois, nas suas apresentações, mostraram supostas instituições com estruturas bem pensadas. Foi muito interessante.

Com cada turma, procedeu-se à síntese da aula anterior e foi com agrado que constatei que a maioria dos alunos, em ambas as turmas, reteve e compreendeu o pretendido.

Por fim, e em ambas as turmas, solicitei aos alunos que, tal como já acontecera no início da leção da Unidade Letiva 2, respondessem a quatro questões que projetei no quadro – «Quem é Deus para mim?»; «O que significa Deus na minha vida?»; «Por que razão acredito – ou não acredito – em Deus?»; «O que mais me marcou na Unidade Letiva 2?». Todos os alunos responderam.

Na turma do 9ºB houve ainda tempo para concluir a aula de uma forma maravilhosa, apesar de não planificada. Por iniciativa da professora cooperante, uma vez que ainda faltavam dez minutos para a aula terminar, resolveu-se jogar o «Quem quer ser Cristão» (inspirado no

jogo transmitido pela RTP1 – «*Quem quer ser milionário*» – devidamente adaptado aos conteúdos da Unidade Letiva 2). Este jogo tinha sido elaborado como plano B, o que se tornou muito útil.

No final da aula, agradei aos alunos do 9ºB a sua postura ao longo do segundo período, dizendo que adorei lecionar-lhes as aulas e informando que no terceiro período já não seria eu a lecionar, mas sim outro professor estagiário.

Autoavaliação:

Na leção desta aula, tanto no 9º A como no 9º B, os objetivos foram amplamente atingidos tendo consciência, no entanto, que na turma do 9ºA os alunos mais agitados retiveram menos do que o pretendido.

Na aula do 9º B, aquando da apresentação dos trabalhos, perdi-me um pouco em considerações, o que não foi benéfico.

Gostei da dinâmica do jogo que existiu na turma do 9ºB que foi um sucesso, revelando-se, de novo, numa excelente estratégia de consolidação dos conhecimentos, neste caso, da Unidade letiva 2.

Heteroavaliação:

A heteroavaliação não se realizou dado que os outros professores estagiários não puderam estar presentes.

Professora Cooperante:

A professora cooperante, Margarida Portugal, referiu que no que respeita à leção da aula do 9ºA a mesma foi boa. No entanto, e aquando da apresentação dos trabalhos considerou que me perdi um pouco em considerações o que não foi benéfico. Realçou o facto de eu ter dito a um aluno que estava a ter um comportamento menos próprio que eu considerava que o mesmo (aluno) era muito melhor que a sua atitude.

No que respeita à leção da aula do 9ºB, a professora mencionou ter sido uma boa aula, bem conduzida.

3.2. Instrumentos de avaliação utilizados

A avaliação é uma tarefa permanente e didática necessária na realização do trabalho de qualquer professor. Esta acompanha passo a passo o processo de ensino e aprendizagem, assumindo essencialmente um caráter formativo com recolha sistemática de diversos elementos e a realização de análise contínuas. Esta recolha passa pela utilização de instrumentos vários e diversificados tendo em conta o que realmente se pretende avaliar e analisar.

A partir do trabalho quotidiano na sala de aula e na escola, o professor recolhe informação muito diversa em relação aos seus alunos. Como o principal objetivo é que toda a informação seja, dentro do possível, o mais fielmente recolhida, torna-se necessário integrar-se, no processo avaliativo dos alunos, os registos estruturados. Assim sendo torna-se necessário a elaboração de grelhas de observação direta em contexto de sala de aula, onde se proceda ao registo de toda uma postura do aluno, desde o seu empenho, à sua participação sem nunca desconsiderar as suas atitudes, bem como grelhas de avaliação dos trabalhos de grupo, avaliação final, autoavaliação, entre outras que se considerem necessárias para este processo. Desta forma torna-se possível que os resultados vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos e que sejam comparados com os objetivos propostos, não só para aferir os progressos e dificuldades, como também para reorientar o trabalho docente, caso seja pertinente fazê-lo.

Qualquer processo de ensino requer que, no decurso de uma estratégia que integra os seus dispositivos e momentos de avaliação para reorientar e analisar, também se incluam, formativamente, momentos e situações de balanço sumativo das aprendizagens de uma unidade ou de um conceito, que permitam aos alunos situarem-se relativamente às metas pretendidas.⁴²

Ao nível dos processos de avaliação dos alunos, o professor dispõe de uma certa autonomia não tendo que seguir uma fórmula rígida. No entanto, deve-se ter em conta que o ato de avaliar não deve ser constantemente alterado e inovado, uma vez que os processos que o determinam fazem parte de uma cultura escolar bastante enraizada. Nele, alunos, docentes, e encarregados de educação, contam que assim seja e que o processo se desenrole sempre sem grandes novidades. Para que a avaliação se trone mais eficaz, coerente e transparente tornar-se imprescindível que o professor clarificasse sempre, diante dos seus alunos, os procedimentos de avaliação que tenciona utilizar.

⁴² Maria do Céu Roldão e Maria Ivone Gaspar, *Elementos do Desenvolvimento Curricular* (Lisboa: Universidade Aberta, 2007), 96.

Deste modo, e conscientes de toda esta realidade, no início do ano letivo, a Professora Cooperante e os alunos estagiários do núcleo de estágio da PES da Escola D. Fernando II, do agrupamento de escolas do Monte da Lua – Sintra, reuniram-se no sentido de refletir, debater e decidir sobre quais os procedimentos de avaliação a aplicar no presente ano letivo de 2017/2018, aos alunos das turmas A e B do 9º ano, matriculados na disciplina de EMRC

Decidiu-se que o procedimento de avaliação a aplicar, nas três Unidades Letivas, incidiria sobre a observação direta em contexto de sala, no que respeita à responsabilidade e empenho, à participação oral, ao interesse demonstrado no decorrer da aula, ao interesse demonstrado na realização dos trabalhos de grupo, trabalhos individuais e debates, à organização bem como autonomia e cumprimento das regras de convivência e respeito mútuo.

Levar os alunos a se comprometerem e a se sentirem implicados nas tarefas escolares é um parâmetro com um peso significativo no trabalho diário do aluno que, na lecionação de qualquer disciplina deve ser valorizado. Na lecionação da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica tal parâmetro deve ser grandemente tido em conta, uma vez que as tarefas escolares que dizem respeito à avaliação encontram nas metas curriculares da disciplina a sua razão de ser.

Para o efeito foram realizadas grelhas de avaliação para os critérios atrás descritos.⁴³

⁴³ Ver anexos XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI

4. Balanço da experiência de lecionação na PES

Apesar da minha experiência como docente, na altura da realização da PES (2017/2018), ser já de 19 anos, aprendi muito com a experiência de lecionação na mesma.

A boa relação que consegui ter, tanto com a professora cooperante, que se mostrou sempre incedível para ajudar, como com os meus colegas de estágio da PES, mostrou-se preponderante para a minha evolução enquanto docente.

A troca de informação, a partilha de opiniões e matérias, a troca de ideias entre nós acerca do desempenho de cada um em contexto de sala de aula, foi fundamental tanto para a minha planificação, como na melhoria de alguns aspetos da lecionação.

Em termos de desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, planifiquei todas as aulas que lecionei, bem como elaborei os respetivos materiais e atividades realizadas. Estas planificações foram elaboradas tendo em conta aspetos como competências específicas, conteúdos programáticos, metodologias, recursos e instrumentos de avaliação.

Tentei sempre desenvolver estratégias diferenciadas visando o sucesso e a realização dos alunos, mobilizando saberes e experiências pessoais, culturais e sociais dos mesmos. Na forma de diversificar estratégias e recursos utilizados, procurei rentabilizar os meios informáticos, nomeadamente computador e projetor, de modo a tornar o processo ensino-aprendizagem mais aliciante e significativo para os alunos, possibilitando-lhes o visionamento de imagens e de vídeos relacionados com os conteúdos programáticos.

Nas técnicas de produção de materiais, fui revelando uma grande melhoria. Tal facto tornou-se bastante evidente principalmente na elaboração dos PowerPoint, com o conteúdo selecionado para colocar nos mesmos e o grafismo dos mesmos. Considero também que melhorei em muito, a exploração hermenêutica dos textos bíblicos quando os mesmos eram utilizados.

Promovi também a realização de trabalhos em grupo, como forma de os alunos adquirirem o conhecimento de forma mais autónoma e, logo, mais significativa. Os trabalhos realizados em grupo permitiram ainda fomentar as relações humanas e o espírito de entreajuda entre os alunos. Promovi um clima de descontração nas aulas, mas sempre baseado no respeito pelas normas de funcionamento da sala de aula e da escola. De uma forma geral, os alunos com os quais trabalhei foram cumpridores das regras e apresentaram um bom comportamento nas aulas.

Avaliei sistematicamente as aprendizagens dos alunos, através de instrumentos de avaliação realizados para o efeito. Tive em conta o cumprimento das regras de sala de aula,

empenho e participação, realização dos trabalhos de casa, pontualidade, material e caderno. Todos estes aspetos foram tidos em conta no processo de avaliação.

Foi realizada de uma forma constante e em todas as aulas, uma avaliação formativa. Deste modo foi fácil perceber que os alunos adquiriram bem os conhecimentos e que as aprendizagens ficaram bem solidificadas, podendo-se afirmar que o processo ensino-aprendizagem alcançou os objetivos propostos. Em todas as aulas os alunos conseguiam relembrar e fazer de uma forma correta a síntese da aula anterior, acompanhavam demonstrando verdadeiro interesse no desenrolar da aula e participavam nas atividades propostas, bem como em trabalhos de grupo conseguiram fazer uma boa recolha e seleção da informação necessária. Tendo em conta tudo isto conseguiu-se apurar o seu nível de aprendizagem que se considera bom, no geral de ambas as turmas.

Preocupei-me sempre em observá-los e manter-me a par das suas dificuldades, aptidões, preferências, comportamento e relacionamento com os colegas. Procurei incentivar ao máximo cada aluno e explorar as capacidades de cada um e motivá-los para o empenho e interesse pelas matérias, fazendo-os compreender a importância de uma boa educação e formação e lhes dando sempre o *feedback* da sua situação.

Este sucesso também se deveu-se ao interesse e empenho dos alunos que ao longo do ano foram correspondendo de forma bastante positiva a tudo o que lhes era solicitado e participando de forma entusiasta nas aulas.

5. Identificação e justificação do objeto de estudo

A unidade letiva – “Deus, o grande Mistério”, aborda uma temática que, dado à sua complexidade se torna sempre difícil de lecionar, principalmente devido à faixa etária dos alunos do 9º ano de escolaridade. Quando se fala de Deus, os mesmos demonstram pouca curiosidade e interesse por essa «figura», esse Deus invisível, cuja relação mais marcada com o Homem é narrada no Antigo Testamento. A causa provável será os alunos não sentirem muita afinidade com essa narração, parecendo considerar uma história abstrata e muito longe da época em que vivem.

Apesar de ser difícil falar de Deus é igualmente desafiante. Desse modo achei pertinente e a altura ideal, tendo em conta a minha frequência no Mestrado de Ciências Religiosas e a frequência na PES, me debruçar e refletir sobre a questão de qual a melhor forma de apresentar Deus aos alunos, neste particular, aos alunos madeirenses.

Os jovens sentem necessidade de encontrarem respostas às suas dúvidas existenciais. Sentem cada vez mais a necessidade de entender qual a razão de acreditar e acreditar em quê e porquê. Que vantagens traz esse acreditar à sua vida. Quem é Deus? Por isso, tal como foi referido anteriormente, a lecionação desta UL, no 9º ano é tão pertinente.

A lecionação desta UL, no decorrer da PES, criou em mim, enquanto docente de EMRC, uma ambivalência inquietante. Se por um lado, tenho a possibilidade de falar de Deus, falar de Deus enquanto Mistério, por outro lado posso, se só me cingisse ao próprio Deus, deparar-me com uma insuficiência de factos palpáveis para conseguir transmitir este Mistério chamado Deus.

Deste modo a grande questão que se me coloca como reflexão é:
Como apresentar Deus aos alunos, de forma a assimilarem o Seu Mistério de amor e se abrirem à possibilidade de uma relação com Ele que nos criou, nos ama e acolhe?

CAPITULO 3: “DEUS, O GRANDE MISTÉRIO” (UL2) - OBJETO DE ESTUDO

Como docente procuro sempre ir ao encontro das expectativas dos alunos. Acompanhá-los na aventura da descoberta da vida, do religioso, de Cristo, de Deus. É uma missão carregada de grande responsabilidade.

Tal como anteriormente mencionado, não é fácil falar de Deus aos alunos e não o é por vários fatores. Por um lado, os alunos vivem num mundo secularizado, no qual se torna perceptível uma alteração na ordem de valores, vividos numa contexto de experimentação, que conduzem a uma pluralidade de estilos de vida. Por outro lado, a frequentar o 9º ano de escolaridade, (faz-se referencia a esta faixa etária pois é a faixa etária correspondente ao objeto de estudo), os mesmos estão a viver a experiência de uma adolescência intermédia ou seja a adolescência propriamente dita. Sendo uma altura de «[...]busca de “modelos de identificação, isto é, de modelos para um projeto de vida que valha a pena construir [...]»,⁴⁴ esta etapa demonstra ser muito difícil, na medida em que tendem a questionar (religião inclusive) tudo o que os rodeia, tudo o que lhes foi transmitido pelos seus antepassados (pais, avós, etc.).

Talvez uma das principais fontes de conflito de gerações seja exatamente a dificuldade do adolescente em reconhecer em si as influências culturais das gerações precedentes. [...] A tensão entre continuidade (identidade) e mudança (desenvolvimento), que marca todo o ciclo de vida, encontra na adolescência uma expressão peculiar, que os estudos sobre narrativa adolescente e, em especial, os de identidade narrativa, buscam elucidar.⁴⁵

É uma etapa na qual tendem a amadurecer, a marcar a sua postura, a sua maneira de ser na busca de uma autonomia muito própria que desesperadamente querem encontrar e para a qual são chamados. Altura de profundas mudanças, tanto a nível físico como psicológico, os alunos tendem a ter uma postura de constante auto crítica, que surge da desorientação em que se encontram e no facto de muitas vezes não terem uma compreensão de si próprios que lhes permita ser mais seguro.

A adolescência acarreta como grande tarefa a construção da identidade no seu todo o seu todo, não sendo a religiosidade exceção nessa construção. «Segundo Carvalho (1996), é uma etapa que impele o indivíduo a uma redefinição da própria identidade, ao avaliar sua inserção no plano espaço-temporal, integrando o passado, com suas identificações e conflitos, ao futuro, com suas perspectivas e antecipações.»⁴⁶

⁴⁴ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Novos Caminhos Manual do aluno do 7º ano-EMRC* (Lisboa: SNEC, 1992), 6.

⁴⁵ Maria Cláudia Santos Lopes de Oliveira, «Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica», *Psicologia em Estudo*, n.2 (2006): 433.

⁴⁶ Oliveira, «Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica», 428.

A enorme necessidade de os alunos encontrarem respostas ao porquê da sua existência terrena e à necessidade enorme de terem a certeza de uma vida depois da morte, e de qual é a sua verdadeira e principal missão na vida, leva-os em busca de uma relação com o transcendente, de algo que os sossegue e onde consigam encontrar respostas às suas inquietantes dúvidas. «A experiência, sobretudo quando entendida como busca de sentido, é caminho para a compreensão da condição humana, pois revela aquilo que o ser humano, até sem sabê-lo, está buscando.»⁴⁷

É nesta idade que existe uma rápida caída do antropomorfismo criado nas idades anteriores e em que se passa a ter uma nova compreensão, mais espiritual, da figura de Deus. Apesar de uma pequena percentagem poder continuar a ter uma conceção um pouco infantil de Deus, pelo facto de que nem todos os alunos alcançarem o pensamento formal da mesma forma, é na adolescência que se dá um acentuado crescimento intelectual, em que se inicia realmente a formação do pensamento religioso e também uma evolução no conceito de Deus.

1. Perceção que os alunos do 9º ano demonstram ter de Deus

Sendo a UL2 a minha unidade de referência e objeto de reflexão do presente trabalho, considerei pertinente e interessante apurar qual a perceção que os meus alunos, deste nível de ensino, têm de Deus.

Para o efeito realizei um questionário anónimo que foi respondido por 130 alunos do 9º ano de escolaridade, do ensino público (todos da mesma escola), inscritos na disciplina de EMRC e residentes na Região Autónoma da Madeira.

O questionário foi composto por sete perguntas, através das quais inquiri os alunos - para conseguir adquirir mais elementos que me levassem a conseguir entender que “espaço” Deus ocupa nas suas vidas - acerca se acreditavam ou não em Deus, quem é Deus para eles, que significado tem, como o imaginam e como tiveram conhecimento D’ele.

Para ter uma melhor perceção das respostas dadas pelos alunos, recorri à análise dos gráficos correspondentes, onde consta a distribuição percentual das respostas dadas. De ressaltar que nos gráficos de Pizza, quando o valor percentual é menor que 10%, a respetiva percentagem não é referida.

⁴⁷ Bingemer, *Experiência de Deus na Contemporaneidade entre o viver e o contar*, 38.

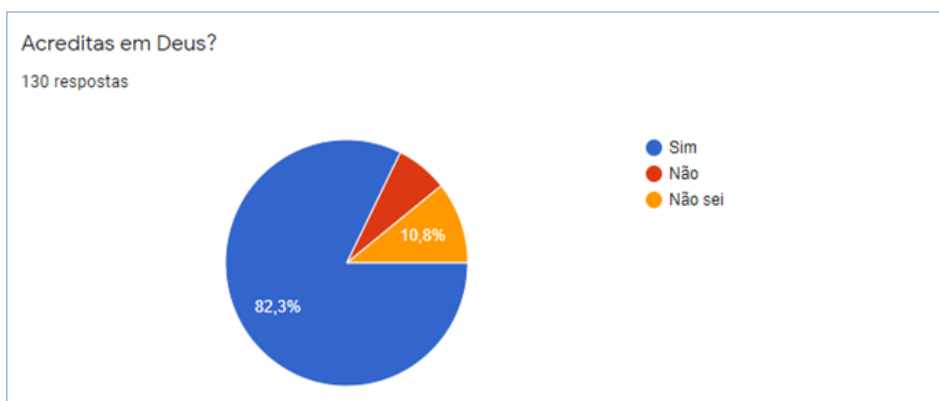


Gráfico 1 – Distribuição percentual dos alunos que acreditam ou não em Deus

No que respeita a esta primeira pergunta, e no conjunto dos 130 (100%) alunos, fica claro que 82,3% acredita em Deus, 10,8%, apesar de frequentar a disciplina, não sabe se acredita em Deus e 6,9% não acredita.

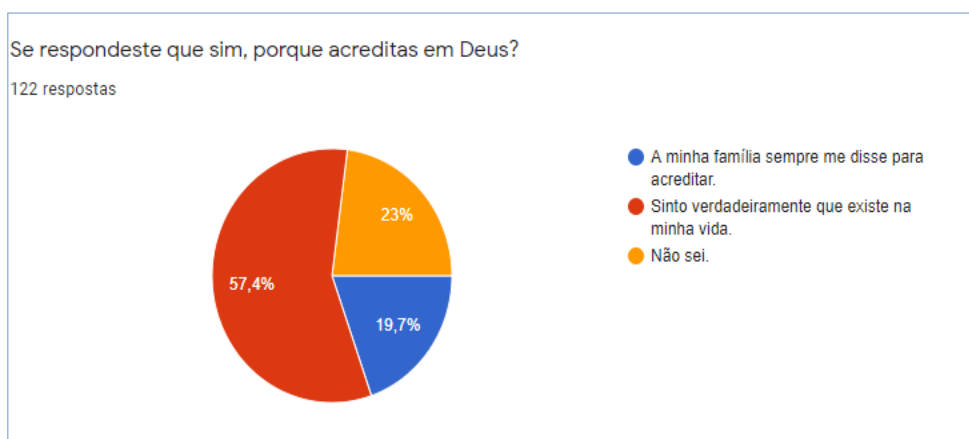


Gráfico 2 – Distribuição percentual do motivo que leva os alunos a acreditar em Deus

Em relação a esta segunda pergunta torna-se importante ressaltar que foi respondida apenas por 82,3% (a percentagem de alunos que acredita em Deus) dos 130 alunos inquiridos.

Os resultados são pertinentes pois levam-me a concluir que os alunos que acreditam em Deus (82,3% da minha amostra) “só” 57,4% dos inquiridos não tem dúvida de que, de alguma forma, sente verdadeiramente que Deus existe na sua vida. Os restantes 42,7% dividem-se em dois grupos. 19,7% revelam que acreditam por influência familiar, porque lhes disseram que era para acreditar, revelando uma parca reflexão acerca da existência de Deus e 23% não sabe

porque acredita em Deus. Uma percentagem curiosa, talvez expressiva da agitação, desorientação interior e imaturidade, própria da idade.

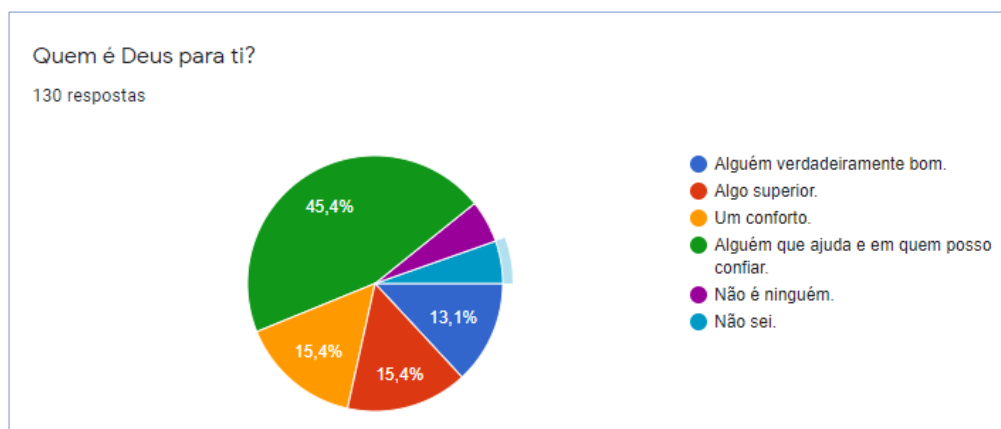


Gráfico 3 – Distribuição percentual das diferentes opiniões e quem é Deus para os alunos

Esta terceira pergunta, procura aferir que opinião, acerca de quem é Deus, os alunos têm. 45,4% (a maioria) sente Deus como “alguém que ajuda e em quem posso confiar”. 13,15% considera Deus “Alguém verdadeiramente bom” e curiosamente encontramos a mesma percentagem de 15,4%, tanto para os que consideram Deus como “algo superior”, como para os que consideram Deus “um conforto”. Existe ainda a percentagem de 10,7% que é dividida (não sei em que percentagens) entre “não é ninguém” e “não sei”. Esta percentagem remete-me à primeira pergunta e à percentagem dos alunos que não sabem se acredita.

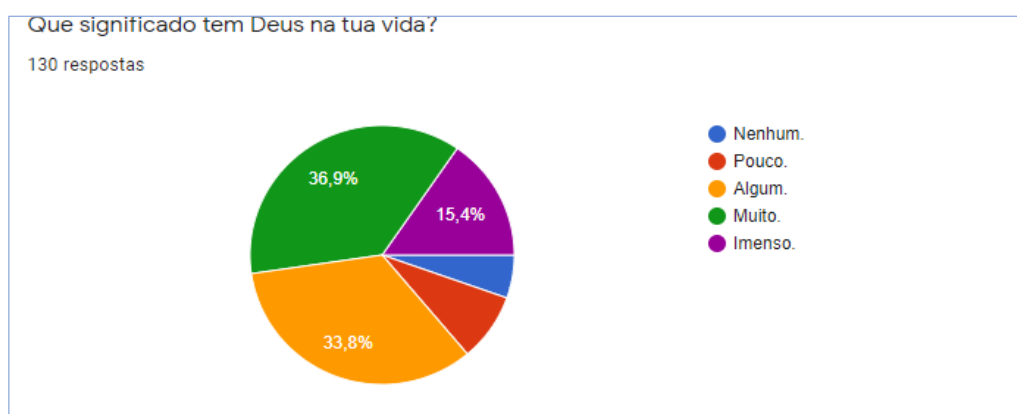


Gráfico 4 – Distribuição percentual do significado que Deus tem na vida dos alunos

Nesta quarta pergunta 36,9% dos alunos considera que Deus tem muito significado na sua vida, 33,8% consideram que tem algum significado e 15,4% considera que tem imenso

significado. Há ainda alunos que consideram ter pouco ou nenhum significado (13,9%). Estes resultados (em termos percentuais) vão ao encontro das respostas da pergunta anterior. Se os alunos consideram que Deus é bom, conforto e alguém em que se pode confiar, então de facto Deus tem importância nas suas vidas. Se por outro lado consideram que “não é ninguém” ou não sabem quem é, então Deus revela ter pouco ou nenhum significado.

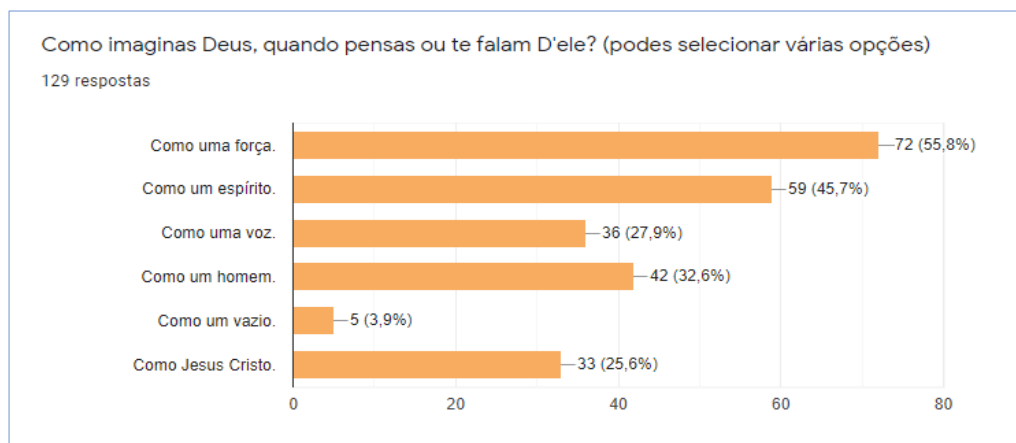


Gráfico 5 – Distribuição percentual de como os alunos imaginam Deus quando lhes falam D'ele

Esta quinta pergunta, foi respondida por 129 alunos. Quando se fala ou pensam em Deus 72 alunos (55,8%) imagina-O como uma força, 59 (45,7%) como espírito, 36 (27,9%) como uma voz, 42 (32,6%) pensa como um homem, 33 (25,6%) como Jesus Cristo e 5 (3,9%) pensa num vazio.

Ao existir a opção de respostas múltiplas a análise a este gráfico torna-se difícil e frágil. É interessante analisar que dos 129 alunos, 42 imaginam Deus como homem e 33 imaginam Deus como Jesus Cristo. Todavia não posso concluir se dentro dos 32,6% (42), estão os 25,6% (33) ou se por outro lado poderia somar estes resultados o que faria com que 58,2% dos alunos pensem em Deus como figura humana. Contudo estas percentagens remetem-me para a atividade da lição 16⁴⁸, que consistiu em desenhar a imagem que os alunos têm de Deus. A grande maioria desenhou uma figura humana.

Inegável é que 72 alunos (55,8%) imaginam Deus como uma força e que cinco alunos imaginam Deus como um vazio.

Posso concluir que, mais abstrata ou mais concreta, os alunos imaginam Deus de alguma forma.

⁴⁸ Ver anexo III

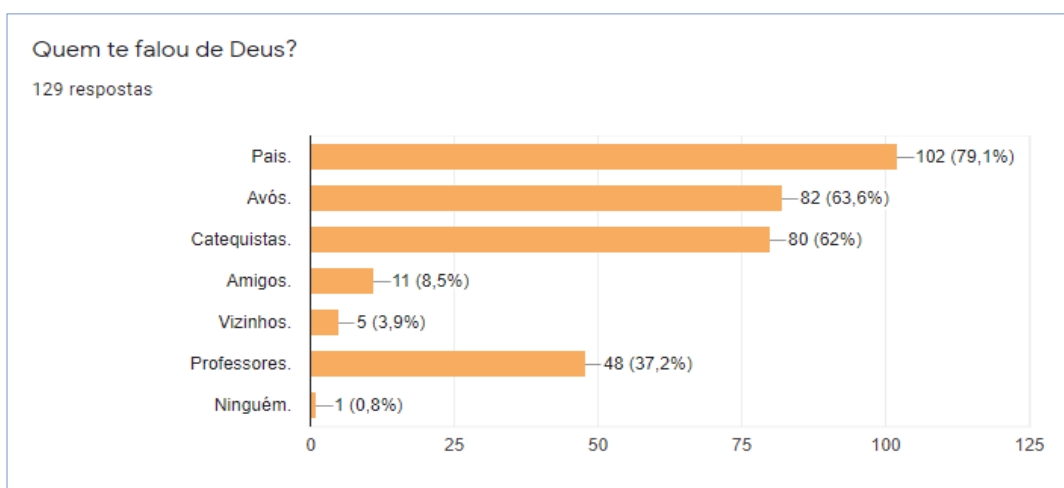


Gráfico 6 – Distribuição percentual acerca de quem falou de Deus aos alunos

Esta sexta pergunta, que foi respondida por 129 alunos. Ao observar os resultados fica claro, para mim, que a maior fonte de transmissão, é a família, seguido da catequese e da escola. Estes resultados eram, do meu ponto de vista, espectáveis.

Não acho relevante a posição demonstrada por um aluno, ao responder que ninguém lhe falou de Deus, uma vez que a amostra dos alunos corresponde a alunos inscritos à disciplina de EMRC.



Gráfico 7 – Distribuição percentual acerca da opinião dos alunos se Deus e Jesus Cristo são a mesma pessoa.

Nesta última pergunta facilmente se conclui que para 74,6% dos alunos Deus e Jesus Cristo não são a mesma pessoa. Para 25,4% Deus e Jesus Cristo são a mesma pessoa. O que me leva a concluir que para alguns alunos, a concepção de que Deus se revela em Jesus Cristo, ainda não está bem cimentada. Não compreendem Deus como o Deus da revelação.

Efetuada uma análise geral do inquérito observa-se que a maioria dos alunos descreve Deus como alguém com quem tem uma relação pessoal, que participa nas suas experiências e

dá sentido à sua vida. Contudo esta concepção não pressupõe uma exigência ética. Em alguns casos é uma relação de busca de refúgio e procura de respostas à sua existência e crescimento pessoal o que são características típicas da adolescência. Noutros casos o sentido que encontra em Deus é o sentido do exemplo que absorvem da família que acredita. Seguindo o exemplo familiar o aluno acha que deve acreditar também, muitas vezes sem perceber porquê, mas essa decisão deixa-o confortável e seguro. Mais tarde, acabará por questionar esse passado, contruindo a sua própria identidade, apenas precisa de tempo para poder fazer as suas escolhas. Só depois de uma forma mais madura, consciente e com sentido, se irá comprometer com a sua escolha.

Cada vez mais se verifica no aluno de hoje que o mesmo rejeita o acreditar sem encontrar a razão ou sentido nisso. Cada vez mais a religiosidade vivida resulta de opção. Deste modo chega-se facilmente à conclusão da pertinência da lecionação desta UL e de que a mesma deve ser direccionada para algo profundamente pessoal. A presença de Deus na vida de cada aluno deve ser fruto de uma escolha sentida, refletida e precisada.

2. A importância da vivência das tradições religiosas, na ilha da Madeira, como parte integrante da cultura, na construção da identidade pessoal do aluno madeirense como cristão

Os valores religiosos existem em todas as culturas. A religião e a cultura precisam uma da outra, convergem uma para a outra e uma não existe sem a outra.

Ao refletir sobre a questão fundamental deste meu trabalho – como falar de Deus aos alunos- e após a interpretação dos resultados do inquérito, dando destaque para o facto que me mostram que a família é a maior fonte de transmissão, concluí que seria também pertinente fazer uma pequena reflexão acerca do contexto cultural dos mesmos.

A partir da minha vivência enquanto professora num determinado contexto cultural, (neste particular o contexto madeirense) é possível propor uma leitura das «tradições religiosas madeirenses»⁴⁹ - uma vez que proclamam uma narração de uma experiência de vida - como um laboratório para pensar na relação aluno (ser humano), cultura e religião e o quanto essas vivências cristãs contribuem para a formação da sua identidade religiosa.

⁴⁹ Entenda-se por “tradições religiosas madeirenses”, as festas religiosas que decorrem na esfera da tradição católica, para homenagear os padroeiros das comunidades paroquiais, sejam santas ou santos incluindo também as que celebram qualquer devoção comunitária de relevo e tradição. São festas que constam no calendário litúrgico ou da tradição religiosa local, consentidas ou promovidas pelas entidades eclesiais e que contam com a participação da maioria da população.

2.1 Ser humano, cultura e religião

As tradições religiosas cristãs permitem uma melhor compreensão do nexos entre aluno (ser humano), religião e cultura, fomentando no aluno a elaboração de uma reflexão sobre aspectos nucleares da vida humana. Nessa vivência o aluno madeirense experimenta a religiosidade reconhecendo, desde tenra idade, as dimensões de transcendência na sua cultura.

Nesta reflexão parece-me importante explicar um pouco sobre a definição ser humano, cultura e religião.

A Sociologia apresenta-nos o Homem como um ser social, já a Antropologia mostra-nos que o Homem é um ser cultural onde executa as maiores reflexões acerca da sua existência, tentando encontrar respostas.

A pergunta sobre «o que é o ser humano?» é feita desde sempre. Desde sempre que o Homem, na sua condição humana e frágil, se interroga acerca do que realmente é.

O ser humano questiona-se acerca do que o rodeia e tenta encontrar respostas à sua existência. Não vive por viver, não vive apenas com base em instintos e em resposta à sua dimensão biológica. Sente e sabe que a sua existência tem um propósito, uma razão de ser e procura desde sempre entender qual é. Esta incessante procura de respostas tem como base a atividade humana do pensamento. A sua racionalidade torna-o um ser social e espiritual.

Por seu lado cultura é um sistema simbólico de significação. É a partir deste sistema que os seres humanos conseguem comunicar entre si. Estes símbolos são transmitidos ao longo dos tempos, num processo histórico.

O seu mecanismo adaptativo é a principal característica da cultura. Este mecanismo é a capacidade que o ser humano tem de responder ao meio, de acordo com mudanças de hábitos.

O conceito de cultura está sempre em desenvolvimento. Com o passar dos anos ela é influenciada por novas maneiras de pensar do ser humano, e a sua maneira de estar no mundo, sendo uma realidade muito diversificada. Cada povo, cada país, cada região, tem a sua. Como tal devemos ter em conta que cultura é o conjunto dos costumes, hábitos, leis, crenças, conhecimentos, arte, que o ser humano não só individualmente, como em família e em sociedade adquire por transmissão dos seus antecedentes, uma vez que é também marca cultural a passagem dos saberes e das tradições de geração em geração.

A palavra cultura designa tudo o que é expressão humana, aquilo em que o homem afina e desenvolve as capacidades do seu espírito e do seu corpo; se esforça por submeter o universo pelo conhecimento e pelo trabalho; humaniza a vida social, tanto a vida familiar, como o conjunto da vida civil, graças ao progresso dos costumes e das instituições; em suma, a maneira como traduz, comunica e conserva nas suas obras, ao

longo do tempo, as grandes experiências espirituais e as grandes aspirações do homem, para que estejam ao serviço do progresso de um grande número e mesmo de todo o género humano⁵⁰

Mesmo morrendo, as experiências e vivências do ser humano perpetuam no tempo, sendo reaproveitadas, recriadas e reformuladas pelos que vêm a seguir. Deste modo a cultura torna-se assim uma realidade indispensável para a compreensão do próprio ser humano.

Religião, por sua vez, é algo que aproxima o Homem do sagrado. É um conjunto de princípios, crenças e práticas de doutrinas religiosas que unem seus seguidores formando uma comunidade moral, chamada Igreja, segundo a perspectiva clássica de Durkheim.

É um caminho que vindo detrás acontece no presente, no agora, no imediato da vida de cada ser humano. É (metaforicamente) uma estafeta com a respetiva passagem de testemunho.

Ao longo dos tempos as religiões têm acompanhado todas as etapas da história humana. As religiões moldam a vida e a cultura dos povos deixando inclusive a sua marca nas línguas da humanidade.

Tendo em conta os conceitos atrás descritos, consegue-se vislumbrar a estreita e indissociável relação, entre ser humano, cultura e religião, relação essa que me leva a considerar importantes as vivências religiosas, do aluno madeirenses, culturalmente bastante enraizadas, na construção da sua identidade religiosa e cristã.

[...]cada povo é o criador da sua cultura e o protagonista da sua história. A cultura é algo de dinâmico, que um povo recria constantemente, e cada geração transmite à seguinte um conjunto de atitudes relativas às diversas situações existenciais, que esta nova geração deve reelaborar face aos próprios desafios. O ser humano «é simultaneamente filho e pai da cultura onde está inserido». Quando o Evangelho se inculturou num povo, no seu processo de transmissão cultural também transmite a fé de maneira sempre nova; daí a importância da evangelização entendida como inculturação. [...]⁵¹

A religião expressa-se culturalmente e toda a cultura tem manifestações religiosas que espelham e transmitem, desde sempre, a maneira de pensar e viver dos diferentes povos. Na verdade, os vestígios mais antigos, deixados ao longo dos tempos (pinturas rupestres, túmulos, imagens) revelam bem que a religiosidade é um elemento comum a todos os povos. Manifestações do religioso são sempre encontradas onde são encontrados vestígios e sinais de atividade humana.

⁵⁰ Concílio Euménico Vaticano II., Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual «*Gaudium et Spes*» (GS) (Coimbra: G.C. Gráfica de Coimbra, 1998), 249.

⁵¹ Papa Francisco, «Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual» n.º 122, acedido a 28 de maio de 2020, http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html.

A religião (neste particular a religião cristã) é expressão humana e como tal não pode ficar separada da cultura, é parte integrante da mesma e muitas vezes ela própria cultura. Na ilha da Madeira, as tradições religiosas marcam inequivocamente a cultura da região.

O ser humano nasce numa determinada família, numa determinada cultura, numa determinada tradição, precisando que os que o antecedem lhe transmitam essa tradição, essa cultura, só assim encontra a identidade e sem isso não é nada. Tem que ser acolhido e reconhecido, só deste modo a sua entidade humana é assumida.

A este propósito Lluís Duch refere que na tradição os lugares onde ocorrem as dinâmicas de transmissão têm a designação de estruturas de acolhimento. Para que o ser humano se desenvolva como humano que é, são necessárias as três estruturas de acolhimento e reconhecimento: a Co-descendência, ou seja, ser parte integrante de uma família, onde faz o seu primeiro contacto com o mundo e com a aprendizagem da linguagem; a Co-residência, ou seja, na sua singularidade de ser único fazer parte de uma sociedade, de uma cultura, de uma tradição, de uma memória; a Co-transcendência, ou seja, o ser humano tem a possibilidade de ser religioso e como tal é chamado para uma abertura a um mais.⁵²

Deste modo o ser humano vai desenvolvendo a habilidade de se construir como pessoa, em que o religioso tem o seu lugar.

2.2 As tradições religiosas madeirenses

O Arquipélago da Madeira é já mundialmente conhecido pelas inúmeras e tradicionais Festas e Romarias, de cariz religioso, que ao longo de todo o ano decorrem. Estas festividades há muito ultrapassaram a esfera religiosa. De tal forma enraizadas na cultura da Madeira, as suas vivências tornaram-se cartaz turístico.

Estas festas religiosas, património espiritual e físico, iniciado á seis séculos atrás, traduzem, não só a identidade religiosa cristã das ilhas da Madeira e Porto Santo, como refletem a sua cultura, tradições e costumes. Património herdado de um passado que continua vivo e no presente, responde a cada época e às necessidades que se lhes apresenta, adaptando-se continuamente.

A identidade é uma realidade inseparável da memória que, por sua vez, é constituída pela língua, cultura e/ou tradição, religião e festividades de um povo, sendo cada vez mais um elemento diferenciador

⁵² Cf. Juan F. Garcia Ambrosio, «Viver Jesus Cristo hoje. Interpelações à experiência cristã num mundo em mudança», *Didaskalia* 35 (2005): 351.

importante para a autenticidade dos destinos turísticos regionais e sobretudo insulares, uma vez que o turista cada vez mais, procura experiências genuínas.⁵³

Toda a ilha fica engalanada e celebram-se em todas as paróquias normalmente organizadas pelo «festeiro» que é a pessoa que custeia as despesas das celebrações religiosas. De notar que é uma honra e marcante, para toda a família ser «festeiro». É algo que dá destaque e provoca « vaidade ».



Figura 3 – Missa do Parto

As festas religiosas acontecem em honra dos santos padroeiros das paróquias onde têm lugar. Contam com bandas filarmónicas e grupos folclóricos para animar a festa. Toda a comunidade é chamada a participar nas celebrações destas tradições religiosas e grande parte da comunidade (abrangendo todas as faixas etárias) adere ao convite

Algumas das festas religiosas mais importantes das ilhas são as Missas do Parto⁵⁴ (toda a ilha), Visitas do Espírito Santo (toda a ilha), Santos Populares, (Porto Santo, Funchal e Ribeira Brava), Procissão do Corpo de Deus (toda a ilha), Festa da Nossa Senhora do Monte (Funchal), Festa do Senhor do Bom Jesus (Ponta Delgada, São Vicente), Festa da Nossa Senhora da Piedade (Machico) e Festa do Senhor dos Milagres (Machico).

⁵³ Naidea Nunes Nunes, «Memória e Identidade insular», em *A identidade sociocultural e linguística madeirense através da memória da «festa» e dos arraiais religiosos e populares no contexto das mobilidades e do turismo*, editado por Santa Casa da Misericórdia das Velas, S. Jorge (Açores: Nova Gráfica Artes Gráficas, 2019), 337.

⁵⁴ As características locais e regionais destas celebrações tornam este acontecimento único.

Uma das maiores tradições natalícias das ilhas da Madeira e Porto Santo são as Missas do Parto (figura 3). Consistem em nove missas celebradas na novena que antecede o dia de Natal. Estas missas são celebradas em todas as paróquias do arquipélago, ao fim da madrugada.



Figura 4 – Cantares do Espírito Santo

As visitas pascais ou a Domingas de Espírito Santo são uma tradição que ainda se mantém bem viva em muitas localidades da Madeira (Figura 4).

Aos domingos após a missa da manhã, os grupos constituídos por irmãos ou irmãs da Confraria do Santíssimo Sacramento com capas vermelhas transportando duas bandeiras e uma coroa, símbolos do Espírito Santo, e as meninas «saloias» com trajes típicos regionais, percorrem os sítios levando às famílias a alegria da Ressurreição de Cristo. Há uma grande azáfama em todas as casas para receber o Divino Espírito Santo. Tudo é muito bem limpo, convida-se os familiares e amigos mais próximos para o almoço do Domingo, preparam-se iguarias para enfeitar a mesa da sala, onde se colocam flores para ter um ramo de flores frescas no centro da mesa.



Figura 5- Festa de Nossa Senhora do Monte

A Festa de Nossa Senhora do Monte é das maiores festas e tradições religiosas da Ilha da Madeira. Ocorre no dia 15 de Agosto, no dia da Assunção de Nossa Senhora (Figura 5).



Figura 6 – Festa da Senhora da Piedade

A tradição da Festa da Senhora da Piedade repete-se todos os anos na freguesia do Caniçal, uma festa religiosa de grande popularidade.

Milhares de pessoas, jovens e adultos, participam na festa em honra da Senhora da Piedade que se realiza no terceiro fim-de-semana de Setembro (Figura 6).

2.3. O aluno madeirense, ser humano inserido numa cultura

A identidade pessoal do aluno começa a formar-se desde o dia em que nasce. Inserido numa cultura é marcado fortemente por essa mesma cultura, na qual a identidade religiosa está inserida, e desde muito cedo se constrói uma vez que caminha a «para e passo» com a sua identidade pessoal.

O aluno madeirense faz parte de uma sociedade marcada pelo cristianismo culturalmente bastante enraizado. Vive o cristianismo, o catolicismo romano de uma forma muito presente e constante na sua vida. Revela-se importante, por isso, um caminho de redescoberta dos sinais de transcendência no seu ambiente cultural.

Apesar da atual tendência dos jovens se afastarem da religiosidade, que segundo Juan Martín Velasco, advém da deterioração das mediações do sistema cristão⁵⁵, através das vivências religiosas o jovem madeirense, contacta, desde muito cedo, com a tradição cristã e o universo das narrativas Bíblicas, abre-se ao religioso, a Cristo e a Deus, começando a sentir que sem os quais a vida perde horizontes pois fazem parte da sua identidade, dos seus costumes e cultura. Deste modo consegue compreender e encontrar respostas para questões da sua vida enquanto ser pessoal e único, bem como no que respeita à sua existência coletiva.

A relação com o Sagrado, através da fé e das vivências religiosas, conduz o aluno à fidelidade a determinados compromissos e responsabilidades. Não chega descrever um fenómeno e assumi-lo como um dado adquirido para o compreender, é preciso um exercício hermenêutico.

Verifica-se que há na sociedade madeirense uma procura de transcendência e de religiosidade, sem os quais a vida parece perder sentido. Contudo será errado afirmar que a abertura ao transcendente e ao religioso do aluno depende única e exclusivamente das condições culturais e históricas que o rodeia, uma vez que o despertar religioso é algo que acompanha a socialização do mesmo desde o seu nascimento. O religioso configura e influencia em grande parte a vida social do aluno, desde o seu nascimento até à sua morte, com a celebração e vivências de festas cristãs, costumes e linguagem.

Na vivência das tradições religiosas cristãs o aluno vive uma experiência pessoal de adesão, apesar de estar em comunidade. Com esta vivência, encontram em si um estilo muito próprio de viver e sentir a sua espiritualidade que se acaba por traduzir em fé, neste particular, na fé cristã.

⁵⁵ Juan Martín Velasco «La situación religiosa de los jóvenes en Europa. Ensayo de interpretación y propuestas de acción», (2007), Documento Policopiado, Lisboa, Faculdade de Teologia-Universidade Católica Portuguesa.

O aluno, integrando a dimensão religiosa na construção de si, acaba por assumir uma vivência religiosa em contexto eclesial, que propõem atividades de convivência em pequenas equipas, intercâmbios entre grupos, desafios de vida ao ar livre, alegria obtida através do serviço às pessoas, aos desfavorecidos, aos idosos, etc. A dimensão religiosa está presente, nas grandes opções de vida que o aluno faz ao longo do seu desenvolvimento. Deste modo começa a marcar o seu lugar na sociedade onde culturalmente estão enraizado.

Deste modo, as tradições religiosas cristãs madeirenses acabam por ocupar um lugar fundamental na construção da identidade do aluno, que amadurecem e decide ser cristão. Isso acontece a partir de uma chave hermenêutica concreta que é o cristianismo. «A cada geração cabe o risco e a missão de reassumir de novo todos os pressupostos antropológicos a partir dos quais se faz a afirmação inaudita de que o homem se encontra com Deus em Cristo.»⁵⁶

Deste modo atribui-se às tradições religiosas cristãs madeirenses a responsabilidade do grande contributo que dá para a construção desta identidade pessoal do aluno como cristão, que através destas vivências, vive e sente Cristo.

Esta realidade madeirense contraria, um pouco, a crise que ainda se vive na transmissão da fé. Para o jovem madeirense as tradições religiosas e a sua participação na vivência das mesmas é uma alavanca para o «despertar» de uma religiosidade cristã. Através da vivência das tradições religiosas madeirenses o aluno descobre Deus do amor, relacionam-se com Ele numa relação mediada por Jesus Cristo e sente a maravilha da comunhão da trindade na sua vida. A fé em Jesus Cristo conduz o aluno à fé em Deus, que passa a ser uma realidade com sentido na sua vida. «A luz da fé em Jesus Cristo ilumina também o caminho de todos aqueles que procuram a Deus [...]»⁵⁷

3. Jesus Cristo, rosto humano do Mistério. Fundamentação

A reflexão que agora se segue, é consequência da análise de tudo para trás explanado – lecionação da unidade letiva na frequência da PES, análise dos resultados obtidos no inquérito, o aluno madeirense e a cultura em que está inserido, o aluno enquanto adolescente – e da minha experiência como docente de EMRC, que já conta com 21 anos, uma vez que qualquer reflexão/análise parte da experiência, da realidade, não só dos conceitos.

Após a conclusão da PES, na qual se procurou seguir o programa existente e os conteúdos disponibilizados, senti que a forma como tinha lecionado a UL de referência – “Deus o grande

⁵⁶ Ambrosio, *Encontro com Cristo, plenitude do ser humano*, 28.

⁵⁷ Papa Francisco, *Luz da Fé*, Carta Encíclica *Lumen Fidei* (Lisboa: Paulinas, 2013), 43.

Mistério” - não tinha sido a mais eficaz, suscitando em mim a dúvida se os alunos tinham ficado com a consciência de quem Deus é na verdade.

Esta reflexão conduziu-me à opinião (já latente em mim) de que será mais eficaz abordar Deus aos alunos partindo da figura de Jesus Cristo, como aliás já tinha referido neste trabalho. «Enraizado em Cristo, Ressuscitado, o crente pode ter fé em Deus Pai e com Ele encontra-se»⁵⁸

Esta minha opinião fica ainda mais reforçada com os resultados obtidos no inquérito aplicado. Tenho consciência de que nem todos os meus alunos acreditam em Deus e dos que dizem acreditar alguns não sabem porque acreditam chegando a afirmar que não é ninguém, contudo é inegável que o aluno madeirense culturalmente vive e respira o cristianismo. Deste modo torna-se mais eficaz levá-lo a conhecer Deus a partir de algo concreto, de algo que faz parte da sua vida, mesmo que o aluno ainda não O sinta de forma concreta, como sentido de vida.

Ao observar o programa de EMRC, constato que desde o 1º ano do 1º Ciclo se dá a conhecer aos alunos mais sobre Jesus Cristo e a sua vida, do que sobre Deus.

Conhecendo Cristo, a sua fidelidade ao Pai, o seu testemunho e a sua entrega ao Mistério, será mais fácil ao aluno optar por permitir que Ele (Deus) faça parte da sua vida. «O que chega a ser objecto do nosso conhecimento, torna-se, por isso mesmo, parte da nossa vida»⁵⁹. É na fé em Cristo que o aluno acolhe a palavra de Deus. «[...] no dizer de Cardeal, “para os cristãos já não há outro Deus que o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, nem outro lugar de encontro com Ele que o lugar de encontro com Cristo.”»⁶⁰ Jesus Cristo é a primeira realidade de Deus transmitida ao aluno. Esta transmissão passa pela família e pela cultura na qual o mesmo está inserido e é chamado a participar desde pequeno. Através de Cristo o aluno conseguirá perceber o mistério da sua própria vida. Sente Cristo como amigo, companheiro, aquele que está sempre ali. «Com Jesus Cristo o homem pode aprender a pensar, a sentir e a conhecer Deus Pai da mesma maneira que o Filho o faz»⁶¹

Cristo foi apresentado ao aluno primeiramente que Deus. Exemplo disso, e de um modo muito particular e simples, é a celebração do Natal. Esta realidade cristã é das primeiras festas religiosas a ser vivida pelo aluno enquanto ainda criança. É criado um envolvimento mágico em torno do nascimento de Jesus. Ninguém diz a uma criança “Deus fez-se homem”, é-lhe dito

⁵⁸ Ambrosio, *Encontro com Cristo, plenitude do ser humano*, 191.

⁵⁹ Papa João Paulo II, *A fé e a razão*, carta Encíclica de João Paulo II sobre as relações entre a fé e a razão (Lisboa: Paulinas, 1998), 5.

⁶⁰ Ambrosio, *Encontro com Cristo, plenitude do ser humano*, 187.

⁶¹ Ambrosio, *Encontro com Cristo, plenitude do ser humano*, 20.

que nasceu o menino Jesus. Jesus Cristo torna-se assim no Mistério que é humano, que é querido, que é amigo, que está mesmo ali e que faz sentido seguir.

É por isto que o povo seguia Jesus, porque era o Bom Pastor. Um pastor que falava a língua do seu povo, fazia-se entender, dizia a verdade, as coisas de Deus: não negociava nunca as coisas de Deus! Mas dizia-as de tal modo que o povo amava as coisa de Deus. Por isso é que O seguia.⁶²

Deste modo Jesus toca corações e transforma-se em algo que se gosta e se quer viver.

É certo que foi Deus que se revelou em Cristo. Deus Mistério que se deixa experimentar através do seu filho. É Ele que vem ao nosso encontro e com Cristo estreita a relação de amor que conosco tem. Deus torna-se assim visível, palpável, concreto, torna-se um de nós. Deste modo, através da humanidade de Jesus, todos temos acesso ao Pai. Deus “usou-se” da nossa condição humana e mostrou-se, tal como prometido.

Com efeito, para além de testemunhar a fé, Jesus Cristo é o fundamento da fé, na medida em que pela ressurreição foi instituído, de uma maneira definitiva, pelo Pai, como revelador pleno da sua verdade e o seu mistério.⁶³

É em Jesus Cristo concreto e histórico que os jovens encontram referências de uma existência, de uma história, de algo que é comum a eles próprios e é nesta semelhança humana, que a relação do aluno, Jesus Cristo e Deus ganha sentido.

A pessoa de Jesus, com a sua existência concreta, oferece-nos a experiência de um existir humano no qual a iniciativa salvífica de Deus e a abertura do homem ao Mistério se encontram. Por isso, para O. De Cardeal, Jesus Cristo é “o paradigma do encontro enquanto nele converge o duplo movimento revelador de Deus e acolhedor do homem.”⁶⁴

O professor de EMRC, se mostrando também ele inebriado pelo exemplo e vida de Cristo, conseguirá conduzir os alunos de uma forma eficaz (sendo mais concreta e menos abstrata), a uma reflexão de Deus na vida de cada um e como Ele se manifesta. Jesus Cristo deve tornar-se fonte de inspiração para o aluno.

Ele é total relação como Pai; Ele é total pertença e referência ao Pai; Ele consuma a fé de todos os crentes, de tal modo que daí para a frente o homem pode verdadeiramente saber o que é a fé ao olhar para a maneira como Jesus viveu.⁶⁵

⁶² Papa Francisco, *A voz do Pastor* (Lisboa: Glaciar e Paulus, 2015), 3.

⁶³ Ambrosio, *Encontro com Cristo, plenitude do ser humano*, 189.

⁶⁴ Ambrosio, *Encontro com Cristo, plenitude do ser humano*, 19.

⁶⁵ Ambrosio, *Encontro com Cristo, plenitude do ser humano*, 188.

Apesar de os relatos sobre a infância de Jesus serem quase inexistentes, encontramos no Novo Testamento várias passagens que nos revelam a importância que o próprio Jesus dá à sua juventude. O Papa Francisco, na sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal, leva-nos a refletir sobre isso mesmo, como por exemplo, fazendo referência a Marcos (10-20), onde Jesus refere que desde a sua juventude cumpre os mandamentos de Deus.

A juventude de Cristo, a forma como aprofundou a vida e se preparou para o grande momento da sua morte e Ressurreição (nossa Salvação) é muito importante e crucial. É nesse exemplo que o jovem aluno pode e deve pautar a sua vida porque «tudo, na vida de Jesus, é sinal do seu mistério»⁶⁶. Ele próprio (Jesus Cristo) vive e experiencia a narrativa da narração numa relação aberta com Deus em quem confia e obedece.

Os jovens são presente, são o agora e também Jesus o é. Vive no quotidiano de cada um, nas tradições religiosas, nas atitudes e valores cristãs que se revelam. É o agora, está em nós. É um «jovem entre os jovens, para servir de exemplo aos jovens e consagrá-los ao Senhor»⁶⁷.

Ao se prender à vida de Jesus Cristo compreendendo a confiança incondicional que Jesus tem no Pai, o aluno compreende e aceita Deus como uma realidade concreta. «A história de Jesus é a manifestação plena da fiabilidade de Deus.»⁶⁸

Jesus viveu, de forma livre, toda a sua vida em função da vontade do Pai. Desta forma a pessoa de Jesus Cristo prova-nos a existência do Mistério que é Deus. Jesus não depositaria a sua vida em alguém ou algo que não existisse. «Ele, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo» (Jo 13,1). Jesus representa a plenitude da liberdade.

Esta compreensão e deslumbramento na enorme confiança de Jesus em Deus ganha ainda mais sentido se considerarmos que é nesta fase que o aluno solidifica os valores da sua vida. O aluno encontra-se numa fase da adolescência em que procura referências, um modelo com o qual se identifique e que será exemplo dos valores com que o jovem se irá orientar. O professor de EMRC pode ser olhado como esse modelo, daí a sua missão seja tão importante. Nesta UL cabe ao professor a missão de revelar um segredo já ele revelado. Esta revelação demonstra-se mais eficaz quando apresentada de forma atrativa.

Apesar de afirmar que é através de Cristo que se conhece o Pai, é importante mostrar aos alunos, que já no Antigo Testamento, há passagens que nos mostram de forma clara que Deus dava importância aos jovens, numa época em que, socialmente os jovens não eram considerados, era-lhes conferida uma consideração quase inexistente, mas que aos olhos de Deus os jovens, desde sempre que devem ser tratados como igual. É importante conseguir que

⁶⁶ *Catecismo da Igreja Católica* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993), nº 515.

⁶⁷ Papa Francisco, *Cristo Vive*, Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Christus Vivit* (Braga: Editorial A.O., 2019), 16

⁶⁸ Francisco, *Luz da Fé*, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 15.

os jovens sintam que Deus verdadeiramente os ama. Aliás tendo em conta o inquérito aplicado a maioria dos alunos inquiridos sente Deus como “alguém que ajuda e em quem posso confiar”.

É importante que o aluno sinta que é filho, tal como Jesus Cristo e tal como Ele é igualmente amado pelo pai que é Deus. «Quando o Senhor vos olha, não vê apenas um rosto negro ou branco ou um rosto amarelado: vê o rosto de Jesus seu filho.»⁶⁹

Através do testemunho de Cristo é importante que os alunos sintam que não devem andar distraídos na sua vida. Têm de preparar o seu futuro e que essa preparação passa por averiguar e profundar a sua vida e o religioso. Propor aos alunos acreditar em Cristo e deste modo acolher Deus, «equivale a propor uma experiência de Deus como Pai.»⁷⁰

Ao revelar-se como filho, Jesus revela o próprio Deus, a Sua Paternidade e a proximidade do Seu Amor. Acreditar que Jesus é o filho do Deus é a afirmação essencial do Cristianismo, cultura na qual o aluno madeirense está fortemente alicerçado.

Jesus Cristo é o verdadeiro Deus e verdadeiro Homem e só nesta simbiose foi possível nos salvar. «[...] como diz González de Cardedal “em Jesus Cristo assistimos ao encontro do homem com Deus, precisamente enquanto nele se dá o encontro de Deus com o homem”»⁷¹

Cristo fala às consciências de hoje. É preciso desenvolver nos alunos uma consciência capaz de escutar a Verdade e de encontrar o Caminho adequado para a Viver.

A fé cristã afirma ser a experiência do encontro com esse Deus em Jesus Cristo a experiência de um sentido radical do existir, uma teonomia fundante da liberdade responsabilidades pessoais, um enraizamento experiencial da pessoa no Incondicionado e no Absoluto com nome próprio e rosto amoroso, que lhe assegura, a um só tempo, a liberdade e o limite.⁷²

É nesta base da fé e da esperança que o professor de EMRC deve encarar a sua missão. O principal objeto do professor de EMRC é a pessoa do aluno e a sua principal missão, não sendo catequético, é anunciar Jesus Cristo, sendo exemplo de uma vivência Cristã e mostrar-se como ser instrumento de Cristo. Deste modo conseguirá levar os alunos à descoberta de Deus e do seu sentido e motivá-lo a ter uma relação fiel e consistente com Ele.

Na realidade, como fundamento de toda a doutrina e valor está o evento do encontro do homem com Deus em Jesus Cristo. O Cristianismo, antes de uma moral ou de uma ética, é o acontecimento do amor, é o acolhimento da pessoa de Jesus. Por isso o cristão e as comunidades cristãs antes de mais devem olhar e fazer olhar para Cristo, o verdadeiro Caminho que leva a Deus.⁷³

⁶⁹ Papa João Paulo II, *Palavras do Papa João Paulo II aos Jovens* (Lisboa: Editorial Presença, 2004), 8.

⁷⁰ Bingemer, *Experiência de Deus na Contemporaneidade entre o viver e o contar*, 115.

⁷¹ Ambrosio, *Encontro com Cristo, plenitude do ser humano*, 21.

⁷² Bingemer, *Experiência de Deus na Contemporaneidade entre o viver e o contar*, 124.

⁷³ Papa Bento XVI, «Os caminhos para chegar ao conhecimento de Deus», acedido a 15 de abril 2020, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121114.html.

Tudo isto numa sequência lógica do aluno que nasce numa determinada cultura, e no decorrer dos tempos e na construção da sua identidade pessoal e religiosa recebe a revelação do Deus único, feito carne na pessoa do verbo.

CAPITULO 4: PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A LECIONAÇÃO DA UL2 DO 9º ANO

1. Fundamentação da proposta de reformulação do programa para a lecionação da Unidade Letiva

Pelo atrás explanado, mostra-se fundamental, neste quarto capítulo, repensar esta unidade letiva - no que respeita às suas metas, objetivos e conteúdos – e apresentar uma proposta de reformulação do programa bem como uma proposta de planificação de lecionação da mesma, para que esta unidade letiva do 9º ano possa passar a traduzir os pressupostos científicos e pedagógicos enunciados ao longo deste relatório.

De referir que parto da organização atual do programa, bem como da planificação por mim aplicada aquando da Prática de Ensino Supervisionada. O meu objetivo não foi criar uma unidade letiva de raiz mas sim melhora-la.

Assim sendo acrescentei novas metas, novos objetivos e respetivos conteúdos, que sinto serem importantes para esta unidade letiva e que lhe configurará uma nova, mas importante, sequência e dinâmica. Consequentemente a planificação (nível III) sofre também modificações inerentes à proposta de reformulação do programa.

Mostra-se importante lembrar que é apenas uma proposta mas que no meu entender tem toda a sua razão de ser aplicada. Todavia caberá a cada professor, dentro da sua liberdade de lecionação e público-alvo, ajustar e realizar a sua própria planificação.

Antes de apresentar os quadros com as mencionadas propostas, cabe-me dizer que, no meu entender, esta unidade letiva - «Deus, o grande Mistério» - pelo objetivo que a encerra (a apresentação de Deus), deveria ser a primeira unidade letiva do programa do 9º ano. No programa vigente, a primeira unidade letiva aborda «A Dignidade da Vida Humana» onde a questão de Deus se coloca, bem como se torna a colocar na terceira unidade letiva onde se aborda «O Projeto de Vida». Ora não faz sentido se falar convictamente de Deus na primeira unidade letiva sem se ter abordado ainda de forma profunda e refletida esse mesmo Mistério. Esta minha convicção ganha ainda mais sentido tendo em conta as palavras de João Paulo II «Como pode um jovem compreender plenamente as exigências da dignidade humana, sem fazer referência à própria fonte dessa dignidade, Deus criador?»⁷⁴

⁷⁴ Cf. João Paulo II, «Mensagem de Sua Santidade João Paulo II para a celebração do XXIV dia mundial da paz», acedido a 12 de agosto 2020, http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_08121990_xxiv-world-day-for-peace.html.

Após a reflexão de uma possível reorganização de conteúdos, acho ser pertinente enquadrar, de forma mais clara e objetiva, Deus do Antigo Testamento na História do homem. Assim sendo, a figura de Abraão torna-se importante, principalmente se tivermos em conta que Abraão, sem ver Deus, confia plenamente N'ele e é a partir de Abraão que nasce o Deus único. Continuando o fluir natural da História da aliança de Deus com homem, considero pertinente, se falar de Moisés, instrumento de Deus imprescindível para a história do povo de Israel, de onde irá descender Jesus Cristo.

Creio que é preciso revelar e partilhar o percurso da relação de Deus com o homem mostrando alguns exemplos e testemunhos do Antigo Testamento, bem como mostrar a sequência da História que culmina em Jesus Cristo, que disse: «Abraão (...) exultou pensando em ver o meu dia; viu-o e ficou feliz» (Jo 87, 56)

Mostra-se também relevante a introdução de textos bíblicos alusivos à importância que Deus, no Antigo Testamento, mostrava pelos jovens. É necessário que os mesmos se sintam especiais e importantes aos olhos de Deus.

Também o exemplo do testemunho de Maria me parece bastante enriquecedor nesta unidade letiva. É em Maria e com Maria que o encontro de Deus feito homem, com o homem, se inicia, uma vez que, em plena juventude, aceita a vontade de Deus. Não deixou de questionar o anjo que lhe dava o anúncio, mas ainda assim aceitou gerar Seu filho, Jesus Cristo, nosso Salvador. Se não fosse o seu confiar a história não tinha acontecido como a conhecemos. Para os alunos este é um exemplo enorme de como o confiar pode determinar o rumo da história de cada um.

Achei relevante incluir nos conteúdos, a apresentação de testemunhos de vidas, assentes em valores cristãos, escolhendo personagens cuja história seja recente para que os alunos se sintam mais próximos dessa realidade.

2. Proposta concreta para a lecionação da Unidade Letiva 2 do 9º ano

Tendo em conta tudo atrás explanado, apresenta-se de seguida um quadro com uma proposta de reformulação da Unidade Letiva em foco, com o acrescento de conteúdos (estão em cor diferente para ser mais fácil entender), e a apresentação de uma nova planificação de nível III da referida unidade, onde constam os novos objetivos, sugestão de estratégias e metodologia a seguir. De notar que esta proposta obriga à necessidade de se ter de repensar os conteúdos constantes no manual da disciplina.

Unidade letiva - “Deus, o grande Mistério”

(Programa)

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
<p>A. Compreender o que são o fenômeno religioso e a experiência religiosa.</p>	<p>1. Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O fenômeno Religioso – A procura do transcendente. • O Mistério que é Deus - A interrogação sobre a existência ou não de Deus; <ul style="list-style-type: none"> . Crença e razão • Os vários elementos constitutivos do fenômeno religioso, na história do Homem; <ul style="list-style-type: none"> . Várias representações de Deus no Antigo Egito e na Antiga Grécia. • As várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo. • Acreditar em Deus: acolher e confiar no sentido último da vida.
<p>C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.</p> <p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p>	<p>2. Identificar as representações de Deus no Judaísmo.</p> <p>3. Destacar a bondade e a grandeza de Deus.</p> <p>4. Conhecer a proximidade do Deus invisível (AT) com aos jovens através da interpretação de textos bíblicos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O Deus invisível do Antigo Testamento. <ul style="list-style-type: none"> . A relação de Deus com Abraão. . O confiar de Moisés - Judaísmo (povo de Deus). • A imensidão e bondade de Deus: Sir 43,27-33. • A fé como confiança e entrega a Deus: SL 23 (22), «O senhor é meu pastor». • Deus desde sempre próximo dos jovens: Gn 37, 2-3; Jz6,13-14 e Sm 3, 9-10.
<p>J. Descobrir a simbólica cristã</p> <p>K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.</p> <p>L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé</p> <p>P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã</p>	<p>5. Realçar a bondade e a grandeza de Deus de Jesus Cristo e em Jesus Cristo.</p> <p>6. Reconhecer e Identificar a arte sacra como expressão da criação de Deus.</p> <p>7. A cultura das vivências das tradições religiosas cristãs, como caminho de abertura a Deus.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • De um Deus de um povo até um Deus universal e inequivocamente bom. • Jesus Cristo, o rosto humano do Mistério. • O Deus de Jesus Cristo: <ul style="list-style-type: none"> . Cristianismo. • A arte de “dizer” Deus. • As vivências nas tradições religiosas na descoberta e na construção da fé cristã. • A fé cristã: <ul style="list-style-type: none"> - Uma experiência de encontro; - O jovem Jesus Cristo. - Confiar e acreditar em Deus através do testemunho de Cristo. - Vivência da fé num apelo à esperança contra todos os sinais de desespero;

<p>M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano</p>	<p>8. Tomar consciência da liberdade de fé como um bem para a realização pessoal.</p> <p>9. Identificar a missão cristã face aos desafios da atualidade.</p>	<p>- Deus desafia-nos à construção de um mundo solidário.</p>
<p>I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.</p> <p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro</p>	<p>10. Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.</p> <p>11. Desenvolver soluções, em sociedade, para promover e proteger a dignidade da pessoa.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Cada crente é o rosto e as mãos de Deus e atuar no mundo; • Vidas com sentido: <ul style="list-style-type: none"> . <i>Madre Teresa de Calcutá perante os pobres.</i> . <i>Santo João Paulo II perante a igreja e o mundo</i> . <i>Aristides de Sousa Mendes perante o holocausto.</i> . <i>Carlo Acutis testemunho emocionante de fé incondicional.</i> • A coerência entre a fé e as obras: Jr 7,4-11 e Tg 2, 14 – 17. • Instituições de origem religiosa empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade. • <i>Como constituir, organizar, planear e decidir o plano de ação de uma Instituição de Solidariedade Social.</i>

Quadro 1 – Proposta de reformulação da UL – “Deus, o grande Mistério” do 9º ano

Ao considerarmos uma unidade letiva como um conjunto de conteúdos e competências que estão de forma lógica relacionados uns com os outros, como nos diz Arends,⁷⁵ entendemos que a planificação assume um papel fundamental na atividade da lecionação de qualquer professor. É um processo que lhe permite pensar e organizar a sua ação em contexto de sala de aula e articular o processo ensino-aprendizagem de forma ajustada aos objetivos que se propõe alcançar. A planificação de uma unidade letiva poderá ser entendida como a programação das aprendizagens o que torna possível ao docente seguir um fio que lhe permite ter consciência de onde parte e onde quer chegar, sem que se sinta perdido. A planificação é, por isso, crucial para o sucesso da sua lecionação.

⁷⁵ Cf. Arends, *Aprender a ensinar*,

Planificação de Lecionação

Ano: 9º - Unidade Letiva - Deus, o grande Mistério

Dia da semana:ª feira (.h..min / ...h...min..)

Aulas previstas: 12 aulas

Metas de Aprendizagem	Domínio
A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa	Religião e Experiência Religiosa
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história	
C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas	
I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade	Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida
J. Descobrir a simbólica cristã	
L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé	
K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.	
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano	Ética e Moral
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro	
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã	

Objetivos	Conteúdos	Aula n.º	Estratégias de aprendizagem	Avaliação
1. Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal	- O fenómeno Religioso – A procura do transcendente. - O Mistério que é Deus - A interrogação sobre a existência ou não de Deus; . Crença e razão - Os vários elementos constitutivos do fenómeno religioso, na história do Homem; . Várias representações de Deus no Antigo Egipto e na Antiga Grécia.	1	- Visionamento do PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj 1” (aula 1). - Reflexão e registo no caderno diário, por parte dos alunos, sobre a sua ideia acerca da existência ou não de Deus. - Visionamento e debate do vídeo “O barbeiro Ateu” - Continuação da projeção do PowerPoint. - Realização em conjunto das sínteses de aula.	- Participação em aula. • Empenho na participação oral nas reflexões propostas. • Demonstração de respeito pelas diferentes opiniões.
	- As várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo; - Acreditar em Deus: acolher e confiar no sentido último da vida.	2	- Diálogo de recapitulação da aula anterior. - Visionamento do PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj 1”. (aula 2) - Audição da música do Boss AC – “Que Deus”. - Debate entre o Ateísmo, Agnoscicismo e Crentes sobre a pergunta: “Deus Existe?”	• Participação em aula. • Empenho na participação oral nas reflexões propostas. Demonstração de respeito pelas diferentes opiniões. • Colocação em prática dos conceitos lecionados.

			<p>- Realização em conjunto da síntese de aula.</p> <p><i>Nota: Sugerir aos alunos visionarem o filme “Deus não está morto 1”.</i></p>	
<p>2. Identificar as representações de Deus no Judaísmo</p>	<p>- O Deus invisível do Antigo Testamento.</p> <p>. A relação de Deus com Abraão, Génesis (Gn) 15,1-6; 15,18</p> <p>. O confiar de Moisés, Deuteronomio (Dt) 5, 1-22</p> <p>. Judaísmo (povo de Deus).</p>	3	<p>- Diálogo de recapitulação da aula anterior.</p> <p>- Visionamento, análise e exploração dos slides do PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj 2”</p> <p>- Leitura dos textos Bíblicos:</p> <p>. Génesis (Gn) 15,1-6; 15,18</p> <p>. Deuteronomio (Dt) 5, 1-22</p> <p>- Conclusão do visionamento do PowerPoint.</p> <p>- Atividade - “Desenhar Deus”.</p> <p>- Realização em conjunto da síntese de aula.</p>	<p>• Participação em aula.</p> <p>• Empenho na participação oral nas reflexões propostas.</p> <p>. Demonstração de respeito pelas diferentes opiniões.</p> <p>• Empenho no Desenho de uma imagem que na ideia do aluno reflita a figura de Deus.</p>
<p>3. Destacar a bondade e a grandeza de Deus.</p> <p>4. Conhecer a proximidade do Deus invisível (AT) com aos jovens através da interpretação de textos bíblicos.</p>	<p>- A imensidão e bondade de Deus: Sir 43,27-33.</p> <p>- A fé como confiança e entrega a Deus: SL 23 (22), «O senhor é meu pastor».</p> <p>- Deus desde sempre próximo dos jovens: Gn 37, 2-3; Jz6,13-14 e Sm 3, 9-10.</p>	4	<p>- Diálogo de recapitulação da aula anterior.</p> <p>- Visionamento, análise e exploração dos slides do PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj 3 e 4”.</p> <p>- Leitura e reflexão do texto bíblico, Sir 43,27-33</p> <p>- Audição do salmo musicado SL 23 (22), «O senhor é meu pastor» e reflexão e realização de uma introspeção pessoal.</p> <p>- Leitura dos textos, Gn 37, 2-3; Jz 6,13-14 e Sm 3, 9-10 e debate sobre os mesmos.</p> <p>- Atividade: “Troca de segredos sobre manifestações do Amor de Deus”</p> <p>- Realização em conjunto da síntese de aula.</p>	<p>• Participação em aula.</p> <p>• Empenho na participação oral nas reflexões propostas.</p> <p>• Demonstração de respeito pelas diferentes opiniões.</p> <p>• Empenho na atividade proposta.</p> <p>• Colocação em prática dos conceitos lecionados.</p>
<p>5. Realçar a bondade e a grandeza de Deus de Jesus Cristo e em Jesus Cristo.</p> <p>6. Reconhecer e Identificar a arte sacra como expressão da criação de Deus.</p>	<p>- De um Deus de um povo até um Deus universal e inequivocamente bom.</p> <p>- Jesus Cristo, o rosto humano do Mistério.</p> <p>- O Grande confiar de Maria e de José.</p> <p>- O Deus de Jesus Cristo:</p> <p>. Cristianismo.</p> <p>- A arte de “dizer” Deus.</p>	5	<p>- Diálogo de recapitulação da aula anterior.</p> <p>- Visionamento, análise e exploração dos slides do PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj 5 e 6”.</p> <p>• Audição da música “Verbo de Deus”.</p> <p>- Leitura e reflexão dos textos bíblicos:</p> <p>. Lc 1, 26-35</p> <p>. Mt, 1,18-25</p> <p>. Lc 12, 22-32</p> <p>. Jo 14,1- 16</p> <p>- Visualização de representações de Deus na arte.</p> <p>- Atividade (a realizar em casa para a semana seguinte): Escolher uma representação (imagem) de arte alusiva à vida de Jesus e fazer uma pequena reflexão sobre a mesma.</p>	<p>. Participação em aula.</p> <p>. Empenho na participação oral e nas reflexões propostas.</p> <p>• Demonstração de respeito pelas diferentes opiniões.</p> <p>• Empenho e participação na atividade.</p> <p>• Colocação em prática dos conceitos lecionados.</p>

			- Realização em conjunto da síntese de aula.	
<p>7. A cultura das vivências das tradições religiosas cristãs, como caminho de abertura a Deus.</p> <p>8. Tomar consciência da liberdade de fé como um bem para a realização pessoal.</p>	<p>- As vivências nas tradições religiosas na descoberta e na construção da fé cristã.</p> <p>- A fé cristã:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Uma experiência de encontro; . Jesus Cristo sempre jovem. . Confiar e acreditar em Deus através do testemunho de Cristo. 	<p>6</p> <p>7</p>	<p>- Diálogo de recapitulação da aula anterior.</p> <p>- Partilha de 2 ou 3 reflexões do trabalho realizado em casa.</p> <p>- Visionamento, análise e exploração dos slides do PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj 7 e 8”.</p> <p>- Reflexão sobre as tradições religiosas (ex: Natal, Páscoa, Dia do Corpo de Deus, etc.), como transmissora da fé cristã.</p> <p>- Leitura e exploração do texto bíblico sobre Jesus enquanto Jovem:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Lc 2:39-52 <p>- Audição da música de Anselmo Ralph “Ensina-me a amar”;</p> <p>- Atividade: reflexão sobre a frase “Jesus diz-nos que se confiarmos em Deus conseguiremos viver e ultrapassar, de forma mais calma, as dificuldades do dia-a-dia.”</p> <p>- Realização em conjunto da síntese de aula.</p>	<p>. Participação em aula.</p> <p>- Empenho na participação oral e nas reflexões propostas.</p> <p>- Demonstração de respeito pelas diferentes opiniões.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Empenho na participação da atividade. • Colocação em prática dos conceitos lecionados.
<p>9. Identificar a missão cristã face aos desafios da atualidade.</p>	<p>- Vivência da fé num apelo à esperança contra todos os sinais de desespero;</p> <p>- Deus desafia-nos à construção de um mundo solidário.</p>	<p>8</p>	<p>- Diálogo de recapitulação da aula anterior.</p> <p>- Visionamento, análise e exploração dos slides do PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj 9”.</p> <p>- Visionamento do vídeo: “O que é ser voluntário”.</p> <p>- Visionamento do vídeo – “Solidariedade efeito dominó”.</p> <p>- Atividade: reflexão sobre os dois vídeos visionados.</p> <p>- Evidenciar a importância de ser solidários com todas as pessoas.</p> <p>- Reconhecer o contributo da solidariedade no dia-a-dia em prol de uma harmoniosa e saudável convivialidade.</p> <p>- Realização em conjunto da síntese de aula.</p>	<p>. Participação em aula.</p> <p>- Empenho na participação oral e nas reflexões propostas.</p> <p>- Demonstração de respeito pelas diferentes opiniões.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Empenho na participação da atividade proposta. • Colocação em prática dos conceitos lecionados.

<p>10. Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Cada crente é o rosto e as mãos de Deus e atuar no mundo; - Vidas com sentido: <ul style="list-style-type: none"> . Madre Teresa de Calcutá perante os pobres. . São João Paulo II perante a igreja e o mundo. . Aristides de Sousa Mendes perante o holocausto. 	<p style="text-align: center;">9 10</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diálogo de recapitulação da aula anterior. - Visionamento, análise e exploração dos slides do PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj 10”. - Projeção de várias imagens de momentos de solidariedade no mundo inteiro. - Leitura e exploração sobre a vida de: <ul style="list-style-type: none"> .Madre Teresa de Calcutá (https://www.youtube.com/watch?v=cZhpNPchHBk) .São João Paulo II (https://www.youtube.com/watch?v=CVOKUmWSDZo) Aristides de Sousa Mendes (https://www.youtube.com/watch?v=mfgiXavgK_Y) .Carlo Acutis (https://www.youtube.com/watch?v=jWn-HgTRHQM). - Atividade: Reflexão sobre como pode cada aluno, na sua realidade de vida, ajudar e fazer a diferença no seu dia-a-dia. - Realização em conjunto da síntese de aula. 	<ul style="list-style-type: none"> . Participação em aula. - Empenho na participação oral e nas reflexões propostas. - Demonstração de respeito pelas diferentes opiniões. <ul style="list-style-type: none"> • Empenho na participação da atividade proposta. • Colocação em prática dos conceitos lecionados.
<p>11. Desenvolver soluções, em sociedade, para promover e proteger a dignidade da pessoa.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A coerência entre a fé e as obras: Jr 7,4-11 e Tg 2, 14 – 17. - Instituições de origem religiosa empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade. - Como constituir, organizar, planear e decidir o plano de ação de uma Instituição de Solidariedade Social. 	<p style="text-align: center;">11 12</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diálogo de recapitulação da aula anterior. - Visionamento, análise e exploração dos slides do PowerPoint “UL2 – Deus, o grande Mistério – obj 11”. - Leitura e reflexão do texto bíblicos: <ul style="list-style-type: none"> . Jr 7,4-11 e Tg 2, 14 – 17. - Conclusão do visionamento do PowerPoint (Instituições de origem religiosa). - Consciencializar para a importância de instituições de solidariedade na nossa sociedade. - Promover e desenvolver uma consciência humana solidária. - Atividade: “Vamos fundar uma Intuição de Solidariedade Social”. 	<ul style="list-style-type: none"> . Participação em aula. - Empenho na participação oral e nas reflexões propostas. - Demonstração de respeito pelas diferentes opiniões. <ul style="list-style-type: none"> • Empenho na participação da atividade proposta. • Colocação em prática dos conceitos lecionados.

Quadro 2 - Proposta de planificação de lecionação para UL – “Deus, o grande Mistério” do 9º ano

CONCLUSÃO

O presente Relatório Final teve como objetivo uma reflexão sobre a Unidade Letiva 2– «Deus, o grande Mistério», que faz parte do programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica do 9º ano de escolaridade do ensino básico.

Num mundo completamente secularizado, global, mergulhado numa agitação e num consumismo excessivo, onde os jovens têm o mundo dentro do bolso, com acesso instantâneo a todo o tipo de informação, onde ocorrem diariamente situações de conflito e de injustiças, onde as relações humanas são cada vez mais virtuais e onde «há uma ânsia cada vez maior de experiência e práticas religiosas»,⁷⁶ abordar os jovens sobre Deus, apresentando um Deus único, salvador, eternamente bom, com capacidade infinita de perdão, que se relacionou e relaciona com o Homem, o criador do Universo e de todas as coisas, o Deus «invisível» do Antigo Testamento, é tanto uma enorme importância como é um enorme desafio.

Segundo Juan Martín Velasco⁷⁷, estamos perante uma crise de religiões, em que os jovens são os mais afetados, em que se verifica atividades espirituais fora da transição cristã e onde se tem verificado, como o próprio afirma, «espiritualidades seculares» ou «espiritualidades sem Deus».

Perante esta aparente indiferença sobre Deus e o seu Mistério, o papel da disciplina de EMRC, enquanto contributo para a educação integral do aluno, revela ser de extrema importância. Encontrando uma enorme pertinência de existência no currículo dos alunos, torna-se num espaço de transmissão, de conhecimento acerca de Deus, conduzindo à reflexão sobre o mesmo e de qual o sentido que trará para a vida de cada um. A EMRC, como disciplinar escolar, penetra no mundo da cultura ao mesmo tempo que confronta com outros saberes. Os alunos são convidados a conhecer o fenómeno religioso cristão como uma realidade cultural e compreender a perspetiva cristã da vida quotidiana.

O Mistério que é Deus é um tema bastante abrangente, e refletir sobre esta temática, junto dos jovens é muito importante. Prova disso mesmo, foi a realização do Sínodo dos Bispos, em 2018, que teve como tema «*Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*», onde se refletiu sobre a abertura dos jovens a Deus e sobre a relação que estabelecem com Ele.

⁷⁶ Bingemer, *Experiência de Deus na Contemporaneidade entre o viver e o contar*, 5.

⁷⁷ Cf. Juan Martín Velasco, «La situación religiosa de los jóvenes en Europa. Ensayo de interpretación y propuestas de acción». *Cultura para La Esperanza*, nº 93 (2014).

A lecionação desta Unidade Letiva levou-me a concluir a pertinência e a exigência de existir outro fio condutor, que atualmente não se verifica, em termos de conteúdos e objetivos pedagógicos da mesma.

Sendo uma Unidade Letiva muito concreta no seu objetivo, a experiência de lecionação empurrou-me para a conclusão de que a forma como está concebida não é a mais eficaz para o sucesso da apresentação, aos alunos, do Mistério que é Deus.

De notar que o resultado da minha reflexão teve em linha de conta não só, o perfil geral do aluno do séc. XXI, mas também a realidade do aluno madeirense, à qual dei destaque, uma vez que é a realidade em que me encontro a lecionar há 16 anos, apesar da minha experiência na PES ter decorrido em Sintra, e de eu ter também experiência de lecionação em Lisboa.

A apresentação das Tradições Religiosas Cristãs, que ocorrem na Região Autónoma da Madeira, destacam a importância da estreita relação do aluno madeirense, com a cultura da terra onde vive, e com a religião e a forma como a mesma é vivida e está profundamente enraizada. Esta correlação conduz à construção da sua identidade pessoal como cristão. O aluno enquanto cristão não vive a sua fé sozinho e neste percurso consegue encontrar confiança para acolher Deus e ser acolhido por Ele.

Como ser humano que é o aluno interroga-se sobre uma série de questões: Quem sou? De onde venho? O que faço aqui? Para onde vou? Porque soffro? Quem é Deus? Deus existe?

Fazendo parte de uma sociedade e vivendo uma determinada cultura, é na esfera da tradição cristã que procura encontrar resposta a estas questões fundamentais da sua existência.

Disse-lhe Jesus:
Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida,
Ninguém vem ao Pai, senão por mim. (Jo 14, 6)

Esta referência sintetiza e expressa a conclusão a que cheguei, após a reflexão e da lecionação, da Unidade Letiva 2 – Deus, o grande Mistério, 9º ano de escolaridade e que neste relatório apresentei.

A melhor forma de apresentar Deus aos alunos, de conseguir que os mesmos se abram a um acolhimento e abertura a Deus, será através do testemunho de Jesus Cristo, um excelente exemplo de confiança no amor de Deus.

Através deste relatório, procurei contribuir para uma profícua reflexão acerca dessa perspetiva, apresentando uma proposta de reformulação de programa para esta UL, bem como uma proposta pedagógica para a sua lecionação, de forma a dar um contributo concreto de reformulação e enriquecimento de conteúdos da Unidade Letiva 2 – Deus, o grande Mistério”, do 9º ano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Fontes e documentos

Bergoglio, Jorge Mario. *Educar para uma esperança ativa*. Lisboa: Paulinas Editora, 2015.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

Bento XVI, PP. «Os caminhos para chegar ao conhecimento de Deus». Acedido a 15 de abril 2020.

http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121114.html.

Carvalho, Cristina Sá de. «Flexibilidade Curricular e Perfil do Aluno para o Século XXI». Acedido a 18 de julho 2018.

https://ria.ua.pt/bitstream/10773/25423/1/CSa_Cadernos%20Didaticos3.pdf.

Catecismo da Igreja Católica. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.

Código de Direito Canónico. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1983.

http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf.

Conferência Episcopal Portuguesa. «Educação Moral e Religiosa Católica, um valioso contributo para a formação da personalidade». Acedido a 17 de abril de 2020.

<http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>.

Concílio Ecuménico Vaticano II. *Constituições, Decretos, Declarações e Documentos Pontifícios*. Coimbra: G.C. Gráfica de Coimbra, 1998.

Francisco, PP. *A voz do Pastor*. Lisboa: Glaciar e Paulus, 2015.

———. *Cristo Vive*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*. Braga: Editorial A.O., 2019.

———. «Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual» n°122. Acedido a 28 de maio de 2020.

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papafrancesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html.

———. *Deus é jovem*. Lisboa: Planeta Manuscrito, 2018.

———. «A internet é uma dádiva de Deus». Acedido a 23 de maio de 2020.

<https://www.dn.pt/mundo/papa-diz-que-redes-sociais-devem-promover-solidariedade-e-nao-alienacao-9412193.html>.

———. *Luz da Fé*. Carta Encíclica *Lumen Fidei*. Lisboa: Paulinas, 2013.

———. «Mensagem do Papa Francisco para a XXXII Jornada Mundial da Juventude 2017». Acedido a 17 junho 2018.

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papafrancesco_20170227_messaggio-giovani_2017.html

Grocholewski, Zenon Card. «Carta circular n. 520/2009 aos presidentes das conferências episcopais sobre o ensino da religião na escola». Acedido a 15 de abril de 2020.

http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20090505_circ-insegn-relig_po.html.

João Paulo II, PP. «Discurso ao simposio internacional sobre la enseñanza de la religión católica en la escuela». Acedido a 15 de abril de 2020.

http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/speeches/1991/april/documents/hf_jp-ii_spe_19910415_insegnamento-religione.html.

———. *A fé e a razão*. Carta Encíclica de João Paulo II sobre as relações entre a fé e a razão. Lisboa: Paulinas Editora, 1998.

———. «Mensagem de Sua Santidade João Paulo II para a celebração do XXIV dia mundial da paz». Acedido a 12 de agosto 2020.

http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_08121990_xxiv-world-day-for-peace.html.

———. *Palavras do Papa João Paulo II aos Jovens*. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

Ministério da Educação. «Decreto-Lei nº 240/2001- Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário» Acedido a 13 maio de 2020. Colocar na ordem alfabética

<https://dre.pt/home/-/dre/631837/details/maximized>.

———. «Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória». Direção Geral da Educação. Acedido a 1 outubro de 2018.

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf colocar na ordem alfabética.

Organização das Nações Unidas. «Declaração Universal dos Direitos Humanos». Acedido a 24 abril de 2020.

<https://unric.org/pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos/>.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Novos Caminhos Manual do aluno do 7º ano-EMRC*. Lisboa: SNEC, 1992.

———. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: SNEC, 2014.

———. *Quero Ser! Manual do 9º ano-EMRC*. Lisboa: SNEC, 2015.

———. *Sempre Mais. Guia pedagógico do 7º ano-EMRC*. Lisboa: SNEC, 1992.

Sínodo dos Bispos XV Assembleia Geral Ordinária. «Os Jovens, a fé e o discernimento vocacional», Acedido a 20 de julho 2019.

http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20170113_documento-preparatorio-xv_po.html Colocar na ordem alfabética.

2. Estudos e ensaios

Abrantes, Pedro. «Identities juvenis e dinâmicas de escolaridade». *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 41 (2003): 93-115.

Ambrosio, Juan F. Garcia. «Dimensão Religiosa e Condição Humana». Documento Policopiado. Lisboa: Faculdade de Teologia - Universidade Católica Portuguesa, 2016.

———. *Encontro com Cristo, plenitude do ser humano*. Lisboa: Paulinas Editora, 2002.

———. «Existência Humana e Dimensão Religiosa». Documento Policopiado. Lisboa: Faculdade de Teologia - Universidade Católica Portuguesa, 2016.

———. «A experiência religiosa e as suas múltiplas expressões culturais». Documento Policopiado. Lisboa: Faculdade de Teologia - Universidade Católica Portuguesa, 2016.

———. «O fenómeno religioso». Documento Policopiado. Lisboa: Faculdade de Teologia - Universidade Católica Portuguesa, 2016.

———. «Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares». *Pastoral Catequética*, nº 31-32 (agosto 2015): 63-81.

———. «Religião, Cultura e Escola». Documento Policopiado. Lisboa: Faculdade de Teologia - Universidade Católica Portuguesa, 2016.

———. «As religiões na escola». *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões* nº2, (2002): 59-63.

———. «Viver Jesus Cristo hoje. Interpeleções à experiência cristã num mundo em mudança». *Didaskalia* 35, (2005): 349-372.

Arends, Richard I. *Aprender a ensinar*. Madrid: Editora McGraw-Hill Interamericana de Espanha, 2008.

Bingemer, Maria Clara. *Experiência de Deus na Contemporaneidade entre o viver e o contar*. Lisboa: Paulinas Editora, 2018.

Carvalho, Cristina Sá de. «Maturidade psicológica e fé». *Pastoral Catequética*, nº 2. (2005): 91-119.

———. «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica, edição 2014». *Pastoral Catequética*, nº 31-32 (janeiro - agosto 2015): 29-61.

Duque, João. “Contributos para uma hermenêutica cristã da cultura contemporânea”, *Pastoral Catequética*, nº 2 (2006): 27-39.

Durães, Mariana. «Geração Z: versáteis e impacientes, vão ter que trabalhar até aos 70 (pelo menos)». Acedido a 23 de maio de 2020.

<https://www.publico.pt/2019/08/09/p3/noticia/geracao-z-versateis-e-impacientes-vao-ter-que-trabalhar-ate-aos-70-pelo-menos-1882860>.

Gama, Manuel Nóbrega da. *Dicionário das Festas, Romarias e Devoções da Madeira*. Funchal: Gráfica Maiadouro, 2014.

Gibb, Nick. «Reformas na Educação no Reino Unido 2010-2015». *Nova Cidadania-Dossier Educação*, nº62 (2017): 26-31.

Gonçalves, Marta. «Geração Z: os miúdos que “fazem acontecer e que andam com o mundo no bolso»». Acedido a 23 de maio de 2020.

<http://expresso.sapo.pt/sociedade/2017-03-30-Geracao-Z-os-miudos-que-fazem-acontecer-e-que-andam-com-o-mundo-no-bolso>.

Melo, Francisco José Rodrigues de *Revelação, Salvação e fé*. Lisboa: Paulinas Editora, 2002.

Moreira, Vital. «A singularidade da escola pública». *Público*, 12 de julho de 2005.

Nunes, Naidea Nunes. «Memória e Identidade insular». Em *A identidade sociocultural e linguística madeirense através da memória da «festa» e dos arraiais religiosos e populares no contexto das mobilidades e do turismo*, editado por Santa Casa da Misericórdia das Velas, S. Jorge, 337 – 356. Açores: Nova Gráfica Artes Gráficas, 2019.

Oliveira, Maria Cláudia Santos Lopes de. «Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica». *Psicologia em Estudo*, n.2 (maio/agosto 2006): 427-436.

Pedrinho, Dimas Oliveira. «Competência científica e competência educativa do professor de EMRC». *Pastoral Catequética*, nº 21/22 (setembro 2011 - abril 2012): 21-36.

Pinto, Mário. «República, educação e liberdade». *Jornal Público*, 19 de dezembro de 2005.

Postman, Neil. *O fim da educação*. Lisboa: Relógio D'Água, 2007.

Roldão, Maria do Céu e Almeida, Sílvia de. *Gestão Curricular para a autonomia das escolas e professores*. Lisboa: Ministério de Educação, 2018.

Roldão, Maria Céu. & Gaspar, Maria Ivone. *Elementos do Desenvolvimento Curricular*. Lisboa: Universidade Aberta, 2007.

Santos, D. António Francisco dos. «O professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional». *Pastoral Catequética*, nº 21-22. (2012): 9-19.

Serralheiro, Deolinda. *O acto educativo religioso e moral*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 1996.

Torrinha, Francisco. *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto: Editorial Domingos Barreira, 1946.

Teixeira, Alfredo. «Transmissão Religiosa, mediações Culturais e Dinâmicas Educativas». Documento Policopiado. Lisboa: Faculdade de Teologia-Universidade Católica Portuguesa, 2016.

———. «Guia para o estudo de Património Religioso e Transmissão Cultural». Documento Policopiado. Lisboa: Faculdade de Teologia-Universidade Católica Portuguesa, 2017.

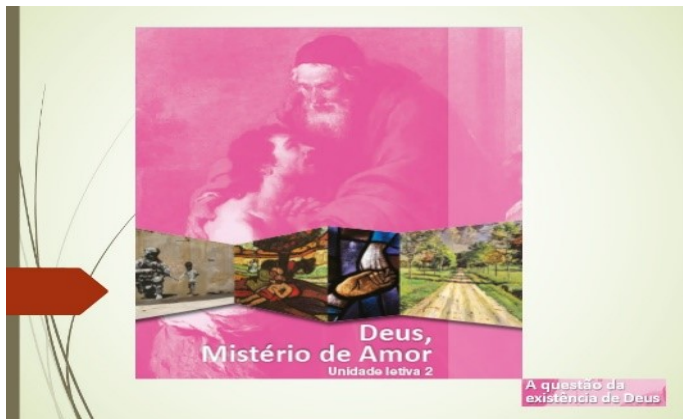
Velasco, Juan Martín. «La situación religiosa de los jóvenes en Europa. Ensayo de interpretación y propuestas de acción». *Cultura para La Esperanza*, nº, 93 (2014): 9-15.

Viesser, Lizete Carmen. *Um Paradigma didático para o ensino religioso*, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

ANEXOS

ÍNDICE DE ANEXOS


Anexo I- PowerPoint - lição nº14 – UL2	II
Anexo II - PowerPoint - lição nº15 – UL2.	V
Anexo III - PowerPoint - lição nº16 – UL2.	IX
Anexo IV - PowerPoint - lição nº17 – UL2.	XII
Anexo V - PowerPoint - lição nº18 – UL2.....	XVI
Anexo VI - PowerPoint - lição nº19 – UL2.	XIX
Anexo VII - PowerPoint - lição nº20 – UL2.....	XXII
Anexo VIII - PowerPoint - lição nº21 – UL2.....	XXV
Anexo IX - PowerPoint - lição nº22 – UL2.....	XXVIII
Anexo X - PowerPoint - lição nº23 – UL2.....	XXX
Anexo XI - Grelha de observação diária EMRC.....	XXXIV
Anexo XII - Grelha de análise e avaliação dos trabalhos de grupo.	XXXV
Anexo XIII - Grelha de avaliação final.	XXXVI
Anexo XIV - Grelha de avaliação final.	XXXVII
Anexo XV - Grelha de avaliação final.....	XXXVIII
Anexo XVI - Ficha de autoavaliação.....	XXXIX



Aula n.º14
09/01/18

Sumário:
A questão da existência de Deus


A questão da existência de Deus



Deus Existe?

- ❖ A interrogação sobre Deus é uma **questão humana fundamental**.
- ❖ Todas as pessoas, questionando-se sobre si mesmas e sobre o sentido das suas vidas, acabam por colocar a questão de Deus.
- ❖ A procura do Transcendente, da Divindade, do Sagrado, é uma realidade humana e **universal**.

❖ As pessoas procuraram, desde sempre, respostas às questões profundas da existência humana.



Qual a origem de todas as coisas?

Fará sentido a vida humana perante a morte?

Qual o destino último de toda a realidade?


PODEREMOS ESPERAR O TRIUNFO DO BEM SOBRE O MAL?

MAS...



Será que Deus existe?

❖ Perante interrogações como estas, Deus aparece como a origem primeira e o fim último, no qual se encontra a bondade sem limites e a esperança de uma felicidade sem ocaso.



O **Alfa** e o **Ómega** são respetivamente a primeira e a última letra do alfabeto grego. No livro do Apocalipse afirma-se que Deus é o princípio e o fim de todas as coisas – “Eu sou o Alfa o o Ómega, o primeiro e o último, o princípio e o fim” (Ap 22,13)

Tarefa...



Reflete e escreve

1. Quem é Deus para mim
2. O que significa Deus na minha vida
3. Por que razão acredito – ou não acredito – em Deus

Nota que é importante que sejas sincero(a) e que não há respostas certas ou erradas.

Vídeo "O barbeiro Ateu"



CRENÇA E RAZÃO

- ❖ A impossibilidade de demonstrar "cientificamente" a existência de Deus não implica que não haja razões que sustentem a fé.
- ❖ Deus não é nenhuma hipótese absurda ou irracional.
- ❖ Nenhum telescópio pode observar Deus, porque Ele não se encontra em nenhum ponto do universo e, simultaneamente, é omnipresente.
- ❖ Se pudéssemos compreender Deus totalmente, Ele deixaria de ser Deus – o infinito, o eterno, o absoluto.
- ❖ Deus é o mistério absoluto.
- ❖ Não conseguir decifrá-Lo inteiramente, não significa que não possamos encontrar razões para acreditar nele.

Razões para acreditar



O FENÓMENO RELIGIOSO



❖ A procura do transcendente por parte do ser humano começa no início da humanidade.

❖ Os vestígios mais antigos mostram que a religiosidade é um elemento comum a todos os povos.

❖ As inúmeras representações da divindade que aparecem em diferentes épocas nas diversas culturas manifestam que o ser humano é naturalmente religioso.



Acreditar e confiar em Deus é uma atitude humana

Santa Teresa de Lisieux é exemplo dessa atitude



Olá!
O meu nome é Teresa. Sou conhecida por Teresa de Lisieux e por Teresinha do Menino Jesus. Nasci em 1873 no norte de França.
Os meus pais eram profundamente religiosos. Todos os dias rezavam e tudo era feito para que se cumprisse a vontade de Deus. E eu senti, ainda adolescente, um amor profundo por Deus. Tornar-me freira foi o caminho que escolhi para viver esse amor. Com 16 anos entrei no convento. Na vida rotineira e tranquila que incluía momentos de oração e trabalhos domésticos, descobri a "pequena via", a via do amor que se revela nas pequenas coisas do dia a dia. Deixei que Deus me envolvesse com o seu amor intenso e apaixonante, ele que é a origem do amor, que é o próprio Amor. Simplesmente deixei-me conduzir por Deus. Entregava-me a todas as atividades com generosidade, como se fosse o próprio Deus a pedir-me que o fizesse. Fra a Fle que eu servia. Esta descoberta trouxe-me uma felicidade imensa que pensei não existir. Desejava que todos experimentassem esse amor.
Sei que vives num tempo e numa época onde o amor de Deus é muito necessário. Nesta unidade letiva ousa fazer a descoberta radical de Deus, do Amor que existe no teu coração e no abraço dos que precisam de ti.

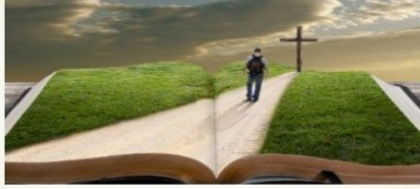
❖ Se olharmos para as culturas, em todas elas encontramos elementos religiosos comuns: sacerdotes, lugares sagrados, objetos sagrados, rituais, histórias e livros sagrados.



Elementos constitutivos do fenómeno religioso

- **Doutrina:** conjunto de dogmas e/ou crenças.
- **Ritos:** cerimónias culturais através das quais se presta adoração a Deus.
- **Ética:** conjunto de normas a viver no dia a dia.
- **Relação com a divindade:** a religião não é em primeiro lugar doutrina, rito ou lei; é fundamentalmente relação pessoal com Deus e com a comunidade.

Síntese da aula



**Acreditar e confiar em Deus
é uma atitude humana**



Textos adaptados de *Quero Ser*, AAVV, SNEC, 2015, pp 54 – 58 e 67



O BARBEIRO ATEU

<https://www.youtube.com/watch?v=tmsaFmqKrfQ>

UL 2 – Deus, o grande mistério

Aula n.º15
16/01/18

Sumário:
A recusa e a confiança em Deus.

Síntese da aula anterior



Acreditar e confiar em Deus é uma atitude humana


RECUSA DE DEUS



```
graph TD; A[RECUSA DE DEUS] --> B[Ateísmo]; A --> C[Relativismo]; A --> D[Agnosticismo];
```

ATEÍSMO

Ateísmo - **a** (negação) + **theos** (deus) - significa literalmente "**sem deus**": É uma atitude de vida que nega a existência de Deus ou de qualquer divindade.



Não tenho necessidade de Deus, nem saberia o que fazer com ele.
Jean-Paul Sartre (filósofo e escritor francês do século XX)

ATEÍSMO

TEÓRICO - consiste na afirmação categórica da não existência de Deus. É uma concepção materialista da realidade (nada há para além daquilo que se pode observar, ou seja, do mundo material).

PRÁTICO - é a atitude das pessoas que vivem sem qualquer referência a Deus, indiferentes à questão do sobrenatural. Vivem como se Deus não existisse e não se interessam pelas questões relacionadas com a transcendência.

O ateísmo é uma opção filosófica de quem se assume responsável pelos seus atos e pela sua forma de viver, de quem dá valor à sua vida e à dos outros, de quem cultiva a razão e confia no método científico para construir modelos da realidade e de quem não remete as questões do bem e do mal para seres hipotéticos, nem para a esperança de uma existência após a morte.

Associação Ateísta Portuguesa,
<http://www.aateistaportuguesa.org/>

AGNOSTICISMO

Agnosticismo - **a**(negação)+ **gnose** (conhecimento) - significa literalmente "ignorância", "**desconhecimento**". É a afirmação da impossibilidade de alguém se pronunciar sobre a existência de Deus.

Os argumentos relativos ao problema da existência de Deus têm sido viciados pela circunstância de frequentemente se querer demonstrar, não a simples existência de Deus, senão a existência de determinado Deus, isto é, dum Deus com determinados atributos.
Resta saber se existe no raciocínio humano o poder de chegar até ali, e, chegando até ali, de ir mais além.

Fernando Pessoa (1888-1935), *Ideias Filosóficas*

RELATIVISMO



- ❖ É uma posição que nega a possibilidade de nos aproximarmos, por tentativas sucessivas, da verdade de Deus.
- ❖ Defende que tudo o que se diga, se pense ou se faça é igualmente válido e igualmente bom.
- ❖ Cada um tem a "sua verdade".
- ❖ Assim sendo tudo é relativo, não existem verdades absolutas.
- ❖ O relativismo é em muitos casos uma forma de desculparmos as nossas ações ou palavras menos agradáveis.

Audição da música do Boss AC – "Que Deus"



Tarefa:



- Dividir a turma em 3 grupos: Ateus, Agnósticos e Crentes.
- Cada grupo tem em 3 minutos para trocar impressões entre si sobre as principais ideias da posição que lhe calhou.
- De seguida cada grupo defende essa mesma posição num debate onde as diferentes ideias se vão confrontar na procura da resposta à pergunta: **Deus existe?**

DEUS EXISTE?

Os ATEUS afirmam que não
Os AGNÓSTICOS declaram que não sabem
Os CRENTES acreditam que sim

Acreditar em Deus: acolher e confiar



A fé em Deus é uma realidade com sentido



O Pensador, Auguste Rodin

A crença não é uma atitude irracional; traduz-se na confiança em Deus e num consequente compromisso de vida. Acreditar em Deus é acolher e confiar no sentido último da vida.

Deus é a resposta ao desejo de eternidade e de felicidade que habitam o coração humano.



Se Deus existir, podemos esperar que a vida e o amor sejam a última realidade.



Uma história de fé

Conhecem a parábola do pai misericordioso que tinha dois filhos? O mais novo resolveu um dia sair de casa, mas o mais velho permaneceu sempre junto do pai. Pois bem, tenho sido uma espécie de irmão do filho pródigo.

Na verdade, não me lembro de não ter tido fé. Desde que me conheço que me entendo como cristã. É que nasci numa família católica, comecei a frequentar muito cedo os grupos juvenis da paróquia e todos os meus amigos mais íntimos eram cristãos.

Como é que Jesus entrou na minha vida?

Foram os testemunhos da minha família, dos padres, dos catequistas, dos amigos e até dos colegas não crentes, que me levaram a deixá-lo entrar.

De início eu não percebia nada. Ia à igreja porque os meus amigos estavam lá e sempre nos divertíamos. Na verdade, frequentava a igreja porque era o único sítio onde os meus pais me deixavam ir sozinha. Mas a um dado momento comecei a interessar-me pelas coisas de Deus e a sentir um desejo irresistível de o conhecer melhor. E foi assim, sem grandes sobressaltos, que Jesus se introduziu na minha vida. Não vi nenhuma luz misteriosa nem ouvi qualquer espécie de trovão inexplicável! Apenas fui sentindo que nunca estava sozinha, havia uma constante presença amiga na minha vida.

Por volta dos 12 anos comecei a frequentar um movimento católico que me marcou definitivamente. Embora o abandonasse ao fim de três anos por me sentir desenquadrada, tenho de reconhecer que foi nele que aprendi a encontrar-me com Deus. Aos 14 anos fui a Coimbra, a uma assembleia desse movimento, e aí tive a minha primeira experiência consciente de oração e de comunhão com Deus e com os outros. Não sei dizer como foi. Há coisas que não se explicam. Vivem-se. Apenas sei que encontrei Jesus e que nele achei um sentido pleno para a minha vida.

Guida



A parábola do “filho pródigo”, melhor dito, do Pai misericordioso, transporta-nos para a apresentação de um Deus que sofre quando o filho sai de casa e se alegra e faz festa no abraço do reencontro.



Condições para o encontro com Deus



Deus não aparece a um olhar vago, a uma pessoa distraída, a um indivíduo perdido na diversão. O encontro com Deus tem lugar no próprio centro da pessoa. (...) A redescoberta de Deus exige de nós uma cura lenta de sossego, de concentração, de interiorização, de contemplação, de disponibilidade, de gratuidade, de liberdade interior, de criatividade; necessitamos de um longo período de reabilitação para o espiritual... Começa a haver encontro com Deus quando um ser humano pessoalmente adulto reconhece a realidade transcendente, reconhece-a como pessoal e põe nela a sua salvação definitiva.

Juan Martín Velasco, *La Religión en nuestro tiempo*



- ❖ Crentes e não crentes fazem as mesmas experiências de finitude, do dever moral, da liberdade, do sentido e da ausência dele, bem como da morte.
- ❖ **O que distingue o crente do não crente é a interpretação que cada um faz dessas experiências.**
- ❖ O crente é, por definição, otimista. Transporta Deus para a compreensão da pessoa e da história atribuindo-lhe um sentido definitivo.
- ❖ O não crente, negando Deus, nega a possibilidade de a vida, a história e o universo terem um sentido definitivo.



Textos adaptados de *Quero Ser*, AAVV, SNEC, 2015, pp 59 – 66

Síntese da aula

Acreditar em Deus é confiar que a vida humana tem um sentido que ultrapassa os anos que vivemos

Vídeo - Música de Boss AC – Que Deus

Boss AC – Que Deus

Há perguntas que têm que ser feitas

Quem quer que sejas, onde quer que estejas
Diz-me se, é este o mundo que desejas?
Homens rezam acreditam, morrem por ti
Dizem que tás em todo o lado, mas não sei se já te vi
Vejo tanta dor no mundo, pergunto-me se existes
Onde está a tua alegria, neste mundo de homens tristes?
Se ensinas o bem, porque é que somos maus por natureza?
Se tudo podes, porque é que não pões comida à minha mesa?
Perdoa-me as dúvidas, tenho que perguntar
Sou o teu filho e tu me amas, porque é que me fazes chorar?
Ninguém tem a verdade, o que sabemos são palpites
Sangue é derramado, em teu nome é porque o permites
Se me deste olhos, porque é que não vejo nada?
Se sou feito à tua imagem, porque é que eu durmo na calçada?
Será que pedir a paz entre os Homens, é pedir demais?
Porque é que sou discriminado, se somos todos iguais?
Porquê?

REFRÃO:

Porque é que os Homens se comportam como irracionais?
Porque é que guerras doenças matam cada vez mais?
Porque é que a paz não passa de ilusão?
Como pode o Homem amar com armas na mão?
Porquê?
Peço perdão pelas perguntas que tem que ser feitas
E se eu escolher o meu caminho será que me aceitas?
Quem és tu? Onde estás? O que fazes? Não sei
Eu acredito é na paz e no amor

Por favor, não deixes o mal entrar no meu coração
Dou por mim a chamar o teu nome, em horas de aflição
Mas, tens tantos nomes, és Rei de tantos tronos
Se o Homem nasce livre, porque é que alguns são donos?
Quem inventou o ódio? Quem foi que inventou a guerra?
Às vezes acho que o inferno, é um lugar aqui na Terra
Não deixes crianças, sofrer pelos adultos
Os pecados são os mesmos, o que muda são os cultos
Dizem que ensinaste o Homem a fazer o bem
Mas no livro que escreveste, cada um só lê o que lhe convém
Passo noites em branco, quase sem dormir a pensar
Tantas perguntas, tanta coisa por explicar
Interrogo-me, penso no destino que me deste
E tudo o que me acontece, é porque Tu assim quiseste
Porque é que me pões de luto e me levas quem eu amo?
Será que é essa a justiça pela qual eu tanto reclamo?
Será que só percebemos quando chegar a nossa altura?
Se calhar desse lado está a felicidade mais pura
Mas se nada fiz, nada tenho a temer
A morte não me assusta, o que assusta é a forma de morrer

REFRÃO:

Porque é que os Homens se comportam como irracionais?
Porque é que guerras doenças matam cada vez mais?
Porque é que a paz não passa de ilusão?
Como pode o Homem amar com armas na mão?
Porquê?
Peço perdão pelas perguntas que tem que ser feitas
E se eu escolher o meu caminho será que me aceitas?
Quem és tu? Onde estás? O que fazes? Não sei
Eu acredito é na paz e no amor

Quanto mais tento aprender, mais sei que nada sei
Quanto mais chamo o teu nome, menos entendo o que chamei
Por mais respostas que tenha, a dúvida é maior
Quero aprender com os meus defeitos, acordar um homem melhor
Respeito o meu próximo, para que ele me respeite a mim
Penso na origem de tudo, e penso como será o fim
A morte é o fim ou é um novo amanhecer?
Se é começar outra vez, então já posso morrer

MADREDEUS:

Ao largo, ainda arde
A barca, da fantasia
O meu sonho acaba tarde
Acordar é que eu não queria

LETRA

<https://www.youtube.com/watch?v=0-GS0xhd41A>



UL 2 – Deus, o grande mistério

Sumário:

Representações de Deus no politeísmo e no Antigo Testamento.

Síntese da aula anterior



Acreditar em Deus é confiar que a vida humana tem um sentido que ultrapassa os anos que vivemos

Representações de Deus

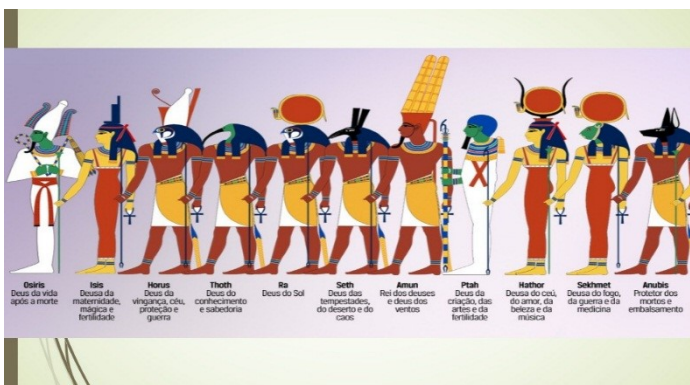


A noção de Deus ocupou a mente humana desde sempre em todas as épocas e lugares.

Antigo Egito



- ❖ Nesta civilização que prosperou ao longo do rio Nilo desde cerca de 3100 a.C. até ao século I d.C., desenvolveu-se o culto de certos animais como o gato, o gavião, o crocodilo, a íbis, o escaravelho, o boi.
- ❖ Os deuses assumiam traços desses animais sagrados e eram representados sob formas estranhas, meio animais, meios humanos.
- ❖ Muitos deuses estavam ligados às forças da natureza: o poder do sol, a beleza da lua ou as cheias do rio Nilo.



Grécia Antiga



- ❖ Nesta civilização os deuses eram imortais, mas possuíam características semelhantes aos seres humanos: ira, bondade, egoísmo, compaixão, ciúme, fraqueza, força, vingança...
- ❖ As principais divindades habitavam o Monte Olimpo, de onde decidiam a vida dos mortais.
- ❖ Zeus era a divindade suprema do panteão.
- ❖ Os heróis eram filhos de divindades e de seres humanos.
- ❖ Cada cidade da Grécia Antiga possuía um deus protetor.

Nome grego	Função	Nome romano
Zeus	Rei dos deuses e dos seres humanos	Júpiter
Poseidón	Causador dos terremotos e senhor dos mares	Neptuno
Hades	Deus do mundo subterrâneo	Plutão
Héstia	Deusa da Lareira, símbolo do Lar	Vesta
Ares	Violento e conflituoso deus da guerra	Marte
Afrodite	Deusa do amor, da beleza e da fertilidade	Vénus
Artemisa	Deusa da caça e da juventude	Diana
Hefesto	Deus do fogo, da metalurgia e dos artífices	Vulcano



Representações de Deus no Antigo Testamento



❖ No **Antigo Testamento**, a afirmação do **monoteísmo** é essencial.



❖ A proibição da adoração de imagens, para além de ser um imperativo do Decálogo («*Não faças para ti imagens esculpidas, representando o que há no céu, na terra ou nas águas*»), está também relacionada com a **natureza misteriosa e transcendente de Deus**, que não é nenhum objeto do mundo nem pode ser representado como tal.

- ❖ Desde a sua origem, o povo de Israel sentiu e desenvolveu a ideia de que tinha sido eleito por Deus de entre todos os povos da terra.
- ❖ Deus estabeleceu com ele uma aliança que havia de marcar toda a sua história.
- ❖ Deus de Israel é um **Deus nacional**.
- ❖ No entanto, pouco a pouco, vai-se desenvolvendo a consciência de que, sendo o único Deus existente, é também o Deus de todos os povos, um **Deus universal**.

- ❖ Na história de Israel encontramos várias experiências de Deus.
- ❖ Nos textos da Bíblia, Deus aparece descrito muitas vezes com características antropomórficas, ou seja, atribuem-se-lhes formas e sentimentos da pessoa humana.
- ❖ A presença de Deus na Bíblia é descrita como uma **presença pessoal** e atuante com quem Israel pode conversar, em quem pode confiar e a quem deve obedecer.
- ❖ Como uma espécie de legislador, Deus apresenta a sua vontade num código de leis — cujas regras centrais se referem tanto ao culto como à conduta ética de vida — e promete-lhe a sua presença protetora, caso cumpra os mandamentos expressos nesse código.

- ❖ O **nome de Deus** havia de designar a sua identidade. Contudo, esta é-nos desconhecida, porque Deus é o grande mistério. É por isso que a questão do nome de Deus é tão importante no Antigo Testamento.
- ❖ Por respeito para com Deus, os israelitas não pronunciavam o nome de Deus que tinha sido revelado a Moisés no Monte Sinai («**YHWH**», «Aquele que é» ou «Aquele que está presente»). Em vez dele, pronunciavam outros nomes que aparecem igualmente na Bíblia: *El* (Deus), *Elohim* (Deus), *Adonai* (Meu Senhor), *El-Shaddai* (Omnipotente).
- ❖ Israel vê no tetragrama «YHWH» o símbolo do mistério da vida íntima da divindade; é o nome próprio de Deus, ou seja, a sua identidade, razão pela qual não era pronunciado.



A importância do nome: o nome não existe apenas para designar e distinguir as coisas e as pessoas, mas é, essencialmente, um elemento definidor da **identidade**. Tudo o que existe tem existência para nós, porque tem um nome pelo qual o conhecemos. Dar um nome, nas civilizações antigas, significava dominar ou atribuir determinadas características ou funções a alguém. Se se conhece o nome de uma pessoa, pode exercer-se influência sobre ela. O nome designa de tal forma a identidade e a **função** que em determinados cargos ou relações de pertença se muda o nome da pessoa (como acontece com o papa), querendo significar uma mudança radical de vida.

Tarefa...



Desenhar Deus

Em conjunto e com a colaboração de cada um façam, no quadro, um desenho que no vosso entender seja como imaginam que Deus possa ser e atribuam-lhe um nome que no vosso entender o defina.

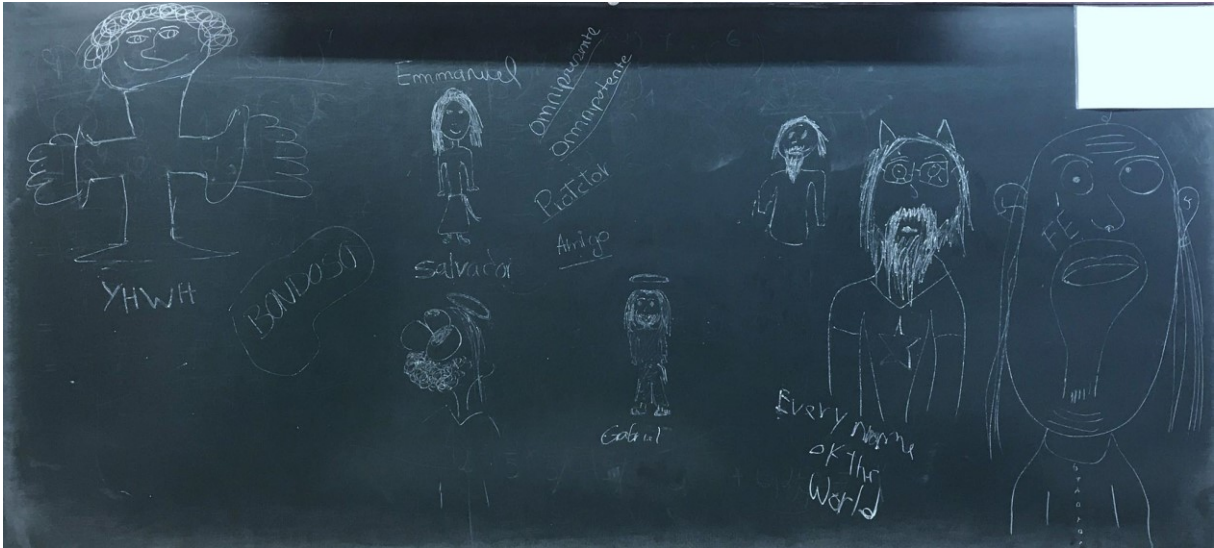
Síntese da aula

Desde o início da humanidade que a noção da existência de Deus povoa a mente humana e faz parte da sua linguagem.






Deus na perspectiva do 9ºA



Deus na perspectiva do 9ºB





UL 2 – Deus, o grande mistério

Aula n.º17
30/01/18

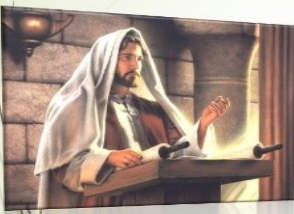
Sumário:
O Deus de Jesus Cristo.

Síntese da aula anterior

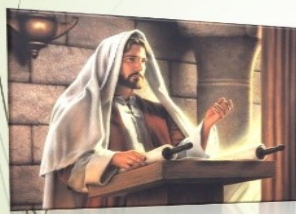


Desde o início da humanidade que a noção da existência de Deus povoa a mente humana e faz parte da sua linguagem.

O Deus de Jesus Cristo



- ❖ Jesus Cristo acreditava no Deus único do Antigo Testamento: o Deus criador, onipotente, juiz...
- ❖ A sua relação profunda com Ele e a sua relação com a vida das pessoas manifestam uma outra imagem de Deus.



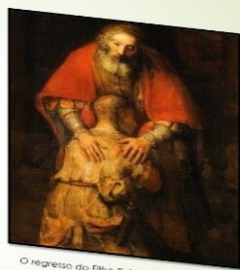
- ❖ Jesus vem trazer a grande novidade: **Deus é Pai inequivocamente bom.**
- ❖ É um Deus que ama os seus filhos tal como eles são e ama-os a todos por igual.
- ❖ Jesus apresenta-nos um Deus bom que se torna presente no amor e na salvação oferecida a todas as pessoas.

- ❖ A mensagem de Jesus mostra-nos que Deus é **pai de todos** e não apenas dos que cumprem a lei de Moisés.
- ❖ Deus não aprova todos os comportamentos que cada um tem, mas porque ama a todos com amor infinito, como um pai ama o seu filho, dispõe-se a acolher cada um na bondade do seu coração.



O regresso do filho Pródigo, Rembrandt

- ❖ É um Deus profundamente interessado em **libertar o ser humano** dos seus medos, das suas frustrações, das suas fragilidades, tornando-se o **garante de uma vida em plenitude**, fundada no amor e na solidariedade.



O regresso do filho Pródigo, Rembrandt



Os cristãos, tal como Jesus, acolhem a presença de um Deus que lhes oferece confiança, liberta-os dos seus medos e dos seus egoísmos e leva-os **a servir os outros**.

A arte de "dizer" Deus

A arte, em geral, e a arte sacra, em particular, tem um profundo **sentido espiritual**, uma vez que revela o sentido oculto da vida e do universo.

Pietà
Michelangelo

Todas as formas de arte são extensões da obra criadora de Deus, o primeiro e eterno artista.

O universo inteiro é uma grande obra de arte.

Mas, para além da natureza, podemos observar a maravilha da criação artística de Deus em nós mesmos.

A iconografia
(do grego *Eikon* = imagem + *graphia* = escrita) é uma forma de linguagem visual que utiliza imagens para representar determinado tema. A iconografia estuda a origem e a formação das imagens. A palavra ícone quer dizer literalmente «**imagem**». Na sua origem, o verdadeiro sentido de ícone é o de uma imagem que nos leva a Deus.

Procura compreender o que dizem os artistas nas suas obras-primas, os mestres sérios. Aí está Deus.

Vincent van Gogh

Música
Verbo de Deus
Tolentino Mendonça
(teólogo e poeta contemporâneo)

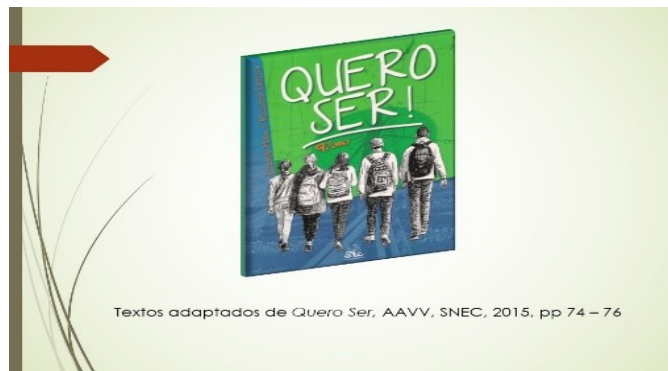
Tarefa...

Interpreta a notícia que recebeste e em grupo descobre como é que Deus interpretaria essa mesma notícia.

Ver e agir com os olhos de Deus

Síntese da aula

O Deus de Jesus Cristo é incondicionalmente bom e o ser humano necessita de O representar para melhor se relacionar com Ele.



NOTÍCIAS PARA REALIZAÇÃO DA TAREFA

Liberdade no mundo atingiu o pior nível da última década



Em 2017, a liberdade do mundo atingiu o pior nível em 12 anos. Esta é a conclusão do relatório da organização não-governamental Freedom House.

Divulgado esta terça-feira, o relatório anual sobre direitos políticos e liberdades civis centra-se sobretudo na **crise da democracia** a nível global. O documento, intitulado “Freedom in the World 2018: Democracy in Crisis”, sublinha que a democracia está “sob ataque e a recuar em todo o mundo”.

A organização não-governamental Freedom House analisou 195 países em todo o mundo e em 71 deles detetou um “claro declínio”, com apenas 35 países a apresentar alguns progressos.

Dos 195 países avaliados neste estudo, 88 (45%) foram classificados como “livres”, 58 (30%) como “parcialmente livres” e 49 (25%) como “não livres”. De acordo com a Freedom House, o ano passado foi o **12º ano consecutivo de queda** da liberdade global.

Segundo o Diário de Notícias, dos 49 países “não livres”, a **Síria** é o que se posiciona no fundo da tabela, com uma pontuação abaixo de dez, numa escala de 100.

17 DE JANEIRO 2018

Assaltantes roubam milhões em joias no hotel Ritz de Paris



Esta quarta-feira, cinco homens armados com machados roubaram mais de quatro milhões de euros em joias no hotel Ritz, em Paris. Três assaltantes foram detidos no local.

Um grupo de cinco assaltantes armados com machados roubou, esta quarta-feira, um conjunto de jóias do hotel Ritz de Paris, com um valor estimado de **4,5 milhões** de euros. Os assaltantes quebraram as vitrinas com machados tendo o assalto sido reportado pelas 18h30 locais (17h30 em Lisboa).

“Ouvimos um **grande estrondo** e muito barulho na rua”, contou um funcionário do hotel Ritz à AFP. Várias pessoas esconderam-se no interior do hotel quando se aperceberam do assalto.

Segundo o Público, três indivíduos acabaram por ser **detidos** ainda no local. Os outros dois acabaram por fugir. Uma fonte policial disse à Reuters que a perda “é muito grande” e, apesar de “continuar a ser avaliada”, estima-se que ultrapasse os quatro milhões de euros. As autoridades francesas estão à procura dos dois fugitivos.

11 DE JANEIRO 2018

Música

Verbo de Deus de Tolentino Mendonça



<https://www.youtube.com/watch?v=5ZtLbi9EL0>

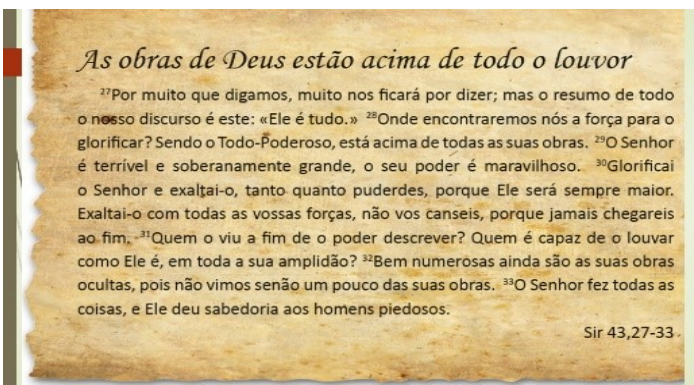
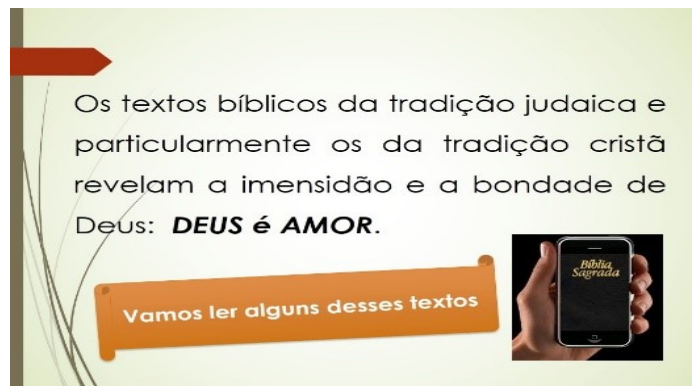
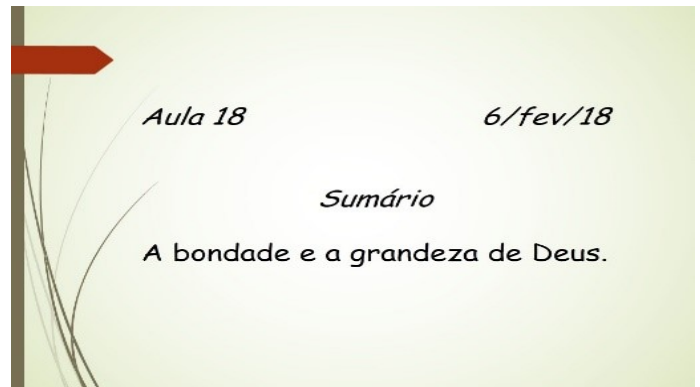
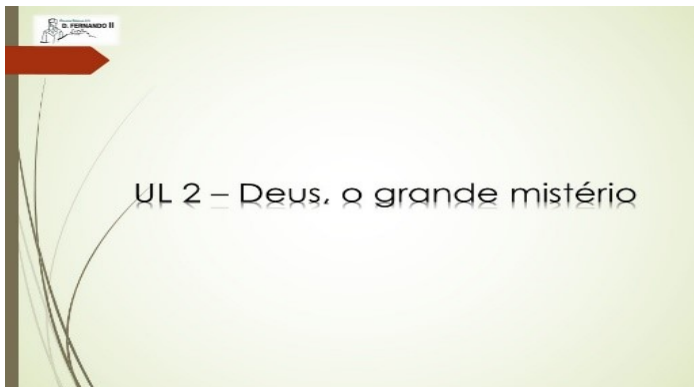
LETRA DA MÚSICA – *VERBO DE DEUS*

Queres saber de que cor / são os sonhos de Deus?
Volta a olhar o mundo / pela primeira vez. (2x)

**Pois o Verbo de Deus / acampou entre nós.
Pois o Verbo de Deus / acampou entre nós. (2x)**

Queres saber o lugar / da morada de Deus?
Volta a olhar o Homem / pela primeira vez. (2x)

Queres saber o segredo / do coração de Deus?
Volta a olhar o amor / pela primeira vez. (2x)



Salmo 23

- Sublinha que Deus é uma **presença fiel e protetora.**
- Afirma que **Deus guarda, orienta e conduz as pessoas.**
- Convida à **confiança** e à **fé em Deus.**



Fé com obras

¹⁴De que aproveita, irmãos, que alguém diga que tem fé, se não tiver obras de fé? Acaso essa fé poderá salvá-lo? ¹⁵Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem de alimento quotidiano, ¹⁶e um de vós lhes disser: «Ide em paz, tratai de vos aquecer e de matar a fome», mas não lhes dais o que é necessário ao corpo, de que lhes aproveitará? ¹⁷Assim também a fé: se ela não tiver obras, está completamente morta.

Tg 2,14-17

Carta de Tiago

- Sublinha que **a fé e as obras são inseparáveis.**
- Afirma que não basta acreditar e proclamar a fé com palavras.
- Convida os cristãos a uma **fé viva** que se concretize em obras de **amor.**



Sir 43, 27-33

- grandeza
- mistério

Deus

Sl 23

- presença fiel
- proteção

Crentes

Tg 2, 14-17

- fé
- obras

Tarefa



Troca de segredos

Escreve sinais da presença do amor e da bondade de Deus na tua vida, na natureza e/ou na sociedade.

❖ DEUS: oceano de AMOR

❖ **A fé só faz sentido se TRANSFORMAR A VIDA**



❖ **Quem não sabe amar a Deus e aos irmãos acabará por se dar conta que atravessou a vida sem a **saborear!****

Síntese

A tradição judaica – e particularmente a cristã – revelam a imensidão e a bondade de Deus. Deus é Amor.



O Regresso do Filho Pródigo. Estabon Mureb



Textos adaptados de *Quero Ser*, AAVV, SNEC, 2015, pp 77 – 80

Música – *Salmo “O Senhor é meu Pastor”*

Refrão: Senhor é meu pastor, nada me falta, nada me falta

Leva-me a descansar em verdes prados
Conduz-me às águas refrescantes.
Reconforta a minha alma e conduz-me por
seus caminhos,
Por amor do seu nome
Ainda que eu passe por vales tenebrosos,
Nada temo, porque tu estás comigo.
Teu bastão e teu cajado confortam meu
sofrimento.
Meu Senhor, bom Pastor

Preparas diante de mim mesa abundante
À vista dos meus inimigos;
Unções com óleo minha cabeça, e transborda a
minha taça
Meu Senhor e bom Pastor

Tua bondade e graça me acompanham
Porque sei, Senhor, que tu estás comigo.
Habituarei na tua casa nos dias da minha vida,
Por todo o sempre, meu Senhor



<https://www.youtube.com/watch?v=nuwIhj8K-A4>



UL 2 – Deus, o grande mistério

Aula n.º 19 20/02/2018

Sumário:
A fé cristã.

Síntese da aula anterior

A tradição judaica – e particularmente a cristã – revelam a imensidão e a bondade de Deus.
Deus é Amor.



O Regresso do Filho Pródigo, Esteban Murillo

Do
Deus de um povo
ao
Deus universal



O povo de Israel esperava a salvação que havia de manifestar-se com a chegada do **Messias**, daquele que seria sinal do Deus Todo-Poderoso e libertador, capaz de devolver a identidade e a independência ao seu povo.

A revelação da vontade libertadora de Deus acontece com o nascimento do Deus Menino, **Jesus**, o **Deus-connosco**, o rosto visível de Deus invisível, o Messias cuja mensagem de **fraternidade universal** pretende reunir todas as pessoas sob a presença do amor de Deus.



Pai-Nosso, James Tissot

Jesus é o rosto de Deus Pai, que não limita o seu amor infinito ao povo de Israel, mas inclui a totalidade da humanidade.

Por isso, os que seguem Jesus, o Bom Pastor, reconhecem-se como irmãos e veem nos outros pessoas igualmente amadas por Deus.

A fé cristã



A fé é um exercício de narração da existência (uma experiência de vida) a partir do encontro com Jesus Cristo.



É este exercício que permite passar:

- Da fé como crença para a fé como **encontro**.
- Da fé como aceitação de verdades para fé como **adesão pessoal**.
- Da fé como obediência a uma autoridade para a fé como **confiança e amor**.

Porque Deus é Amor,
os cristãos vivem o
mandamento do amor
até ao limite.



A fé cristã vive-se na relação com o próximo
na construção de um mundo solidário e fraterno.



**Quem se empenha em
servir os outros é o
autêntico rosto de Deus a
atuar na história.**

A fé exige obras de amor



Solidariedade efeito dominó

O mandamento que Jesus
nos deixou é este:
**aquele que ama a Deus
deve também amar os seus irmãos.**

1 João 4, 21



O amor ao próximo
propicia um verdadeiro
sentimento do bem e
une-nos com os outros e
com Deus.

Leon Tolstói

sem este amor, o rico é pobre,
com o amor do próximo o pobre é rico.

OrnitizogA oinos

FÉ

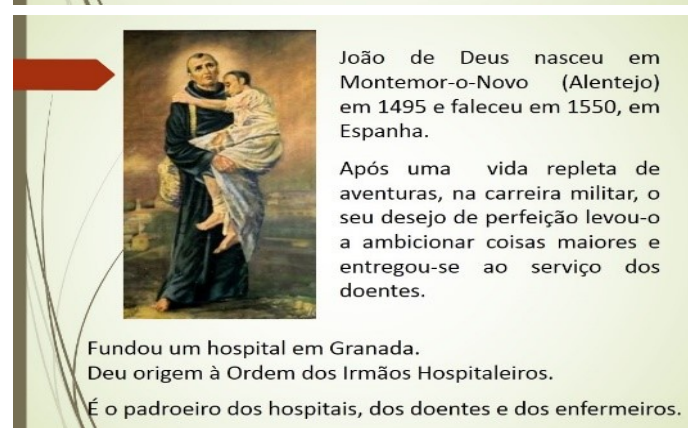
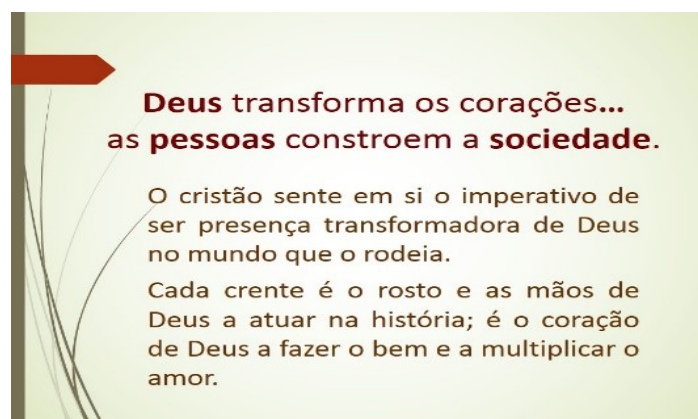
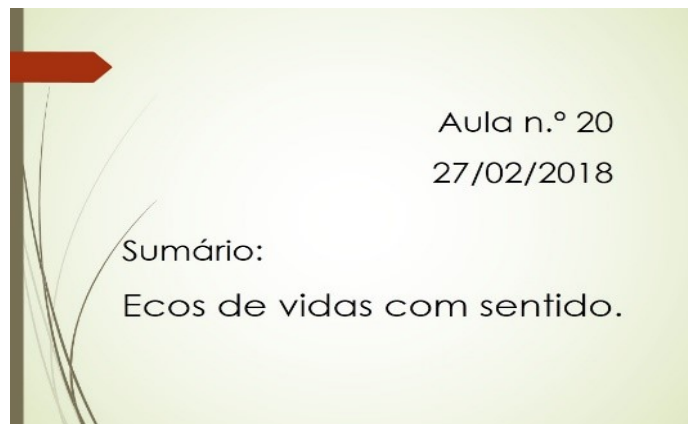
Luz que não vejo,
mas é ela que me guia!

A fé em
Deus
faz-nos crer no incrível,
ver o invisível
e realizar o impossível.

Tarefa...



Ordenar palavras
e colar a frase obtida no quadro.



Num tempo em que o doente mental era visto com desdém e alvo de preconceitos, este “louco por Deus” doou-se totalmente a cada pessoa incompreendida.

S. João de Deus viveu o amor de Deus na pessoa do doente.

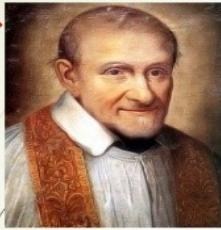
E esse amor, tornado ação, deu sentido à sua vida e é a expressão de que a fé em Deus só é viva quando amamos e servimos os outros.



Voluntariado na Casa de Saúde do Tejal



S. Vicente de Paulo



Vicente de Paulo nasceu em 1581, numa aldeia do sul da França.

Destacou-se, desde cedo, por uma notável inteligência e sentido religioso da vida. Estudou teologia e foi ordenado sacerdote.

Confrontado com tanta pobreza em contraste com a riqueza de poucos, Vicente começou a distribuir bens aos pobres e a fazer visitas aos enfermos nos hospitais.

Inspirado pelo seu amor a Deus e aos mais desamparados, S. Vicente de Paulo concretizou muitas obras de amor e fraternidade, nomeadamente, empenhou-se na luta por mais dignidade para os prisioneiros que viviam em condições sub-humanas e fundou a Congregação da Missão, para evangelização do «pobre povo do interior».

O “pai dos pobres” inspirou as Conferências Vicentinas que, espalhadas pelo mundo inteiro, vivem permanentemente o amor a Deus na ajuda aos mais carenciados.



Aristides de Sousa Mendes



Aristides de Sousa Mendes nasceu em 1885, em Cabanas de Viriato, Viseu.

Licenciou-se em Direito e, depois de ter exercido funções diplomáticas em várias cidades, foi nomeado cônsul em Bordéus.

Homem profundamente crente, Aristides sentiu o apelo de Deus ouvindo a sua consciência, dialogando com a sua família e inquietando-se com os dramas humanos que presenciou.

Para ajudar os refugiados da II Guerra Mundial, Aristides desobedeceu às ordens de Salazar e concedeu vistos a cerca de trinta mil pessoas salvando-as da carnificina nazi.

Recebeu dezenas de refugiados em sua casa.



Como consequência da sua desobediência foi proibido de exercer atividade profissional.

Teve de vender todos os seus pertences pessoais para alimentar a sua família.

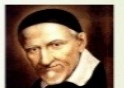
Morreu em Lisboa, na penúria, em 1954.

Vendo tantos pobres sofrerem, sinto profunda tristeza por não poder socorrê-los, mas confio em Cristo.



Se procurardes Deus, encontrá-lo-eis na pessoa do pobre.

Amemos a Deus, mas que seja com o esforço dos nossos braços.



Tenho de salvar estas pessoas. Se desobedeço a ordens, prefiro estar com Deus e contra os homens do que com os homens e contra Deus.



Tarefa...



Em grupo reflete sobre a vida destas pessoas que hoje ficaste a conhecer melhor e responde:

- 1 – O que significa ser cristão para S. João de Deus, para S. Vicente de Paulo e para Aristides Mendes?
- 2 – Como vivenciou cada um destes três cristãos o seu amor a Deus?
- 3 – Como avalias a atitude de Aristides Sousa Mendes de desobedecer à lei e de se ter prejudicado a si para salvar outras vidas?

Síntese da aula

Deus atua no mundo através das ações e do testemunho de pessoas que ousam confiar n'Ele e se empenham no bem comum e na transformação da sociedade.

As vezes é fácil pensar que amor
É dizer palavras lindas ao vento (sim)
As vezes é fácil pensar que amar
É sentir no peito aquela dor e dizer eu te amo
Mas não é assim
Amor é muito mais do que aquilo que o mundo vê
Mas é só pedir a Cristo me ensina a amar
Me ensina a cuidar
Ó meu Senhor pois só tu sabes o que é real amor me ensina a amar
Me ensina a cuidar
Ó meu Senhor pois só tu sabes o que é real amor
Pois amar não é fácil
Nele não há inveja, nem mentira
E sempre há compaixão (sim)
Amor é um sacrifício
Amor não é indecente, sempre é crente e não é traição (não)
Mas não é assim amor é muito mais do que aquilo que o mundo vê
Mas é só pedir a Cristo me ensina a amar
Me ensina a cuidar
Ó meu Senhor pois só tu sabes o que é real amor me ensina a amar
Me ensina a cuidar
Ó meu Senhor pois só tu sabes o que é real amor
É Jesus Cristo que me vai ensinar o verdadeiro amor
Porque ele deu sua vida por mim e não há amor igual
Me ensina a amar (me ensina a amar)
Me ensina a cuidar (me ensina a cuidar)
Ó meu Senhor (Ó Jesus Cristo)
Pois só tu sabes o que é real amor (só tu, só tu)
Me ensina a amar (me ensina a amar)
Me ensina a cuidar (me ensina a cuidar)
Ó meu Senhor pois só tu sabes o que é real amor (pois só tu sabes, só tu sabes)
Me ensina a amar
Me ensina a cuidar
Ó meu Senhor pois só tu sabes o que é real amor me ensina a amar (só tu sabes)
Me ensina a cuidar (só tu sabes)
Ó meu Senhor pois só tu sabes o que é real amor



Textos adaptados de *Quero Ser*, AAVV, SNEC, 2015, pp 82 - 84

Música – “*Ensina-me a amar*” Anselmo Raph

<https://www.youtube.com/watch?v=HTIEP5HdX-U>



PowerPoint



UL 2 – Deus, o grande mistério

Aula n.º21
06/03/18

Sumário:
Instituições cristãs empenhadas
no bem comum.

Síntese
da aula anterior



Deus atua no mundo através das ações e do testemunho de pessoas que ousam confiar n'Ele e se empenham no bem comum e na transformação da sociedade.

Instituições
cristãs



Internacional /
Portuguesa / Diocesana



Surgiu em meados do séc. XX e está presente em cerca de 200 países.
Orienta a sua ação de acordo com os imperativos da caridade, dando resposta às situações mais graves de pobreza, exclusão social e situações de emergência.



Conferências Vicentinas



Foi fundada em 1813 por Frederico Ozanam com o objetivo de formar uma rede de caridade de ajuda ao próximo.
É uma instituição que alivia o sofrimento dos pobres e incentiva a promoção da dignidade humana.



Primeira ONG do mundo, fundada em 1498, pela rainha D. Leonor, a **Santa Casa da Misericórdia de Lisboa** é conhecida pela sua ação social, desenvolvendo também importante trabalho nas áreas da saúde, educação, cultura e promoção da qualidade de vida. As Misericórdias espalhadas por todo o país, expressam as 14 obras de Misericórdia.

OBRAS DE MISERICÓRDIA

CORPORAIS & ESPIRITUAIS

DAR DE COMER A QUEM TEM FOME		INSTRUIR OS IGNORANTES	
DAR DE BEBER A QUEM TEM SEDE		DAR BOM CONSELHO	
ACOLHER OS DESABRIGADOS		ADMOESTAR OS QUE ERRAM	
VESTIR OS NUS		PERDOAR AS OFENSAS	
VISITAR OS DOENTES		CONFORTAR OS AFLITOS	
VISITAR OS ENCARCERADOS		SUPTORAR COM PACIÊNCIA AS FRAQUEZAS ALHEIAS	
ENTERRAR OS MORTOS		ROGAR A DEUS PELOS VIVOS E DEFUNTOS	

oninho



Surgiu em Portugal em 1967, seguindo o modelo de O Ninho francês criado em Paris pelo Padre André Marie Talvas, em 1936. Tem como objetivo a promoção humana e social de mulheres vítimas de prostituição.



*Deus é real se Se manifesta no hoje.
Deus está em toda a parte.
Existe a tentação de procurar Deus no passado ou no futuro.
Mas Deus "concreto" é hoje.*

Papa Francisco



O que é ser voluntário

Síntese da aula



Em nome de Deus e a partir da experiência crente, as Instituições Cristãs dedicam-se a fazer o bem e a afirmar a dignidade humana na sociedade.

Tarefa...

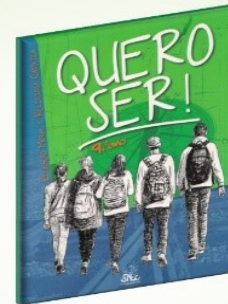


Vamos fundar uma Instituição de Solidariedade Social

Em grupo decide:

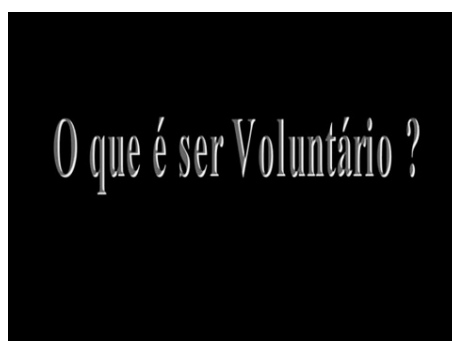
- Nome da instituição
- Público alvo
- Objetivos

E apresenta aos demais grupos

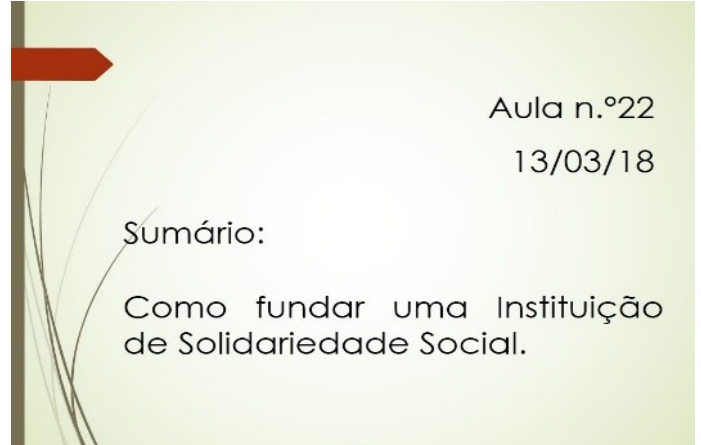


Textos adaptados de Quero Ser, AAVV, SNEC, 2015, pp 88 a 92

VÍDEO



<https://www.youtube.com/watch?v=E7QxOHltp1A>



Tarefa...



Tendo em conta a atividade que realizaram a semana passada, em grupo pesquisem agora os passos a dar para constituírem a vossa Instituição.

Tenham em conta:

- ✓ Nome da instituição
- Logotipo – *sigla que que identifica uma entidade*
- ✓ Público alvo
- ✓ Objetivos
- Estatutos – *"normas jurídicas com a função de regular as relações de pessoas, que têm em comum pertencerem ao mesmo território ou sociedade."*
- Localidade

- ❖ **ASP – Adolescentes que se sentem perdidos**
Objetivo - ajudar e orientar adolescentes

- ❖ **Ajuda à maternidade**
Objetivo – Acolher e ajudar adolescentes grávidas desamparadas.

- ❖ **Em busca de uma vida melhor**
Objetivo – Acolher e ajudar dando educação, casa e trabalho aos sem abrigo.

SITES DE PESQUISA



- ❖ http://www.segsocial.pt/documents/10152/15030/constituicao_jps
- ❖ <https://pt.slideshare.net/BrunoSimes1/como-criar-uma-associacao-26588010>
- ❖ <https://pt.wikihow.com/Fundar-uma-Institui%C3%A7%C3%A3o-de-Caridade>

Síntese da aula

A fé e as obras são inseparáveis



Textos adaptados de *Quero Ser*, AAVV, SNEC, 2015, pp 88 a 90

Lista de músicas escolhidas para ambiente a quando da realização da tarefa

- 🎵 John Williams - La Lista de Schindler

<https://www.youtube.com/watch?v=vSwB4vcf5hk>

- 🎵 *Verbo de Deus* de Tolentino Mendonça

<https://www.youtube.com/watch?v=5ZtLbi9EL0>

- 🎵 Sabor da maçã

<https://www.youtube.com/watch?v=izmVgFXWbwg>

Anexo X

Lição nº 23

PowerPoint



UL 2 – Deus, o grande mistério

Aula n.º 23
20/03/2018

Sumário:
Apresentação dos trabalhos de grupo (Instituições de Solidariedade Social).
Autoavaliação.

Síntese da aula anterior



A fé e as obras são inseparáveis

Tarefa...



Apresentação dos trabalhos de grupo:
"Vamos fundar uma Instituição de Solidariedade Social – IPSS"




Síntese da aula



A bondade de Deus transforma a vida do crente num apelo à esperança e empenha-o na construção de um mundo solidário.



Tarefa...



Terminada a UL 2 apresentamos novamente as perguntas com que a iniciámos:

1. Quem é Deus para mim?
2. O que significa Deus na minha vida?
3. Por que razão acredito – ou não acredito – em Deus?

“QUEM QUER SER CRISTÃO”



Existem 3 ajudas:

- Ajuda do Manual
- Ajuda de um colega
- Ajuda da Professora

Cada equipa pode utilizar as três ajudas

15	100 %
14	90 %
13	80 %
12	70 %
11	60 %
10	50 %
9	40 %
8	30 %
7	20 %
6	10 %
5	5 %
4	4 %
3	3 %
2	2 %
1	1 %

Qual o assunto da última aula?

15	100 %	CRISTÃO
14	90 %	
13	80 %	
12	70 %	
11	60 %	
10	50 %	
9	40 %	
8	30 %	
7	20 %	
6	10 %	
5	5 %	
4	4 %	
3	3 %	
2	2 %	
1	1 %	

- Instituições de assistência
- Fé e Razão
- As origens
- A arte

1% cristão

Qual o principal objetivo destas Instituições?

15	100 %	CRISTÃO
14	90 %	
13	80 %	
12	70 %	
11	60 %	
10	50 %	
9	40 %	
8	30 %	
7	20 %	
6	10 %	
5	5 %	
4	4 %	
3	3 %	
2	2 %	
1	1 %	

- Ganhar €
- Obter prestígio
- Apregoar a Palavra de Deus
- Afirmar a dignidade humana

2% cristão

Está presente em mais de 200 países, sobretudo para assistir os mais pobres:

15	100 %	CRISTÃO
14	90 %	
13	80 %	
12	70 %	
11	60 %	
10	50 %	
9	40 %	
8	30 %	
7	20 %	
6	10 %	
5	5 %	
4	4 %	
3	3 %	
2	2 %	
1	1 %	

- O Ninho
- Cáritas
- Banco Alimentar
- Santa Casa da Misericórdia

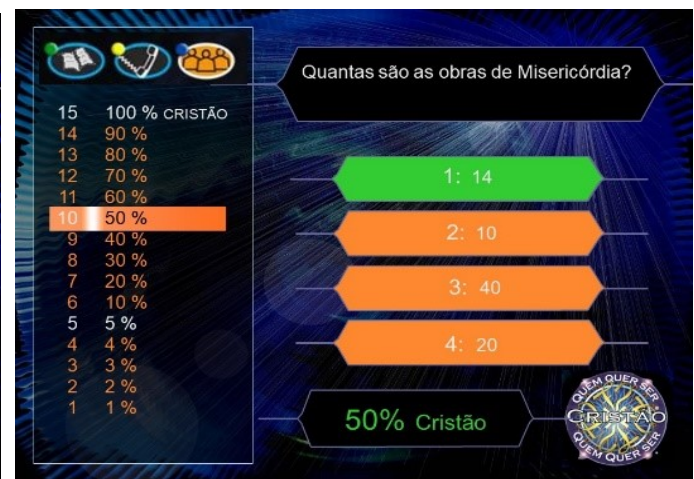
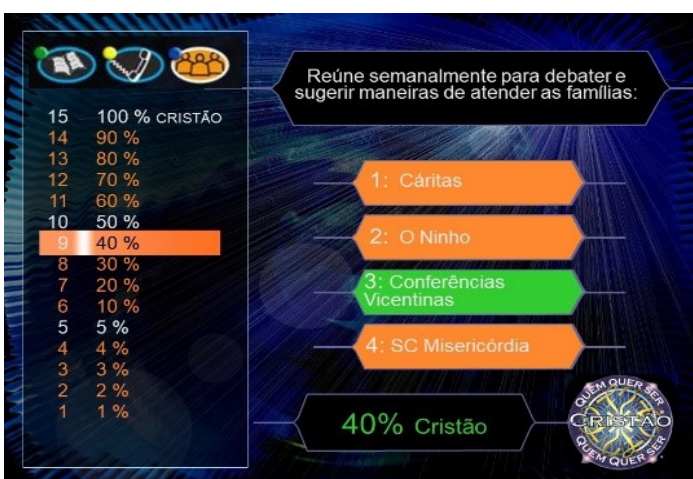
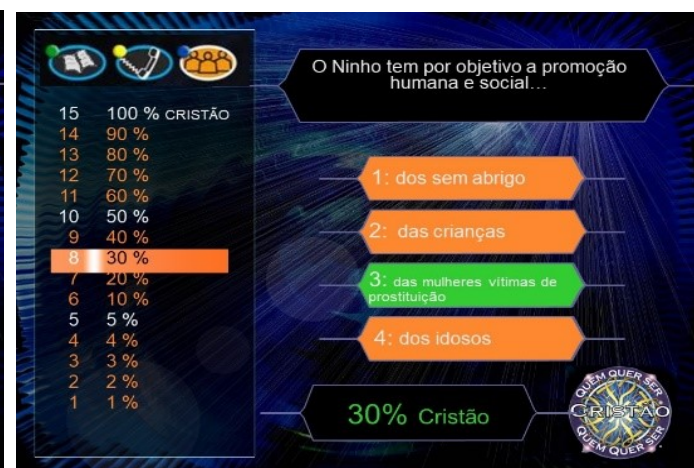
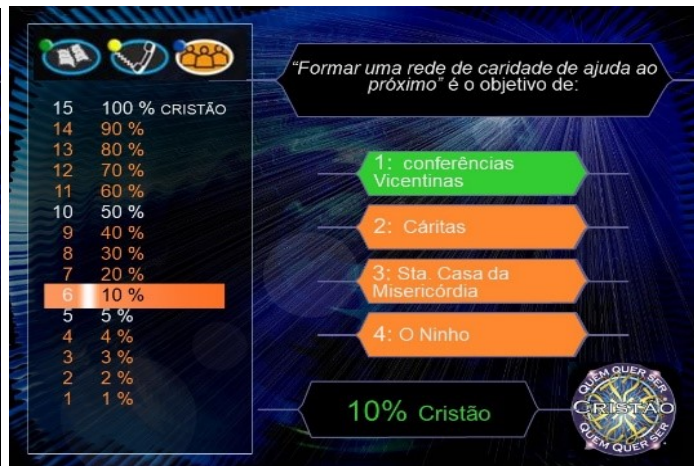
3% cristão

Foi fundada em 1498 e é a primeira ONG do mundo:

15	100 %	CRISTÃO
14	90 %	
13	80 %	
12	70 %	
11	60 %	
10	50 %	
9	40 %	
8	30 %	
7	20 %	
6	10 %	
5	5 %	
4	4 %	
3	3 %	
2	2 %	
1	1 %	

- Conferências Vicentinas
- Santa Casa da Misericórdia
- O Ninho
- Cáritas Portuguesa

4% cristão



AS Conferências Vicentinas foram fundadas pelo padre Frederico Ozanam em:

15	100 % CRISTÃO
14	90 %
13	80 %
12	70 %
11	60 %
10	50 %
9	40 %
8	30 %
7	20 %
6	10 %
5	5 %
4	4 %
3	3 %
2	2 %
1	1 %

- 1: 1812
- 2: 1813
- 3: 1810
- 4: 1811

60% Cristão




O espírito de misericórdia passa a ser uma ação organizada pela mão da rainha:

15	100 % CRISTÃO
14	90 %
13	80 %
12	70 %
11	60 %
10	50 %
9	40 %
8	30 %
7	20 %
6	10 %
5	5 %
4	4 %
3	3 %
2	2 %
1	1 %

- 1: D. Maria I
- 2: D. Beatriz
- 3: Santa Isabel
- 4: D. Leonor

70% Cristão



São Vicente de Paulo dedicou-se radicalmente aos pobres. Viveu plenamente a:

15	100 % CRISTÃO
14	90 %
13	80 %
12	70 %
11	60 %
10	50 %
9	40 %
8	30 %
7	20 %
6	10 %
5	5 %
4	4 %
3	3 %
2	2 %
1	1 %

- 1: a Liberdade
- 2: A Caridade
- 3: A Fé
- 4: A Justiça

80% Cristão




A missão da Cáritas é a construção de um mundo melhor. Procura:

15	100 % CRISTÃO
14	90 %
13	80 %
12	70 %
11	60 %
10	50 %
9	40 %
8	30 %
7	20 %
6	10 %
5	5 %
4	4 %
3	3 %
2	2 %
1	1 %

- 1: cumprir os mandamentos de Deus
- 2: ser conhecida
- 3: Viver o amor a Deus, no serviço aos outros.
- 4: a Misericórdia

90% Cristão



Quem em 2003 recebeu na Assembleia da República o prémio Direitos Humanos?

15	100 % CRISTÃO
14	90 %
13	80 %
12	70 %
11	60 %
10	50 %
9	40 %
8	30 %
7	20 %
6	10 %
5	5 %
4	4 %
3	3 %
2	2 %
1	1 %

- 1: Cântas Portuguesa
- 2: O Ninho
- 3: Santa Casa da misericórdia
- 4: Conferências Vicentinas



Parabéns!!!
Mas atenção!
 Ao cristão não basta que saiba ou celebre a fé!
 Só será verdadeiro cristão se a viver!

100% Cristão

Anexo XI

Grelha I

GRELHA DE OBSERVAÇÃO DIÁRIA EMRC
Ano letivo: 2017/2018
Período: ___ Ano/Turma: _____

Identificação do aluno		Data:						Data:					
Nº	Nome	Assiduidade/Pontualidade	Comportamento	Portador de material necessário	Participação	Empenho na realização das tarefas	Observações	Assiduidade/Pontualidade	Comportamento	Portador de material necessário	Participação	Empenho na realização das tarefas	Observações
1													
2													
3													
4													
5													
6													
7													
8													
9													
10													
11													
12													
13													
14													
15													

Legenda: **M** – Mau **I** – Insuficiente **S** – Suficiente **B** – Bom **MB** – Muito Bom

A docente:
Maria Inês Oliveira

Anexo XII

Grelha II

GRELHA DE ANÁLISE E AVALIAÇÃO DOS TRABALHOS DE GRUPO

Ano letivo: 2017/2018

Tema: _____ Período: ____ Ano/Turma: _____

Competências avaliadas ao grupo		Grupo I	Grupo II	Grupo III
Recolha e pesquisa de informação				
Interação e cooperação do grupo (relacionamento entre os diferentes elementos do grupo)				
Responsabilidade no cumprimento das atividades individuais de cada elemento				
Apresentação	Clareza das ideias			
	Criatividade			
	Participação oral			
Avaliação				

Legenda: M – Mau I – Insuficiente S – Suficiente B – Bom MB – Muito Bom

A docente:

Maria Inês Oliveira

Anexo XIII

Grelha III

GRELHA DE AVALIAÇÃO FINAL
Ano letivo: 2017/2018
1º Período Ano/Turma: _____

Identificação do aluno		DOMINIO COGNITIVO (60%)					DOMINIO PESSOAL E SOCIAL (40%)					Avaliação Final	Observações	
Nº	Nome	Participação	Debates	Trabalhos de grupo	Trabalhos individuais	Conhecimento de pesquisa para a realização de trabalhos	...	Assiduidade/Pontualidade	Cumprimento de regras de convivência e respeito	Responsabilidade e Empenho	Autonomia			Autoavaliação
1														
2														
3														
4														
5														
6														
7														
8														
9														
10														
11														
12														
13														
14														
15														

A docente:

Maria Inês Oliveira

Anexo XIV

Grelha IV

GRELHA DE AVALIAÇÃO FINAL
Ano letivo: 2017/2018
2º Período Ano/Turma: _____

Identificação do aluno		DOMINIO COGNITIVO (60%)					DOMINIO PESSOAL E SOCIAL (40%)					Avaliação Final 1º Período	Avaliação Final	Observações	
Nº	Nome	Participação	Debates	Trabalhos de grupo	Trabalhos individuais	Conhecimento de pesquisa para a realização de trabalhos	...	Assiduidade/Pontualidade	Cumprimento de regras de convivência e respeito	Responsabilidade e Empenho	Autonomia				Autoavaliação
1															
2															
3															
4															
5															
6															
7															
8															
9															
10															
11															
12															
13															
14															
15															

A docente:
Maria Inês Oliveira

Anexo XV

Grelha V

GRELHA DE AVALIAÇÃO FINAL
Ano letivo: 2017/2018
3º Período Ano/Turma: _____

Identificação do aluno		DOMINIO COGNITIVO (60%)					DOMINIO PESSOAL E SOCIAL (40%)					Avaliação Final 1º Período	Avaliação Final	Observações	
Nº	Nome	Participação	Debates	Trabalhos de grupo	Trabalhos individuais	Conhecimento de pesquisa para a realização de trabalhos	...	Assiduidade/Pontualidade	Cumprimento de regras de convivência e respeito	Responsabilidade e Empenho	Autonomia				Autoavaliação
1															
2															
3															
4															
5															
6															
7															
8															
9															
10															
11															
12															
13															
14															
15															

A docente:
Maria Inês Oliveira

Anexo XVI

Grelha VI

FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO
Ano letivo: 2017/2018
Período: ___ Ano/Turma: _____

Competências avaliadas ao grupo	Sempre	Às vezes	Nunca
Fui assíduo/a?			
Cumpri as regras estabelecidas?			
Participei nas atividades propostas?			
Respeitei a opinião dos outros?			
Partilhei ideias e opiniões?			
Fiz perguntas sem medo?			
Gostei da forma como os assuntos foram tratados?			

➤ Neste espaço refere, na tua opinião, quais os aspetos positivos ou negativos acerca da lecionação da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica e caso seja o caso o que poderia mudar.

A docente:
Maria Inês Oliveira

